

S

REVISTA DA

Semana

Nº 30 — 26 julho 58 — Cr\$ 10.00

**O RANGER SOLTA
FOGUETES
DE BOA-VIZINHANÇA**

**ADALDO
NA RETA**

**O ORIENTAL
ASSUSTA**





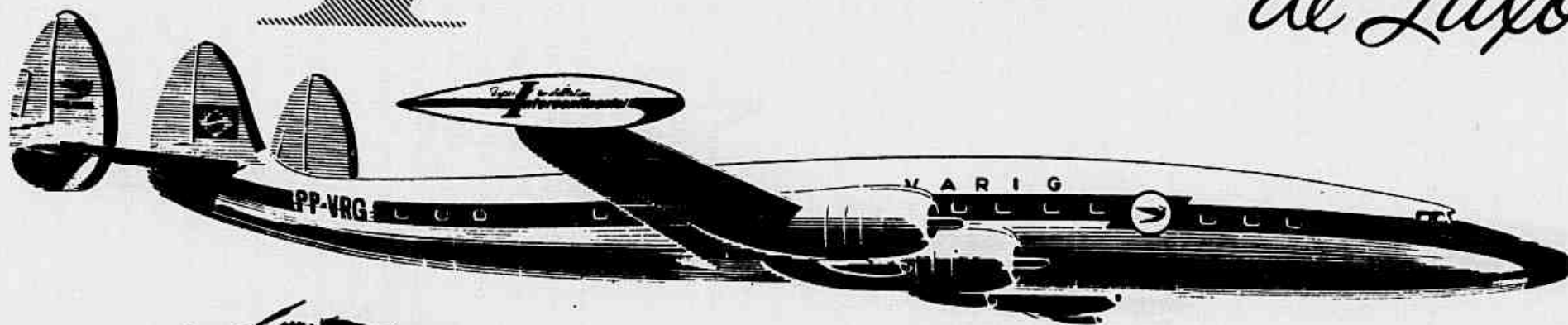
Rio

Trinidad

N. York

no ultra confortável

Super **Constellation** **Intercontinental** *de Luxo*



Agora, duas vezes por semana a VARIG realiza vôos ainda mais rápidos a Nova York, com uma escala apenas, Port Of Spain... em seus novos Super Constellation Intercontinental de Luxo... com radar, leitos confortáveis, poltronas «sleeperettes» e um esmerado tratamento a bordo.

* Também dois vôos semanais a Nova York via Belém e Ciudad Trujillo. Em ambas as rotas, acomodações e tarifas de Primeira Classe e tarifas econômicas na Classe Turista.

VARIG

O MELHOR SERVIÇO PARA NOVA YORK

Consulte seu agente de turismo ou as agências da Varig sobre os novos planos de financiamento da sua viagem ao exterior.

LEIA:

A CAPA

Emulinha Borba (Ektachrome George Gafner)

REPORTAGENS

Semana Russa no Municipal	4
Um Pouco da História do Grande Prêmio Brasil	8
O Ranger soltou foguetes de boa vizinhança	13
Santo Antônio volta ao pó	31
Recordações da casa do meio-século	44
70.000 funcionários esperam as adicionais	53
O Oriente assusta o mundo	63

DEPARTAMENTO ESPECIALIZADO

Adalgisa na reta final	20
Os maus fados não resistem	42

NOVELA POLICIAL

O Mistério do Arayado	27
-----------------------	----

CONTO

O Homem Alto	35
--------------	----

MODAS

Sua elegância requer cuidados	39
-------------------------------	----

CINEMA

Hitchcock — o «suspense» realista	55
-----------------------------------	----

POLÍTICA

Trapézio	59
----------	----

SECÇÕES

Letras e Artes	25
A Revista há cinquenta anos	41
Humor	58

Diretor-Presidente: Gratuliano Brito. Diretor-Comercial: Joffre Amado. Diretor-Secretário: Aluizio Alves — Rua Visconde de Maranguape nº 15, Rio. Endereço Telegráfico: «Revista». Telefones: Diretoria — 22-2622; Redação — 22-8570 e 22-4447; Publicidade e Contabilidade — 22-2550; Gerência — 22-8647; Oficinas — 22-1013; Portaria — 22-5602. — Assinatura anual — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura anual para o exterior. Cr\$ 900,00. Número avulso, Cr\$ 10,00 — Distribuição para todo o Brasil: Fernando Chingaglia Distribuidora S. A. — Avenida Presidente Vargas nº 502 — 19º andar. Telefones: 43-6097 e 32-3575. Rio de Janeiro.

A SEMANA ACABOU MELHOR...

Crônica de GUIMA

SANGUE e fogo no Iraque, ameaçando alastrar-se pelo sôpro vermelho. Com Tio Sam apressado a intervir no Líbano. E John Bull, também ligeiro, pondo o pé na Jordânia.

Meio assustado, o mundo ouve os protestos de parte a parte e acompanha o movimento de tropas, de um lado e do outro. Até que Kruchev toma a fala de bom moço e propõe que a questão seja levada aos tapêtes da ONU.

Desafoga-se a tensão. E a semana termina melhor.

* * *

AQUI, JK continua teimando em projetar-se internacionalmente, insistindo na tecla do pan-americanismo — agora menos feliz e oportuna em virtude da crise do Oriente Médio. Por isso mesmo, talvez, passa a limitar as atenções para dentro de casa, acenando com a necessidade de “pacificação” — que é recusada pelo próprio líder do PTB, ao acentuar a obrigação de cada campo, “o governo, de governar e a oposição, de fiscalizar”. Na embalagem, JK chega a deitar os olhos na velhacap, recomendando maior urgência para as obras projetadas.

* * *

DESTA vez, não houve memorando ao chefe de Polícia. E também nada mais se soube daquele caso do mendigo, ao qual haviam atado fogo; nem do caso da aeromoça, nem de tantos outros casos já mais antigos e sem solução. Porque as manchetes da semana estiveram voltadas para o novo assunto: a jovem, muito jovem mesmo, caída de uma varanda das alturas de Copacabana.

* * *

JOHN dos Passos chega ao Rio. E o mano Milton Eisenhower inicia sua viagem para as bandas do Sul, a fim de apagar as impressões da passagem de Nixon e, ao mesmo tempo, preparar o caminho para a vinda de Foster Dulles. Em torno da qual já se começou a falar, discutindo-se os planos que os estudantes cariocas teriam preparado para a sua recepção. E que ainda permaneceram meio duvidosos, não obstante as declarações oficiais “de que Sua Excelência terá as atenções que merece”.

* * *

NO mais, tivemos o prosseguimento do futebol, com as esperadas vitórias do Mengo e do Vasco, marcando o reaparecimento dos respectivos campeoníssimos do mundo; e o inesperado empate do América, com a esperada bronca de Yustrich. E a Gávea foi entrando na sua grande fase do ano, às vésperas do “sweepstake”: no clássico da semana, espécie de “trailer” do Brasil, cresceu o nome de Dulce, égua famosa, de galope feio e desajeitado, mas demolidor, deixando as esperanças que o título do grande páreo de agosto possa voltar aos campos da criação nacional, o que não acontece há 10 anos.

As telas, sem maiores novidades, continuando Brigitte Bardot com a sua graça e malícia, em uma presença perfeitamente justa e natural, tanto pelos seus méritos como pelo valor do filme em que se exhibe. E, quanto aos palcos, a passagem do ballet da Geórgia, com Chabukiani à frente.

A propósito, fique o registro contra as programações de assinaturas, em número pequeno e muito próximas — três, apenas e na mesma semana — não justificando a repetição verificada de diversos bailados.

SEMANA RUSSA NO MUNICIPAL



Texto de **WILSON COSTA**

Fotos de **ALBERTO FERREIRA**

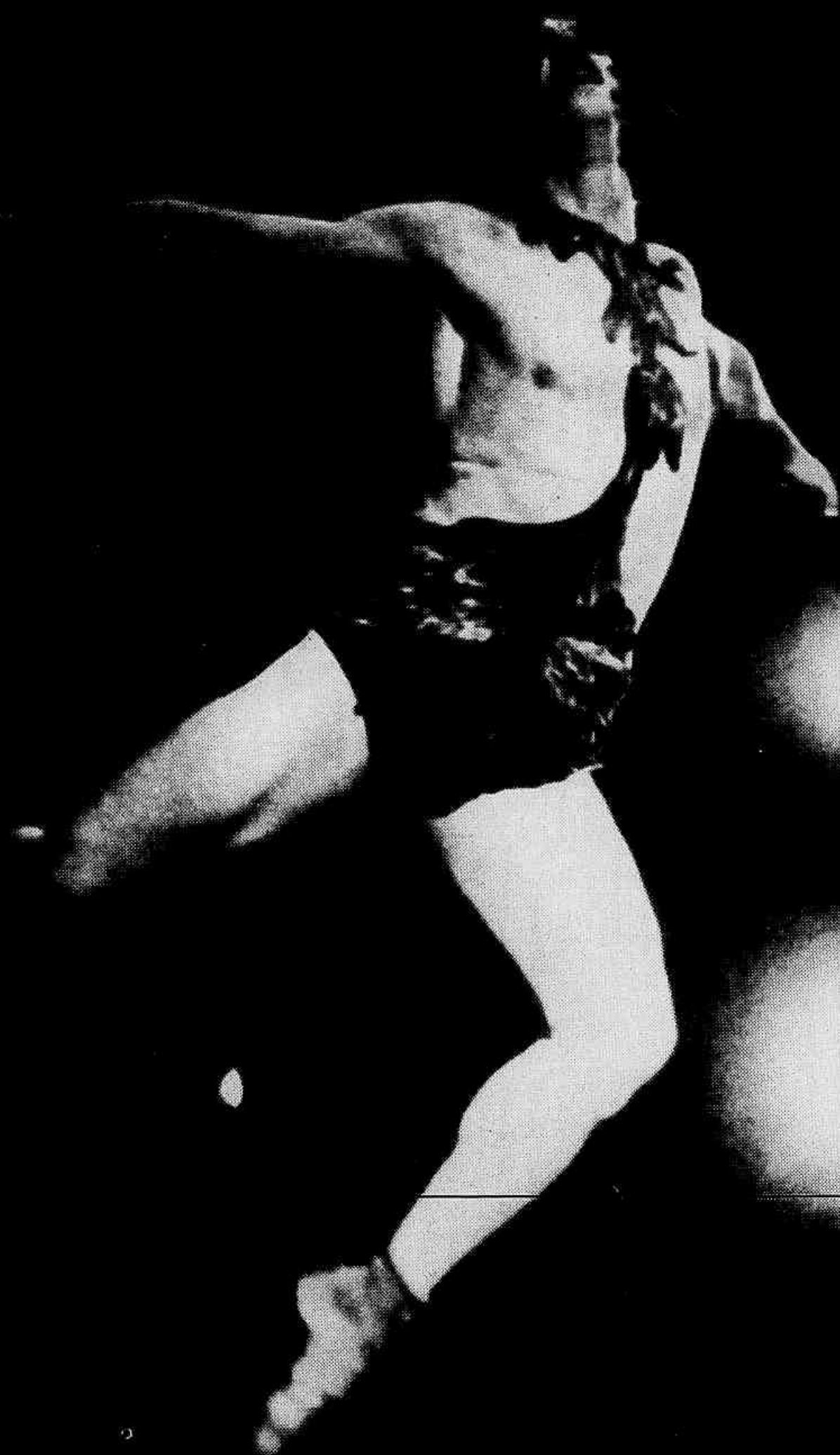
O **TEATRO MUNICIPAL** do Rio de Janeiro encontrava-se literalmente lotado para assistir à segunda récita das Estrêlas do "Ballet" Russo, tendo à frente o grande bailarino — Vakhtang Chabukiani. O temperamento arrebatado, o porte varonil, o vigor físico, o domínio da técnica e o conhecimento do repertório, asseguram a Chabukiani, apesar dos seus 48 anos, um dos primeiros lugares entre os bailarinos da atualidade.

O atual Conjunto, que se exhibe no Rio, foi todo ele preparado por esse notável dançarino. Pelo programa apresentado, podemos sentir as puras tradições do "ballet" clássico russo, como também o excitante e

sempre apreciado bailado folclórico, com as vertiginosas piruetas e rodopios, as variações sobre os joelhos e os saltos espetaculares.

A sincronização de movimentos do Grupo, aliada à perfeita arte de cada elemento, faz com que a Geórgia, local de nascimento de Chabukiani, se projetasse como um dos mais importantes centros da dança na União Soviética; nesse lugar, ele exerce atualmente a direção do Teatro Tbilisi, com as funções de "maitre de ballet" e coreógrafo, conquistando, recentemente, o Prêmio Lenin pelo muito que tem feito em prol da divulgação da arte do "bal-

PÁSSARO (MÚSICA DE MAN-
DRUS) MAGISTRAL INTER-
PRETAÇÃO DE CHABUKIANI

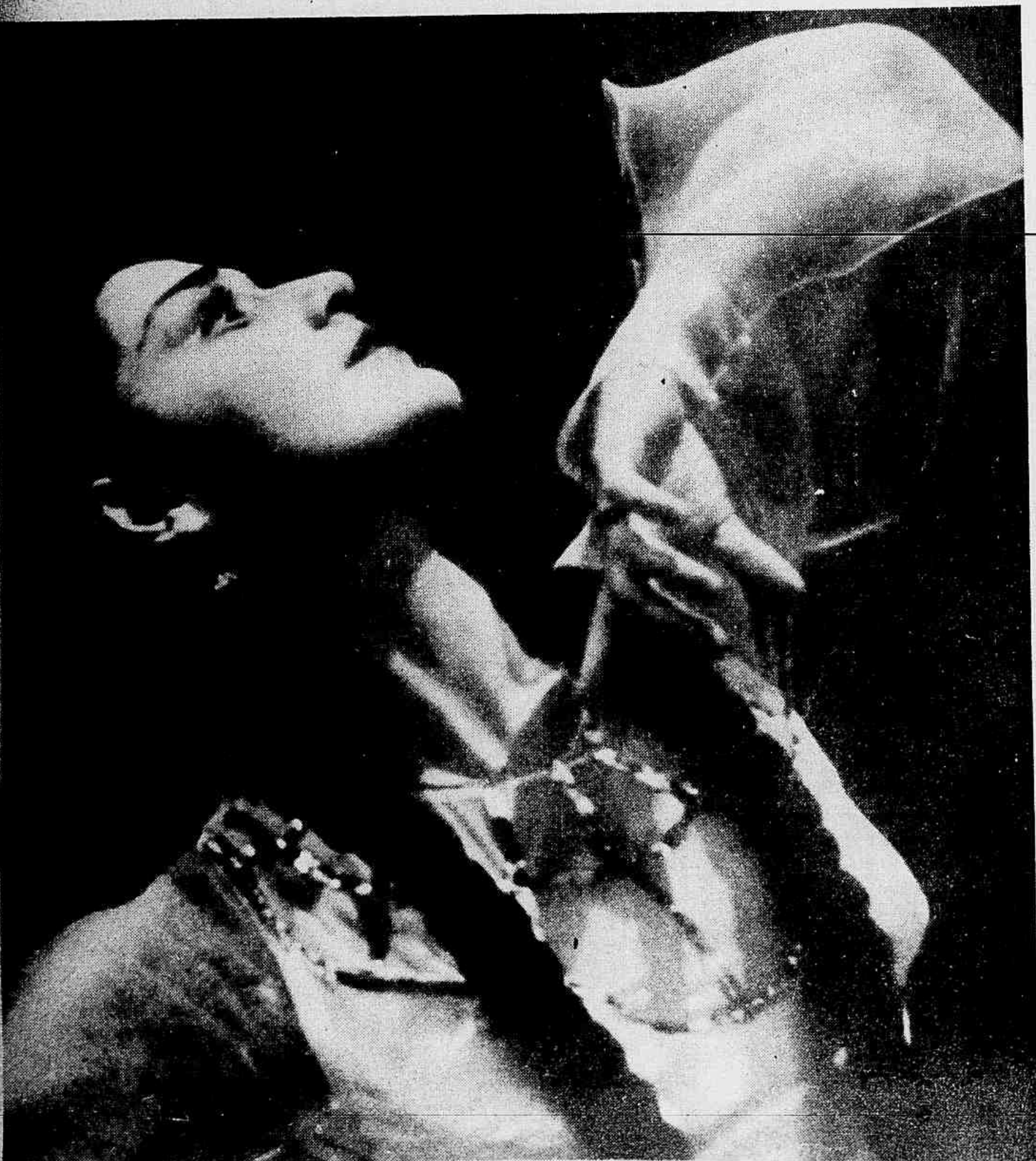


SEMANA RUSSA NO MUNICIPAL



MOMENTO MUSICAL (Música de Schubert) com Mitayschvili, Rukhadze e Antadze.

VERA ZIGNADZE, descoberta por Chabukiani, é o maior talento feminino da nova geração do "balett" da Geórgia.



GORDA (trechos do ballet de Chabukiani e

Tora

O "Othelo", de Ch

lei" na União Soviética. Seu último e grande trabalho, justamente o que lhe deu o cobiçado laurel, foi a apresentação, como intérprete coreógrafo e libretista, no "balett" "Othelo", inspirado em Shakespeare.

O público carioca teve a oportunidade de assistir, na primeira récita, apenas alguns fragmentos de "Othelo"; na verdade não seria possível, na presente temporada, apresentá-lo integralmente, pois o mesmo se compõe de quatro atos com treze quadros, que obrigam a utilização de 140 bailarinos.

Dois nomes que se destacam e que já começam a se impor no cenário artístico internacional por suas "performances": Vera Zignadze e Zurab Kikaleyschvili.

A primeira, quando dançava no Teatro de Baku, foi descoberta por Vakhtang Chabu-

kian
gia,
do E
de p

O
terp
da n
choi
apre
da c

Ve
talen
let"

tes

Al

tou

Pas

- D



Toradze, com Vera Zignadze e Kikaleyhvili.



O CORSÁRIO (pas de deux do "ballet" de Petipa, música de Adams) com V. Chabukiani e V. Zignadze.

de Chabukiani, fascinou a platéia do Municipal

kiani, que a levou para a capital da Geórgia, onde Vera passou a atuar no Teatro do Estado e, rapidamente, alcançou o posto de primeira bailarina, que ocupa até hoje.

O mestre georgiano, preparou-a para interpretar Desdêmona, no "Otelo", quando da montagem desse grande bailado no Bolchoi, da capital soviética. Sua espetacular apresentação valeu-lhe o elogio unânime da crítica moscovita.

Vera Zignadze é, sem dúvida, o maior talento feminino da nova geração do "ballet" da Geórgia, e uma das mais brilhantes bailarinas jovens da U.R.S.S.

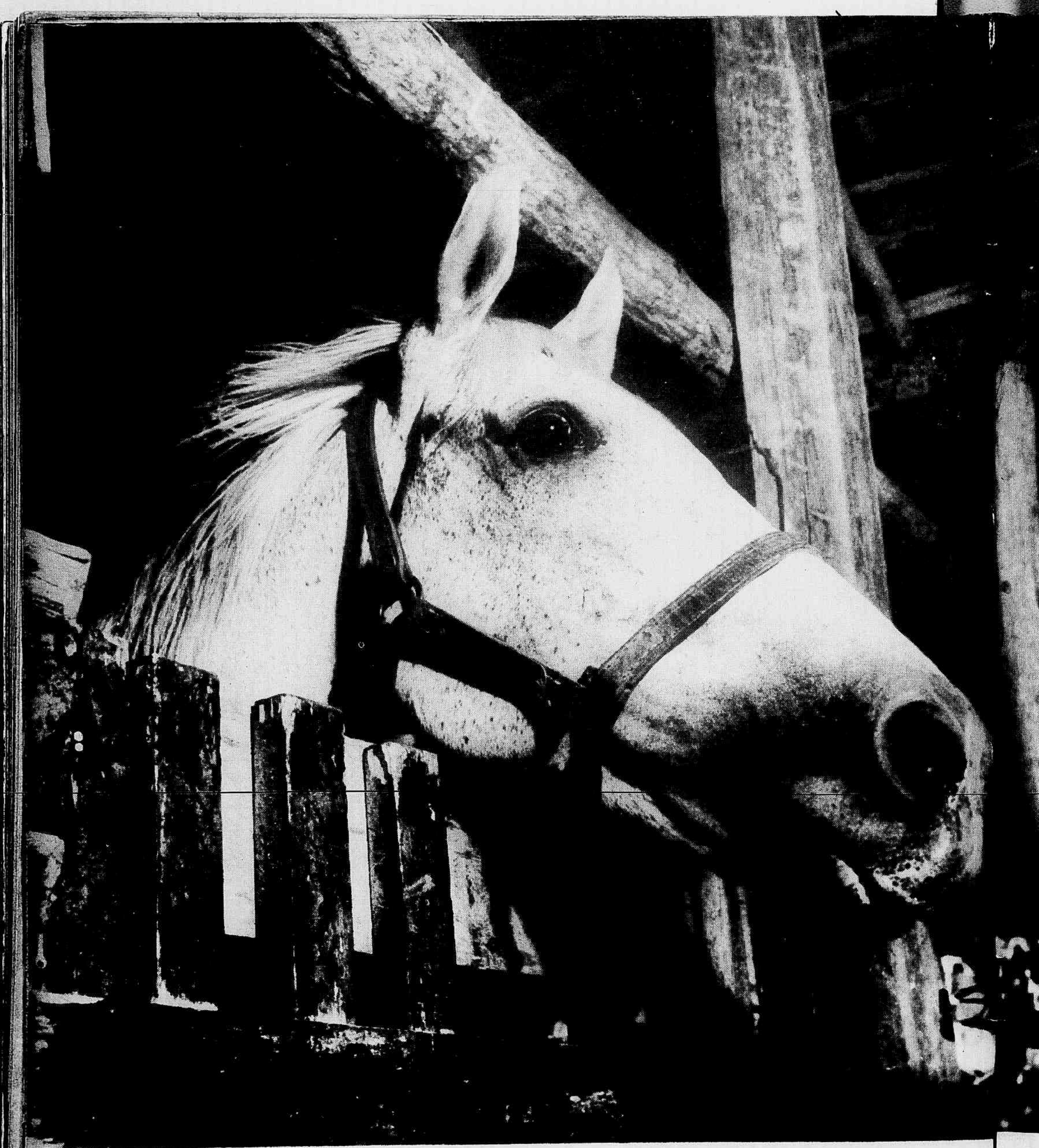
Além do "Otelo" a companhia apresentou em seu repertório nesta temporada: o Pas de deux do "ballet" Corsário (Adams) — Dom Quixote (Minkus) — Dança Espa-

nhola (Tchaikovsky) — Fantasia (Schumann) — O Lago dos Cisnes (Tchaikovsky) — Melodia (Gluck) — Primavera (Grieg) — Adagio do "ballet" Suite Quebra-Nozes (Tchaikovsky) — Momento Musical (Schubert) — Variação do "ballet" Laurencia (Krein) — Libelula (Zindzadze) — Valsa (Dulova) — Fragmentos do "Ballet" Gorda (Toradse) — Fragmentos do "Ballet" Sinatle (Kiladse) — Fragmentos do "Ballet" Coração das Montanhas (Balanchivadse) — Lepuri (Paliashvili) — Gandadan (Motivo popular georgiano) — Dança do Elfo (Mazmanova) — Pássaro (Mendrus) e Dança da Bayadera (Minkus).

No intervalo do programa procuramos saber de Chabukiani o que ele pensava sobre a arte do "ballet". Respondeu-nos:

— Respondo como o fez Ana Pavlova, certa vez: "no "ballet" tem-se diante de si a música, o movimento, o desenho. Tudo isso é envolvido num todo harmonioso pela mão do mestre. Procuramos sempre partilhar da nossa individualidade, com o público que nos assiste. Quando o papel que se está representando é triste, permite-se a liberdade de chorar e ser bastante expansivo na sua alegria quando o papel requer felicidade".

O Conjunto que se exhibe presentemente entre nós, é oriundo do Teatro Tblisi, capital da Geórgia, e lá se mantém; mas, apesar de ser um teatro provinciano de "ballet", tem alcançado grande projeção na vida artística soviética.



HÁ 25 ANOS, SÔMENTE POR SEIS VEZES TIVEMOS CAMPEÕES NACIONAIS. O MAIS FAMOSO FOI MOSSORÓ, EM 1933, QUE VEMOS NA FOTO

UM POUCO DA HISTÓRIA DO G

ACI

DEPOIS DAQUELE rompimento intempestivo, em 1930, entre as duas sociedades turfísticas existentes no Rio — o Jockey e o Derby — sobreveio a paz, o entendimento e o bom-senso.

Daí à fusão foi um pulo; e em 1932 surgiu o Jockey Club Brasileiro.

O Grande Prêmio Brasil é o primeiro rebento desta oportuna fusão. Nasceu "bem" porque sob o signo da harmonia; consagrou-se porque foi produto da boa-vontade entre os homens. E poucos, até hoje, alcançaram tanto sucesso em tão curto tempo.

RENATO DE FREITAS

O Grande Prêmio Brasil é o "brôto" do Calendário Clássico Internacional: tem apenas 25 anos.

Apesar de seus poucos anos de existência é a maior prova do turfe sul-americano e uma das mais importantes do mundo. Não são todos os países que podem contar entre suas grandes provas de caráter internacional com o número e a variedade de inscrições estrangeiras, como acontece todos os anos com o G. P. Brasil.



ACIMA.

ASPECTO DA GÁVEA, NO GRANDE PRÊMIO BRASIL DE 1957: OS CONCORRENTES RETORNAM AO «PADDOCK», APÓS O «CANTER».

A FOTO

DO GRANDE PRÊMIO BRASIL

GRANDE PRÊMIO BRASIL

Durante seus 25 anos jamais deixou de ter entre os seus concorrentes animais de 3 ou 4 nações diferentes.

Entre seus 25 vencedores contam-se 13 argentinos, 6 brasileiros, 5 uruguaios e 1 francês. Um fato interessante é que os ingleses, inventores da raça Puro-Sangue de Carreira, jamais venceram esta grande prova, embora 38 parceiros criados daquele país tivessem-na disputado em diversas ocasiões.

Desde aquêle inolvidável 33 do nacional Mossoró ao 57 do argentino Don Varela, 343 craques de 6 países tomaram parte nesta carreira. Dêstes, apenas 92 eram brasileiros; os demais, eram: 127 argentinos, 46 uruguaios, 38 franceses, 38 ingleses e 2 chilenos.

Pelos dados acima, observa-se que entre os 19 ganhadores estrangeiros 18 eram lá das bandas do Rio da Prata: os "gringos" — no dizer pitoresco dos turfistas.

Os argentinos, nossos maiores adversários nos esportes, detêm, nestes últimos nove anos, a "Fita-azul" do turfe brasileiro. Aliás, por falar em "Fita-azul", convém abrir um parêntese para explicar que esta expressão, atualmente empregada para simbolizar a velocidade em todos os gêneros de corridas, é puramente turfística: ela nasceu com o Derby de Epsom, no ano de 1780.

DE ANÍBAL À DON VARELA

Foi pelos idos de 1869, precisamente no dia 16 de maio, que o primeiro "gringo" venceu uma corrida em pistas brasileiras. E isto aconteceu exatamente no dia da primeira corrida oficial do Jockey Club, no pradinho de São Francisco Xavier.

É verdade que o primeiro vencedor naquela memorável tarde — portanto o primeiro ganhador do turfe nacional — foi um corredor nascido e criado em nosso país: chamava-se Macaco, tinha 7 anos e era fluminense, sim, senhores! Agora... sobre a qualidade do sangue que lhe corria nas veias... a história do turfe não fala. Mas, naquela mesma tarde, apareceu o primeiro "gringo" e venceu a quarta prova do programa, dando a primeira "azucrinada" nos 4 000 curibocas presentes, inclusive S.S.M.M. e A.A. Imperiais. O "valiente" era urguai e chamava-se Annibal.

Daí para cá aparece sempre um "dêles" atrapalhando a vida dos nossos crioulos. O último foi Don Varela. A eles devemos, entretanto, o progresso de nossa criação.

Aborrece... mas compensa.

O "58" É NOSSO

O ano de 1958, no setor dos esportes, já é nosso. Depois de levantarmos o campeonato mundial de futebol lá na Suécia, não será difícil conseguirmos aqui na Gávea o título máximo do turfe sul-americano.

Para isto contamos com dois fatores decisivos: meia dúzia de excelentes corredores nacionais e a ausência de grandes nomes do turfe estrangeiro, principalmente da Argentina, onde os proprietários dos melhores "runners" estão com os olhos voltados para os Estados Unidos, à espera da boa proposta "dollar", ou mesmo para a Venezuela, atualmente grande campo para os corredores do Prata.

Todavia, entre os argentinos inscritos para o "Brasil" de 58 podemos destacar alguns nomes importantes, tais como os de Precinta, Dodó, Gramófono e Anisado, sendo este último uma grande promessa, pois tendo estreado há apenas um mês, mantém-se invicto em 3 apresentações demonstrando tratar-se de um corredor de categoria, embora ainda não tenha enfrentado os expoentes das pistas portenhas.

Precinta é craque. Liderou sua ala o ano passado, permanecendo invicta em 5 apresentações e vencendo os principais clássicos para potrancas, da geração. Quando misturou-se com os machos, não rendeu o esperado, principalmente em páreos acima de 2 000 metros. Seu retrospecto e sua grande classe são os maiores perigos para os nacionais. Dodó provavelmente não virá. Se vier será o fantasma da turma. É cavalo do primeiro time argentino.

O Uruguai tem dois inscritos: Bueno Mozo e Venusta (esta já radicada em nosso turfe), porém o mais certo é não serem apresentados.

A França, a "velha" França que recepcionou Gladiator, em 1862, quando este craque conquistou pela primeira vez para a criação francesa a Fita-azul do Derby de Epsom, com a mesma euforia com a qual nós recebemos os nossos campeões mundiais, tem apenas dois representantes inscritos no "Brasil" de 58: Polar e Sancy, ambos nossos conhecidos e sem credenciais que os apontem como prováveis ganhadores.

Os brasileiros alinharão um time poderoso, principalmente sua linha atacante, onde figuram craques da categoria de Nando, Dulce, Vândalo, Narvik e Krauss. Colocamos Nando na extrema direita propositadamente, pois ele será pilotado pelo senhor Manuel Bezerra da Silva (o Bequinho), um outro "Mané" famoso, ídolo dos turfistas cariocas, que também faz coisas incríveis para conseguir uma vitória.

Dulce é a estrêla do time. Sobre suas patas repousam tôdas as esperanças dos turfistas brasileiros.

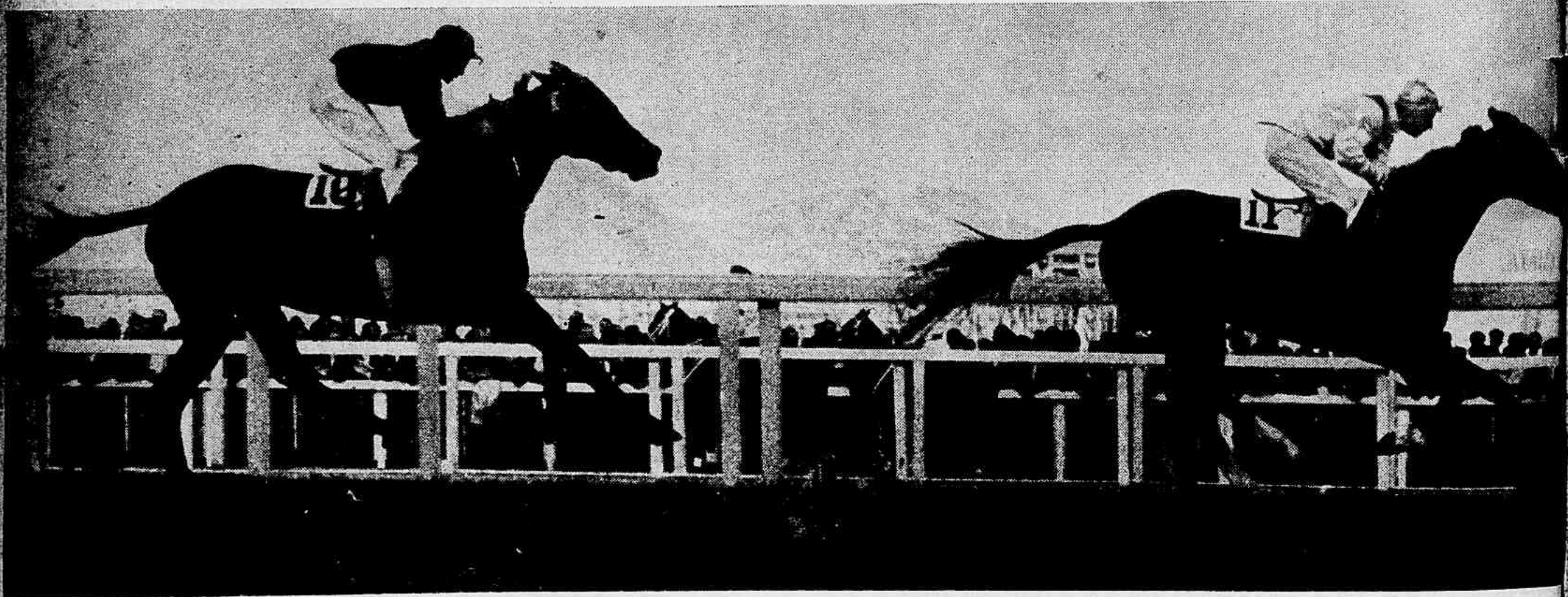
Vândalo, que já venceu e já perdeu de Dulce, será um grande adversário. São peças do mesmo quilate.

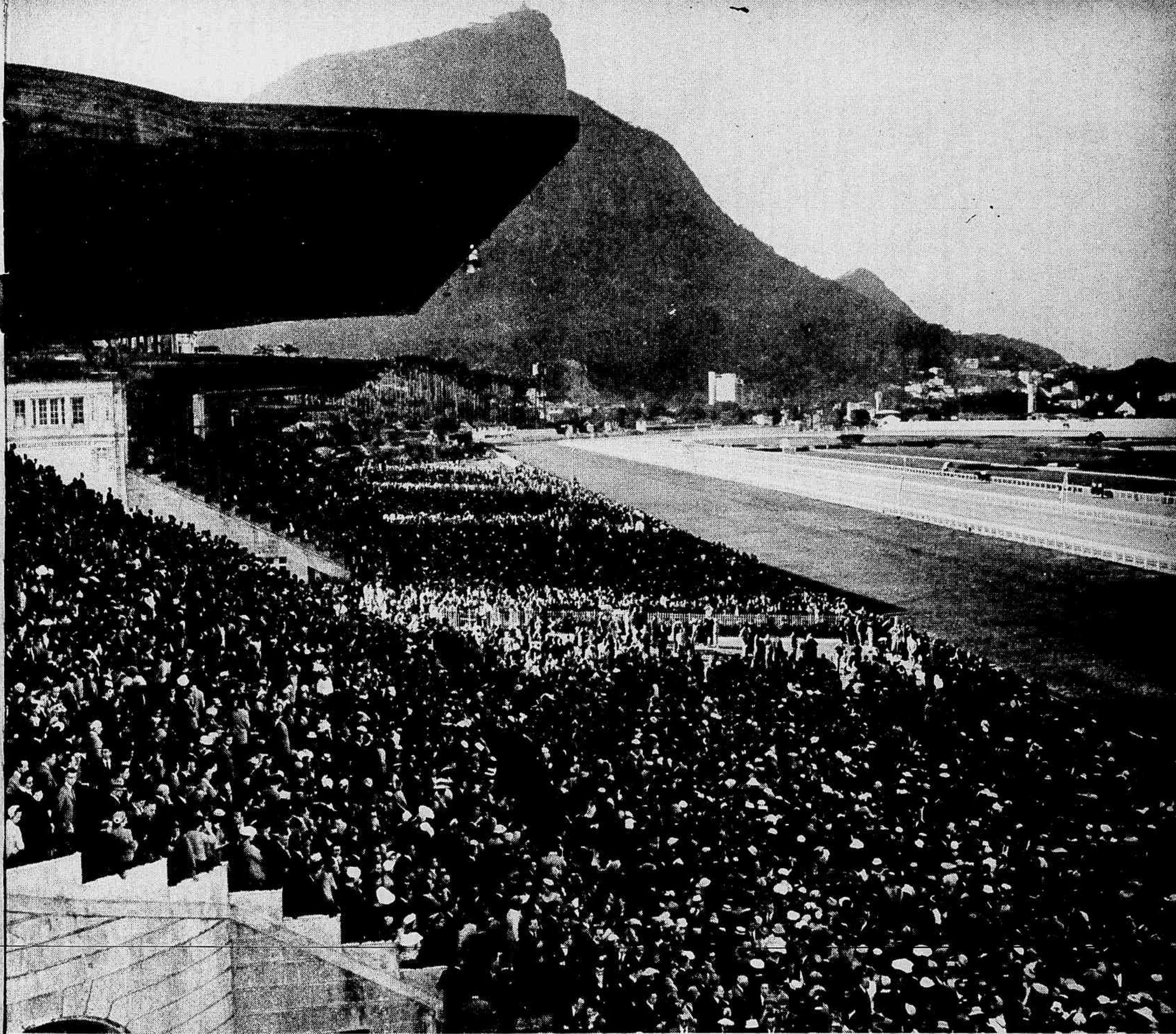
Os demais, em nível ligeiramente inferior, também poderão fazer bonita figura.

Com este time é muito provável que seja interrompida a série dos argentinos.

O ano de 58 é nosso.

Dom Varela, vencedor do Grande Prêmio de 1957, cruzando o disco. Em segundo lugar vem Canavial.





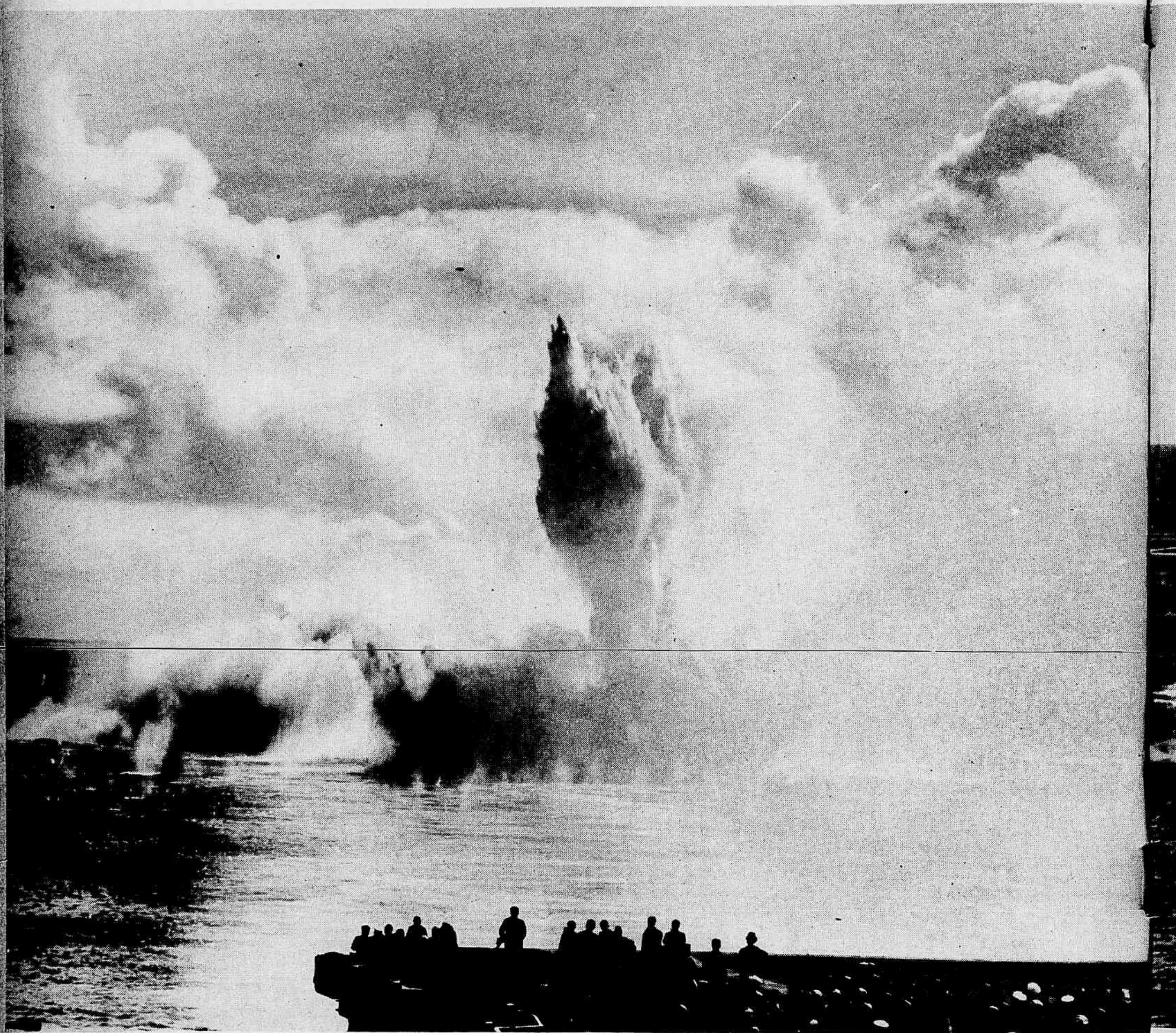
Bequinho, em 1958, montará Nando. Teremos êste ano um novo campeão nacional?



Em Nando, um cavaleiro brasileiro, as esperanças do Grande Premio de 1958.

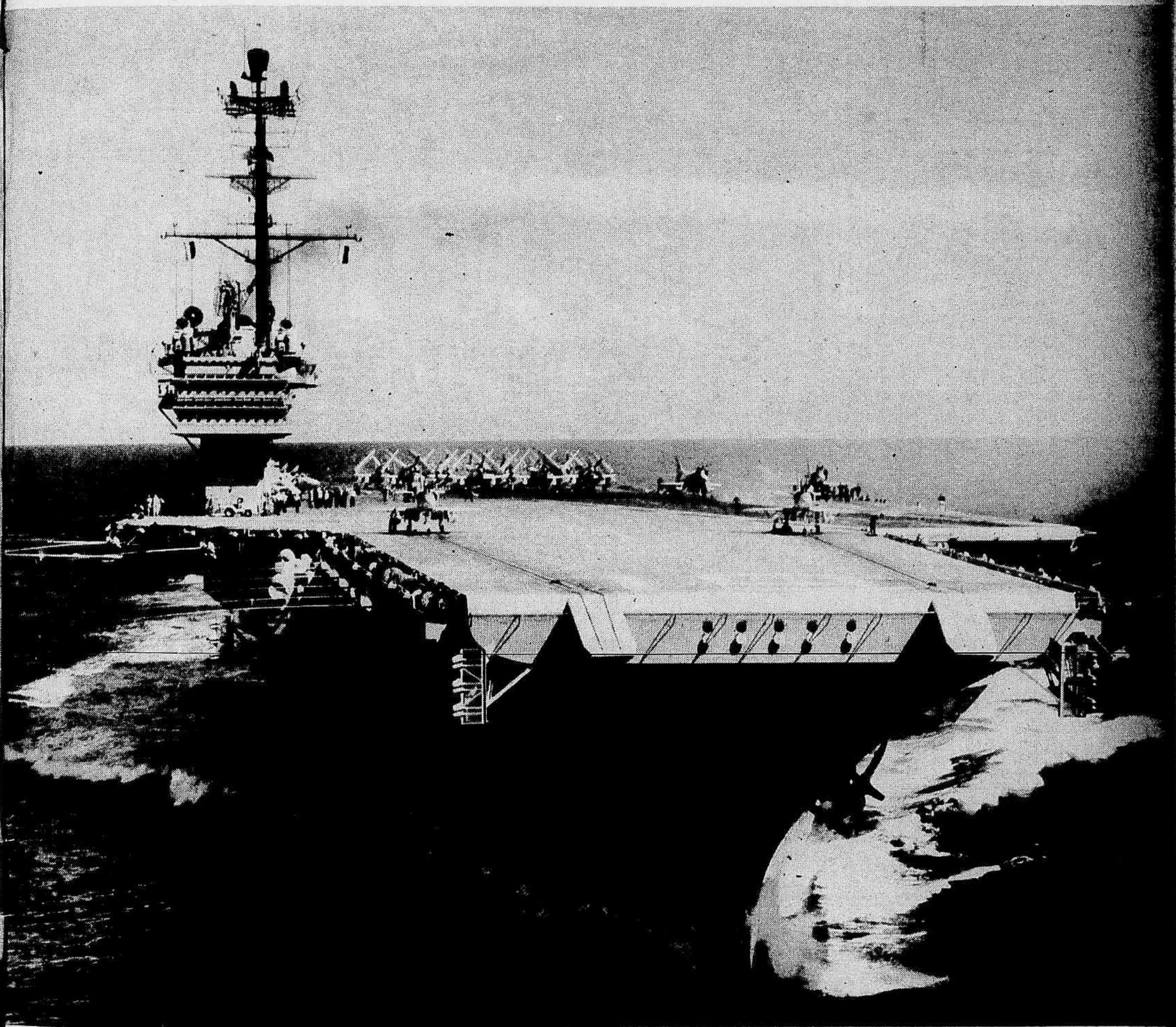


O "RANGER" SOLTOU FOGUETE



CARTAO-DE-VISITA — O primeiro foguete interceptador atingiu plenamente o alvo, que era outro foguete.

ETES DE BOA-VIZINHANÇA



ARRANHA-CÉU DEITADO SOBRE O MAR — Possui o “Ranger” estações de rádio, radar e televisão, hospital completo, etc.

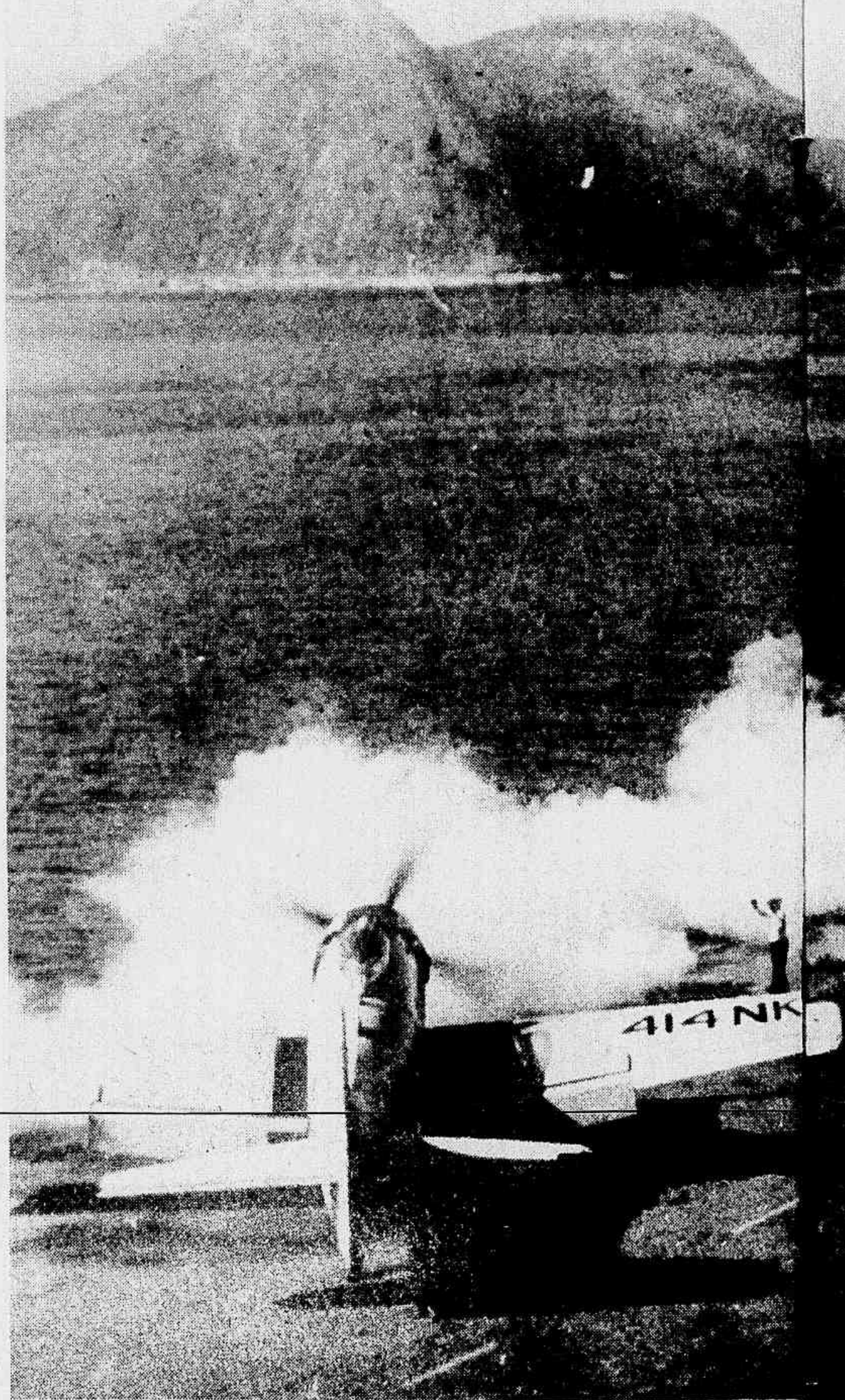
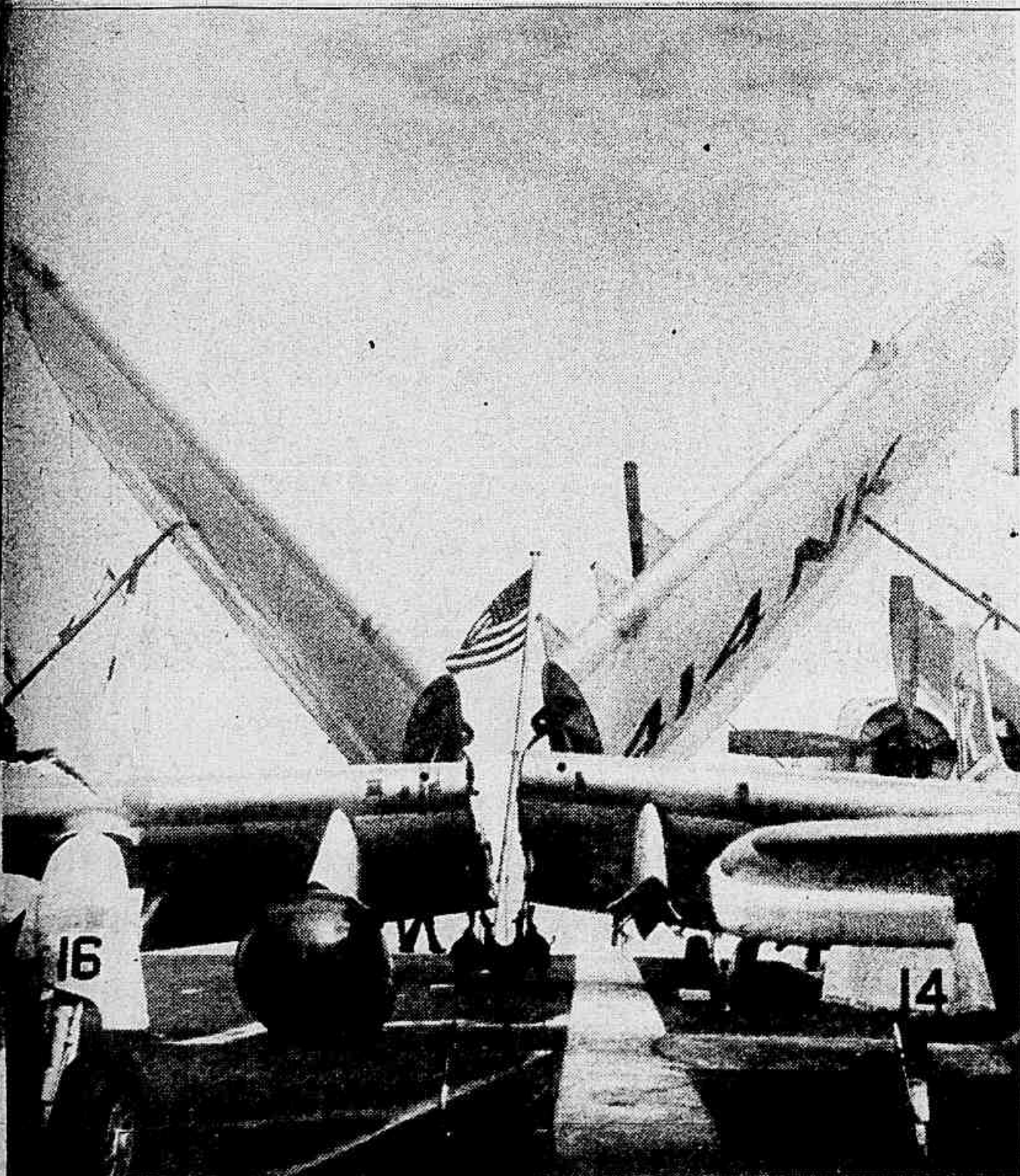
PROJÉTEIS INTERCEPTADORES: UM VALEU A PENA, O OUTRO FRACASSOU
— PORTA-AVIÕES AMERICANO QUASE ABALROOU CARGUEIRO NA GUA-
NABARA — BUCK RODGERS NUM CONVÉS MAIOR DO QUE O MARACANÃ.

O "RANGER" SOLTOU FOGUETES...

CATAPULTA SUPERSÔNICA — Um... dois... três... Larga!
E o avião é jogado no ar a 140 milhas de velocidade inicial.

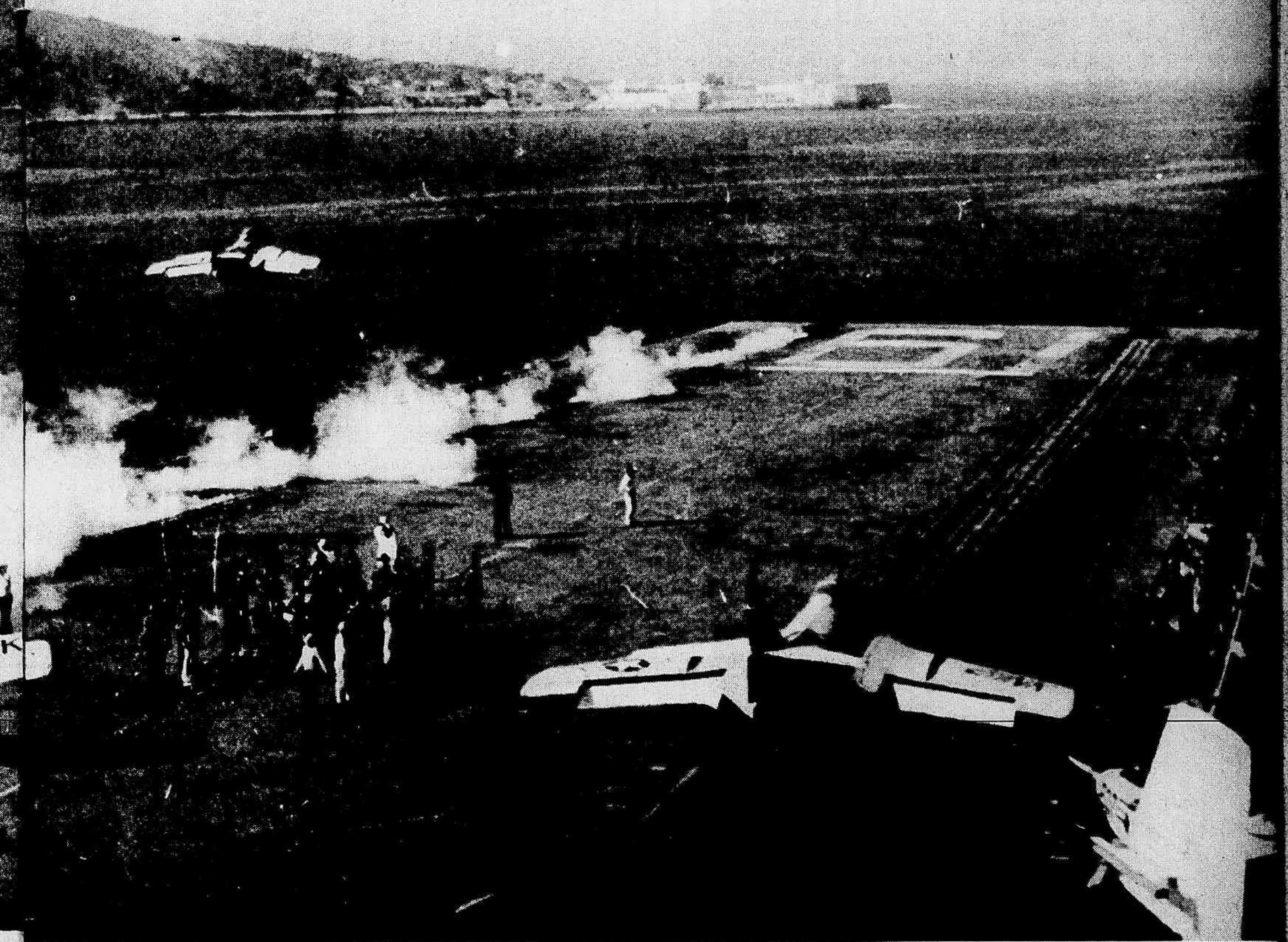


JATOS EM DESCANSO — Asas quebradas apenas em impressão.



AVIAO VAI EMBORA — Kubitschek dentro. Ao contrário do

PELA PRIMEIRA VEZ, foguetes balísticos interceptadores (fazem o papel de aviões de caça, interceptando e destruindo, em pleno vôo, engenhos aéreos do inimigo) cruzaram os céus do Rio, a velocidade supersônica rumo a um alvo verdadeiro. Lançou-os o porta-aviões norte-americano *Ranger*, que realizou, à vista de Copacabana, um simulacro de batalha aerc-naval. Entre o rugido infernal dos motores a jacto, explosões de bombas, metralha e teleguiados, o imenso navio aeroporto (é a última palavra em matéria de porta-aviões, estando completamente equipado para a guerra atômica e protegido contra a radioatividade) praticou uma exibição bélica de efeito espetacular, na presença do presidente Juscelino Kubitschek, embaixador Briggs, ministros da Aeronáutica e Exército e outras personalidades, que estavam a bordo. O destróier *Mullinix*, reduzido em comparação com o *Ranger* às proporções de uma caixa de fósforos, acompanhou de longe os exercícios.



programado, o presidente não almoçou no porta-aviões.

Observações: o primeiro foguete interceptador atingiu plenamente o alvo, que era outro foguete. O segundo, porém, falhou.

MAIOR DO QUE O MARACANÃ

O *Ranger* tem pista de pouso maior do que o campo do estádio do Maracanã. Possui todos os elementos de conforto de uma cidade moderna. Seus geradores de luz seriam suficientes para iluminar todo o Rio de Janeiro durante várias horas. Uma curiosidade: há, na belonave, uma estação transmissora (interna) de televisão e dois mil telefones. O navio é tão grande que quando passou ao largo da ilha de Cotunduba, parecia que estávamos em terra firme. Apesar da violência das ondas, enquanto o destróier pulava como um cabrito, o *Ranger* nem balançava. O convés de aterrissagem mede trezentos metros de comprimento por setenta de

largura; e seu bôjo é um autêntico labirinto. Frase de um oficial norte-americano ao repórter:

"Não se espante. No primeiro dia em que entrei no *Ranger*, gastei quatro horas para achar o meu próprio camarim".

SEIS ITENS

Outros dados :

1 — O *Ranger* é o quarto porta-aviões do programa naval americano que prevê a construção de sete navios da mesma categoria, sendo que o último será impulsionado pela energia atômica. Os americanos o chamam de "super-porta-aviões".

2 — Sua defesa anti-aérea é orientada automaticamente pelo radar.

RANGER - Catapulta funcionou: 140 milhas saem do convés.

3 — O convés-hangar é dividido em vários campos de esporte para a tripulação e abriga uma flotilha de aviões de mais de cem aparelhos de caça e bombardeio, além de helicópteros.

4 — Através da rede de televisão, pode-se espiar os menores cantos da embarcação.

5 — Há açougue, frigoríficos gigantescos que alimentam mais de 3.600 estômagos de apetite duplo, lojas de ferragens, mecânica, restaurantes, hospitais com laboratórios, estações de rádio e radar.

6 — Está armado com quatro canhões de alto poder ofensivo. Seu poder de fogo é maior do que o de todos os cruzadores da última guerra.

BUCK RODGERS SE ASSOMBRARIA

As manobras apresentaram aspectos interessantíssimos. O convés encheu-se de homens vestindo uniformes coloridos (cada cor determina a respectiva posição) funcionando ao lado da catapulta, engenho que faz lembrar os das aventuras de Buck Rodgers no século XXX. Os capacetes utilizados pela tripulação do *Ranger* — eis outro assombro de técnica — estão dotados de pequenas estações transmissoras de rádio, para a divulgação e recebimento das ordens de comando. Há um bloco de força bruta, incumbido de empurrar os aviões para o sítio da decolagem — veste uniforme azul; os homens aos quais cabem o abastecimento, trajam uniforme verde; são marrons os uniformes dos pilotos. "Com esse sistema tecnicolor, não se perde tempo", disse-nos o comandante da operação, "procurando os homens encarregados das diferentes tarefas".

A decolagem foi a nota marcante do início das manobras. Os jatos, que podem voar até quatorze mil metros de altura, tomam posição em cima de trilhos, dois de cada vez. Um cabo é ajustado sobre peça especial, enquanto um dos marujos (de amarelo) faz a contagem com o dedo esticado para o ar. Quando baixa a mão, o piloto não tem escolha: pode frear, fazer o que quiser, mas o avião é jogado ao ar a 140 milhas de velocidade iniciar, pela pressão do vapor e das catapultas de aço.

Esse sistema (é inglês) permite que sejam lançados 24 aviões em apenas 13 minutos.

ABASTECIMENTO NO AR

Os pilotos realizaram, pouco antes do simulacro de batalha, uma demonstração de perícia, manobrando seus jatos *Couger* atrás dos aviões-tanques, que os abasteceram em pleno vôo. O tubo de reabastecimento tem um pequeno cone na porta, dentro do qual os jatos metem o bico, exatamente como um beija-flor.

Uma vez reabastecidos, os jatos desprendem-se, dando lugar aos outros aviões.

TELEGUIADOS CRUZAM O ESPAÇO

Além de exercícios de bombardeio sobre o alvo (o *Ranger* é capaz de detectar e destruir em poucos segundos um submarino), do lançamento de bombas pelos aviões *skyrangers* e demonstrações de pouso orientado por espelhos, houve exercício de precisão com foguetes balísticos. Um avião voou paralelamente ao navio, soltando um primeiro foguete supersônico. Instantes depois, partia o segundo em sua perseguição, explodindo ambos ao se chocarem.

"No futuro", informou outro oficial, "os super-porta-aviões americanos serão possivelmente equipados com teleguiados de grande porte, que poderão alcançar seu objetivo a mais de mil quilômetros de distância".

JUSCELINO DEIXOU A MESA POSTA

O presidente da República deixou o navio a bordo do bimotor habitualmente encarregado de buscar a correspondência da tripulação. Juscelino não almoçou no porta-aviões, como estava programado. Saiu antes, deixando a mesa posta.

Ainda cumprindo à risca o horário, o *Ranger* lançou âncoras às 13,30 (o exercício durou quatro horas), dessa vez não repetindo

o susto da chegada ao Rio, quando o prático, esquecido da rapidez do navio, pediu dois terços de velocidade (18 milhas) quase abalroando um cargueiro que ancorara em lugar errado.

FALA O COMANDANTE BUIE

Falando à REVISTA DA SEMANA, depois dos exercícios, disse o capitão de mar-e-guerra P. D. Bule, comandante do *Ranger*:

"O enorme tamanho do *Ranger* explica-se em primeiro lugar pela necessidade de servir de base de operações a aviões de jacto do tipo mais moderno os quais são mais pesados e mais rápidos do que os que estavam em serviço há anos atrás; e em segundo lugar, teve que ser concebido por forma a fornecer alojamento confortável (e agradável) a uma tripulação de 3.500 homens. Todas as cobertas e câmaras têm ar condicionado e as camas têm colchões de espuma de borracha, iluminação e ventilação próprias. O *Ranger* tem biblioteca, Correio, Oficina de sapateiro, padaria, vendas de refrescos, lavanderia, barbeiro, carnicheiro, alfaiate, oficinas de serralharia e de eletricidade; possui também campos de *basketball* e *volleyball*, laboratório de fotografia, fábrica de sorvete, oficina de impressão, fábrica de oxigênio, central de ar condicionado, consultório dentário e hospitais providos de salas de cirurgia. É uma autêntica cidade flutuante".

PODER OFENSIVO INIMAGINÁVEL

"O poder ofensivo deste porta-aviões consiste no grupo de aviação, comandado pelo capitão-de-fragata J. J. DAVIDSON, com os homens e aviões necessários para fazer deste navio um navio de guerra. O grupo de aviação que compreende 4 ou 5 esquadras e outras subunidades tem cerca de 125 oficiais e 600 marinheiros, cabos e sargentos. As esquadrilhas do *Ranger* estão equipadas com os aviões mais modernos, especialmente planeados para uso em porta-aviões, a maior parte dos quais são supersônicos. Apesar do *Ranger* ter sido concebido, como um campo de aviação flutuante, e conseqüentemente móvel, é também capaz de defender-se com os seus aviões de caça como complemento do armamento próprio. Os diferentes tipos de avião, cada qual com uma missão específica, formam no seu conjunto uma força de grande poder de destruição. Como acontece com todos os navios de guerra, a razão da existência do *Ranger* é medida pela sua capacidade em cumprir determinada missão. Os seus aviões podem desempenhar missões de combate a milhares de milhas de distância e os seus velozes caças de interceptação podem perseguir e destruir qualquer inimigo".

A FAMÍLIA "RANGER"

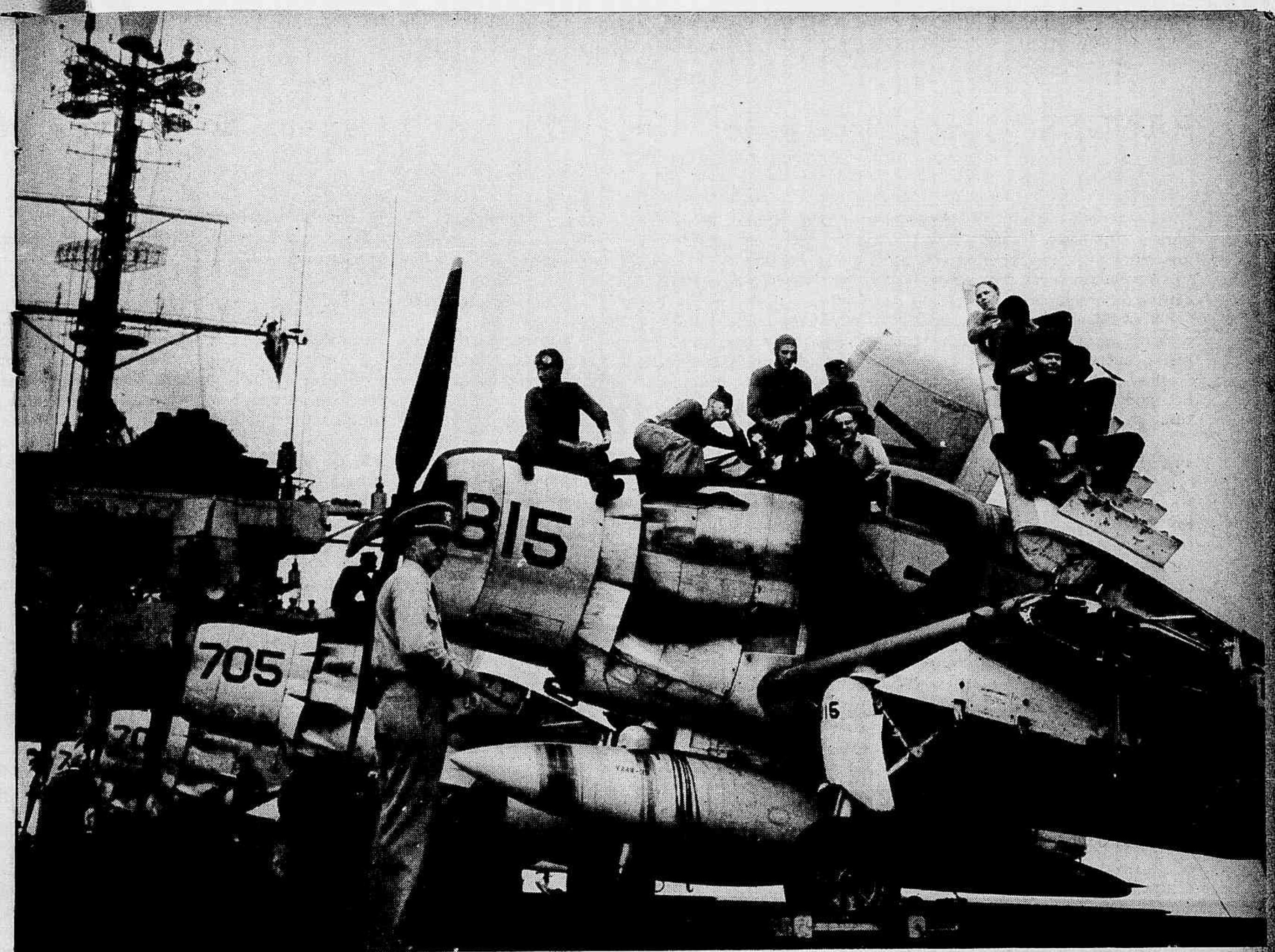
"*Ranger* é um nome familiar na história naval, tendo os EE.UU. tido oito navios com esse nome. O 1.º *RANGER* era uma fragata Continental, de 18 canhões, construído em Portsmouth, New Hampshire em 1777, e teve como comandante JOHN PAUL JONES. O sétimo *Ranger* (CV-4) foi o 1.º navio projetado e construído como porta-aviões, entrou ao serviço em 1934 e servia de base a 75 aviões. O oitavo *Ranger* (CVA-61) é o mais moderno dos porta-aviões dos Estados Unidos e o maior navio de guerra do mundo", concluiu.

PÃO DE AÇÚCAR LOGROU

A tripulação do *Ranger* e do *Mullinix*, em terra, disputou uma partida de futebol, doou sangue para o Banco de Sangue e gastou perto de trinta mil dólares em passeios e compras na cidade.

Detalhe desapontador: na segunda-feira à tarde, numerosos marujos americanos estiveram na Praia Vermelha, pretendendo visitar o Pão de Açúcar. Não conseguiram. O bondinho estava parado, por defeito nos cabos, desde o dia 1.º do mês em curso, e só voltaria a funcionar no dia seguinte. "É a mesma coisa que ter ido a Roma e não ter visto o Papa", lamentou-se o marujo Richard à reportagem.

E foi mesmo, porque o *Ranger* deixou o Rio exatamente 24 horas depois.



MAIOR QUE O MARACANA, abriga o convés-hangar do U.S. Ranger uma flotilha de mais de cem aparelhos de caça e bombardeio. Também o ministro da Guerra visitou o colosso americano e assistiu à exibição bélica.



PROBLEMA N.º 43 — PARA VETERANOS

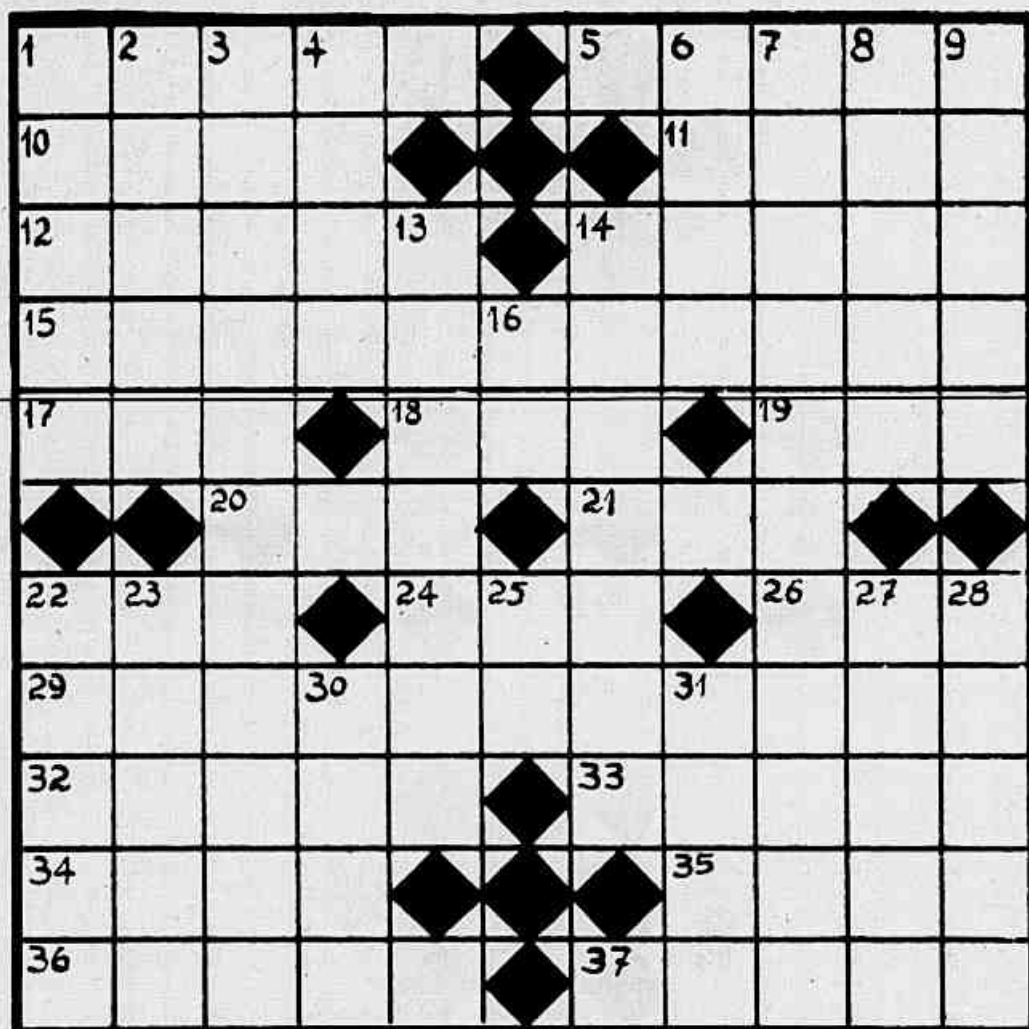
HORIZONTAIS: 1. Aventura — 5. Na parte inferior — 10. Vespa negra — 11. Terreno desbravado para cultura — 12. Ficar resfriado — 14. Indivíduo feio — 15. Adivinhação pelos sonhos — 17. Cidade e pôrto da Somália italiana — 18. Navio de uma só coberta — 19. Colina ou duna que na Suécia representa a antiga praia do mar — 20. Queixa de quem sente dor ou geme — 21. Suspiros — 22. Pássaro conirrostro, espécie de verdelhão — 24. Ouvir — 26. Deus egípcio, encarnação do Inverno — 29. Castidade — 32. Dentro — 33. Boa aceitação (pl.) — 34. Estabelecer — 35. Pôrto abrigado — 36. Relativo à noite — 37. Dissipas.

VERTICAIS: 1. Esgote — 2. Guisado de galinha com pimenta, pévides de abóbora, etc. — 3. Tornar pomposo — 4. Cidade da Tchecoslováquia, na Boêmia — 6. Cidade de que fala o Novo Testamento perto do Tabor — 7. Não tiveram o efeito desejado — 8. Ira — 9. Bebida refrigerante (pl.) — 13. Que tem orvalho — 14. Tribunal pontifício — 16. Velha — 22. Ralhas — 23. Partícula carregada de eletricidade — 25. Donaire — 27. Velhice — 28. Chefe disciplinado e disciplinador (pl.) — 30. Ofende — 31. Implacável.

PROBLEMA N.º 43 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: 1. Pedra do altar — 4. Quero bem — 6. Aguardente extraída do arroz fermentado — 9. Nome da oitava letra do nosso alfabeto — 11. Batráquio — 13. Sufixo designativo de autor — 14. Um dos cinco Continentes — 15. Sorri — 16. Brisa — 17. Conceder — 19. Voltar; pôr do avesso — 21. Dá miados — 22. Nota musical.

VERTICAIS: 2. Símbolo químico do rádio — 3. Lavra — 4. Mau cheiro — 5. Perversa — 7. Prender, segurar com garras — 8. Tôlo — 10. Rezara — 12. Nome de uma aranha amazônica — 13. Vazia — 17. Espaço de vinte e quatro horas — 18. Chefe etíope — 19. Enxerguei — 20. Décima sétima letra do alfabeto grego.



OTANER

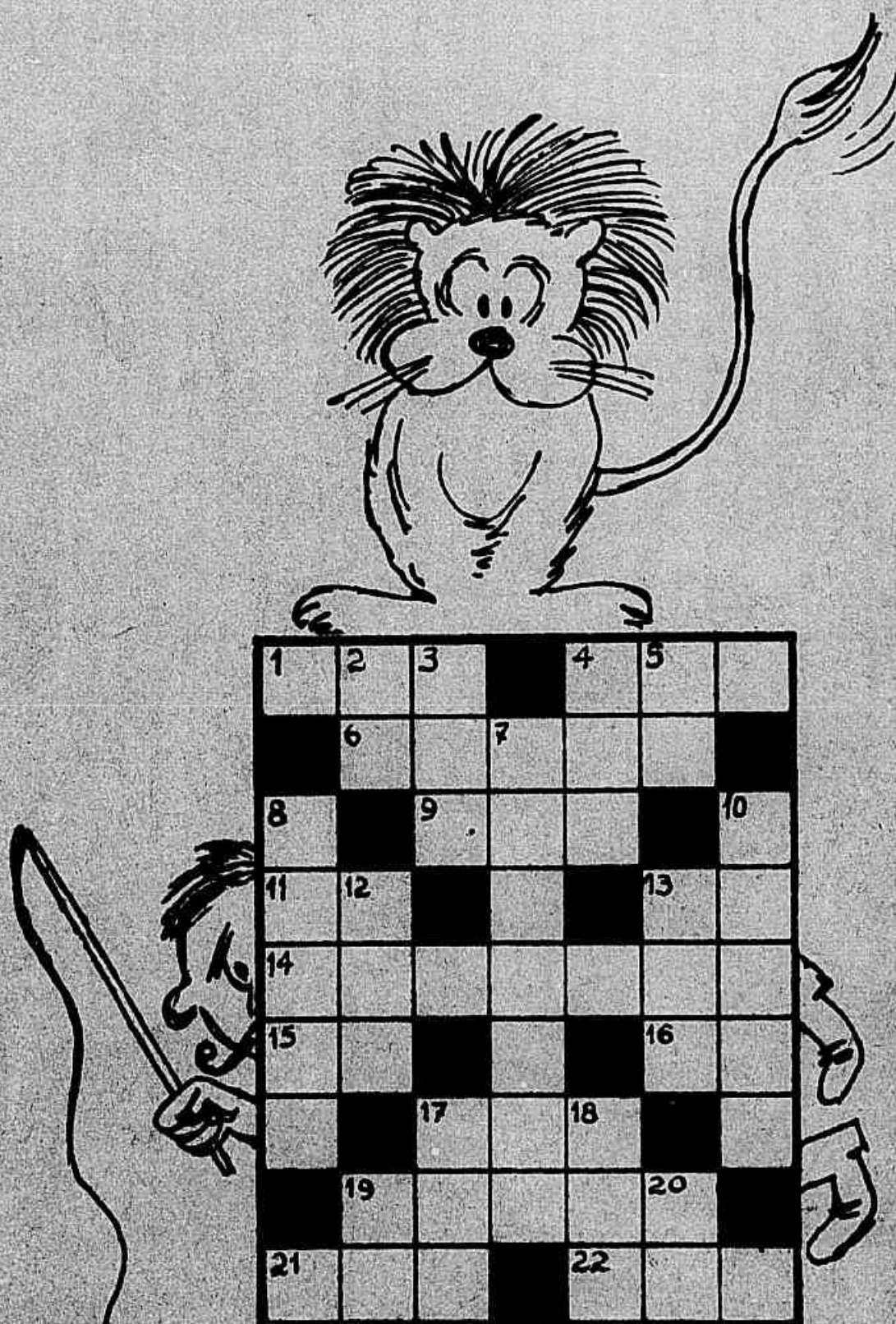
SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 42

PARA VETERANOS — HORIZONTAIS: CC — pai — Ba — caaba — Maria — noé — ror — massamordas — El — tu — ré — me — fiscelata — ai — xi — vi — oligopinia — ará — sol — brasa — torar — ar — rói — ás.

VERTICAIS: canal — caos — pá — im — Brod — airam — bestizgas — arrelioso — CM — meato — ausio — orexi — sédia — alara — vilas — irar — pó — nora — ar — ti.

PARA NOVATOS — HORIZONTAIS: ama — crê — ré — el — alegado — roc — ris — do — AM — aia — mil — tornava — as — em — ras — ala.

VERTICAIS: irar — melodiosa — redimível — elos — Ag — ecoar — arama — atar — lama — nó.



Grande Prêmio Brasil

Cr\$ 3.50 0.000,00 ao Vencedor

*3 de Agosto
1958*



Sweepstake Cr\$ 30.000.000,00
Jockey Club Brasileiro

ADALGISA (NA RETA FINAL) ESPERA PASSAR NO TESTE DE LONG BEACH

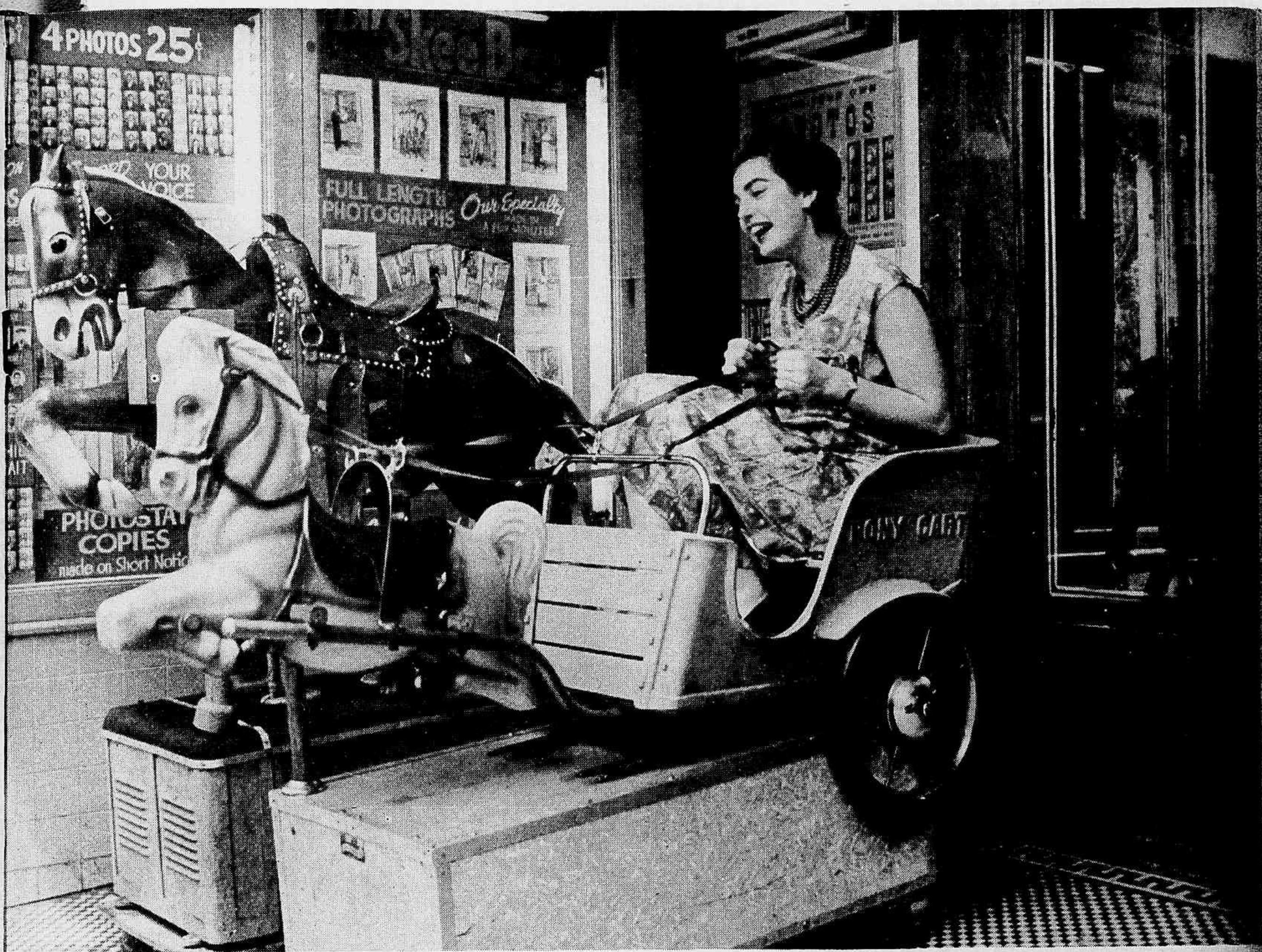
Do Rockefeller Center, manda Adalgisa Colombo um sorriso para o Brasil, que aguarda, ansioso, o início do grande concurso internacional da Beleza.



O
exi

F
vez
ens
I
Int
É
bor
da
ins
clu
I
tôc
Va
est
im

Nu
qu



O segundo dia em Nova Iorque foi dedicado à visita do comércio. Mais de duas horas passou Miss Brasil a querer ver tudo o que existia nas lojas.

FOI NO HARLEN que Miss Brasil experimentou, pela primeira vez, os insultos de um americano (prêto), e no Central Park, ensaiou um "show" com jornalistas brasileiros.

Do Rio a Nova Iorque, os passageiros do Super-Constellation Intercontinental de luxo, da VARIG, pouco viram Miss Brasil. É que ela passou dormindo, quase todo o tempo, na cama de bordo. Para descer em Trinidad, foi necessário muita insistência da imprensa local, pois Adalgisa Colombo dizia estar seguindo instruções daqueles que lhe recomendaram repouso absoluto. Inclusive na viagem.

Nova Iorque a recebeu com frieza. Como é comum, aliás, com tôdas as misses. Além do pessoal da VARIG e de dona Dora Vasconcelos (do Consulado brasileiro), somente três fotógrafos estavam à sua espera. Nenhum repórter para colhêr as primeiras impressões.

Num "drug-store" do Harlen, comeu Adalgisa o primeiro cachorro-quente "made U.S.A."



ADALGISA (NA RETA FINAL)



Preocupação principal de Adalgisa: descansar e comer bastante para recuperar os quilos perdidos.



Depois de uma tarde intensa de reconhecimento através de Nova Iorque, um descanso. Mas nem aí os fotógrafos a deixam em paz.

Ao contrário disso, uma grande delegação de jornalistas do Rio, acompanham Miss Brasil. Em número muito superior a qualquer outro ano. E foram estes que, esquecendo o incidente, a levaram para conhecer a cidade com tudo que existe de mais interessante.

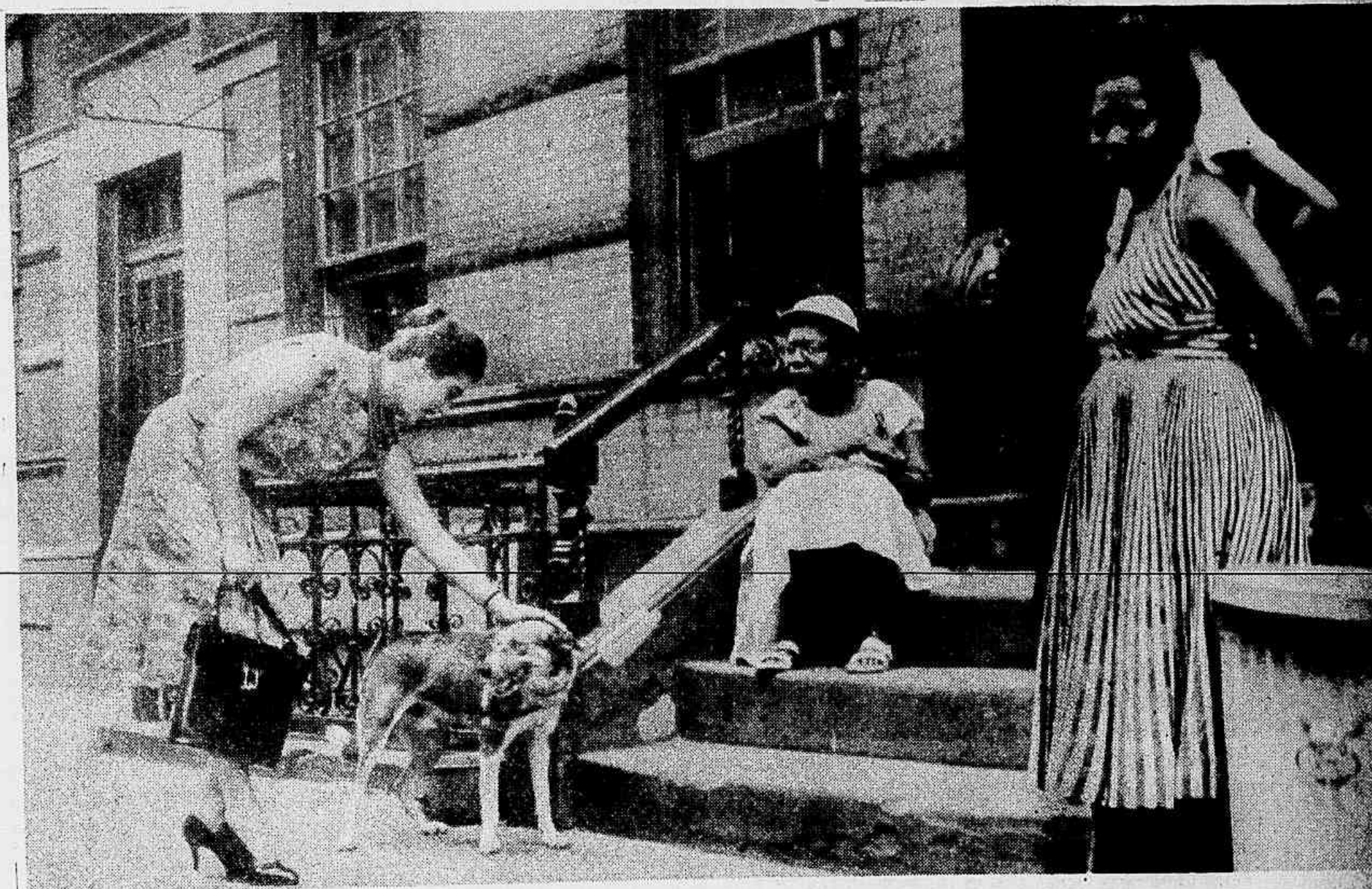
Ainda no Harlen, Adalgisa Colombo comeu o primeiro cachorro-quente, nos Estados Unidos. Também ali, entrou em um dos milhares de mercadinhos que existem, em toda parte. E depois regressou para caminhar na 5.^a Avenida e no Rockefeller Center.

A tarde do segundo dia de Miss Brasil em Nova Iorque, foi dedicada a compras. Passou mais de duas horas de pé, querendo ver tudo que existe nas lojas. E no final gastou uma pequena fortuna, coisa que pouca gente se aventura, com o cruzeiro tão desvalorizado.

O Hotel Diplomat (o preferido dos brasileiros), reservou apar-



Na Broadway, descobre Miss Brasil um sorveteiro baiano. Aqui a vemos, sob o olhar curioso dos passantes, a conversar com o patricio.



Adalgisa se detém para

Um insulto de um "colored", no Harlem, não impressionou muito Miss Brasil. Sua simpatia latina pôde mais e ela acabou por desarmar a frieza das faces escuras. Pudera!

tamento especial para Adalgisa, mas Miss Brasil acabou sendo levada para outro. Os proprietários do Diplomat lamentaram bastante, pois sempre hospedaram a nossa representante. Colombo ficou encabulada com a história, mas não teve culpa. Por razões ainda desconhecidas, alguém tomou esta iniciativa. Ela não sabia de nada.

A preocupação de Adalgisa Colombo é comer bastante e descansar o máximo, para recuperar os quilos perdidos. Também cancelou a viagem de Washington, segundo ela mesma, para chegar mais cedo a Long Beach. "Não quero viajar na véspera para não chegar mais abatida ainda" — comentou Miss Brasil.

Daqui a mais alguns dias, serão conhecidas todas as candidatas. Dois dias após o início do concurso, surgirão os primeiros palpites. A curiosidade domina a todos. Mas o jeito é esperar pelo dia 25, quando saberemos então, quem será a Miss Universo 1958.

Adalgisa Colombo, faz
o reconhecimento de Nova York.
Ambientar-se
- sua primeira preocupação.

PICÓN SALAS NO BRASIL

TEMOS TIDO, no Brasil, chefiando as representações diplomáticas de seus países, intelectuais da mais alta estirpe, como por exemplo Paul Claudel, que foi Embaixador de França no Rio de Janeiro, numa época em que o adido cultural francês entre nós se chamava Darius Milhaud; pelo Brasil passaram, em missão diplomática, homens como Ruben Dario, presente à Conferência Pan-Americana de 1906, na qualidade de plenipotenciário de seu país, a Nicarágua. Mas a tradição tinha sido de há muito abandonada, por motivos vários e que não vêm ao caso. Agora, com a nomeação de Mariano Picón Salas para a Embaixada da Venezuela no Brasil, eis que ela é retomada. Pois Picón Salas, sem dúvida alguma, é um dos mais altos espíritos da moderna literatura de língua hispânica, e sua designação para a chefia da missão venezuelana no Rio de Janeiro honra-nos sobremaneira.

Novellista, em "Odisea de Tierra Firme" (1931) ou em "Registro de Huéspedes" (1933), é sobretudo como crítico e historiador que Picón Salas tem sua posição no atual panorama das letras venezuelanas. Seu livro máximo, "Formación y Proceso de la Literatura Venezolana", pode ser apontado como um modelo a ser

seguido e imitado por quantos se entreguem ao gênero. É obra eivada de conteúdo humanístico e cultura filosófica inexcitáveis, vazada, além do mais, em nobre prosa que pode ser cotejada com o que de melhor se tem escrito em idioma espanhol.

Mas Picón Salas, novelista e historiador da literatura venezuelana, é igualmente um interessado nos problemas da Arte ("Problemas y métodos de la Historia del Arte"), um estudioso do passado de sua terra ("Cinco Discursos sobre Pasado y Presente de la Nación Venezolana"), ensaísta admirável ("Preguntas a Europa"). É, no dizer de Julio Leguizamón (1), a maior figura das letras venezuelanas: "La presencia de Picón Salas, en su posición eminente y moderna, relega otras figuras".

É esse homem, é essa cultura ampla e atual, que hoje se encontra entre nós, à testa da missão diplomática de seu país natal.

NOTA

(1) — Julio A. Leguizamón: "Historia de la Literatura Hispano-americana". Buenos Ayres, 1945. Editoriales Reunidas S. A. Tomo II, página 573.

LIVROS E IDÉIAS

TRÊS LIVROS DE POESIA

TRÊS LIVROS de poesia, cada qual com seu destino, cada qual com seu valor. Três temperamentos diferentes, que escolheram o verso para a confabulação com o leitor.

O primeiro — livro póstumo — chama-se "Lágrimas de um Coração". O autor, Osiris de Belli, paralbano, faleceu em 1948, bastante moço ainda, ao que parece desencantado com a própria produção. Sente-se, em "Lágrimas de um Coração", a influência de Augusto dos Anjos, o amor à poesia do cantor do "Eu":

*Eu, que cheguei às tontas, oriundo
Das mais excusas excreções do Hôrto...*

Ou ainda:

*Meu coração tem as muralhas vastas,
Dos reinados do mito e lendas jônico...*

Em "A Lástima dos Sêres" o poeta chega a copiar, deliberadamente, um dos mais conhecidos sonetos de Augusto. E diz, em "Visão de Renúncia":

*Firmado no meu credo de monista,
Formulei do princípio progressista,
Minha última e essencial religião.*

A métrica por vezes é claudicante. A temática, antiga, a repetir os passos do "Eu". O trágico, em Osiris de Belli, é que esse moço, dotado de inegável talento, era sincero em seu poetar, pôsto lhe fugisse totalmente a noção da autêntica Poesia. Sofreu o destino ruim de tantos jovens da província, cuja admiração por determinada figura literária lhes estanca, no peito, a sede de autopesquisa e da autocritica. Osiris de Belli pensava como Augusto dos Anjos, não como o jovem que foi: de tão ofuscado pela poesia do outro, não chegou a discernir, infelizmente, na sua, o que era autêntico do que o não era. Imitou o que de mais exterior possuía o poeta de "Monólogo de uma Sombra": o gosto pela palavra rara, o amor aos proparoxítonos e às rimas inesperadas, os temas filosóficos, sem ver que, em Augusto dos Anjos, essa forma exterior era uma ressonância de seu íntimo. Equívoco terrível, que lhe custou a obra e talvez lhe tenha, também, custado a vida (1).

O segundo livro da tríade chama-se "Marinheiro no Tempo e Construção no Caos". O autor chama-se Fernando Mendes Vianna, é maranhense e reside no Rio de Janeiro. Primeiro livro, enfeixando duas obras,

uma de 1952-1955, a outra de 1956. Poemas a que o autor agora, por vezes, busca dar novas formas: no exemplar que me destinou, em "Poema Urbano" foi cortado o último verso, em "Anoitecer" é substituído o verso *mansas massas de penumbra* por *massas de penumbra, mansas*, poeticamente superior em "Clamor" há outro versinho cortado, em "Poema da Angústia" nada menos de seis, em "O Telúrico" dá-se a inversão de *O céu supremo é o chão* em *O supremo céu: o chão* (a nosso ver, inferior ao original), em "O Tanque Redimido", podaram-se três versos, em "Os Profetas do Aleijadinho" e *pregam* dá lugar a *pregando*. Note-se que Fernando Mendes Vianna, com tais cortes e substituições, busca evitar o tom declamatório e as enxúndias verbais, que vez por outra ameaçam-lhe os poemas.

Fernando Mendes Vianna: temperamento poético, sensibilidade, influências várias (a começar de Schmidt), um toque surrealista de resto simpático. Versos curtos, poemas contidos, pouca inclinação a hermetismos gratuitos. Alguns momentos de alta poesia, como, por exemplo, em "Ausência":

*Sem sentir que sinto não estar sentindo,
absorto em nada,
como se pensasse em alguma coisa
que existe tanto quanto eu neste momento*

[sonâmbulo,

*vôo em alguma parte,
como se vivessem por mim
e eu pudesse não ser,
porém me contemplasse,
como não sabendo se vejo o escuro ou se*
[estou cego.

Outros bons momentos poéticos: "Auto-Epítáfio do Senhor da Noite", "O Homem":

*Contemplo o céu
para sentir-me ave
e não saber-me prêso*

*E do alto eu tombo
pelo meu próprio pêso.*

"O Cão", "O Grande Torso", "Retrato do Poeta" — em "Marinheiro no Tempo"; "A Visão Impossível":

*No espaço, era no espaço.
A hora, ai! era nenhuma.
Havia forma slongas e leves,
Incomparáveis.
Não eram nuvens.
Não eram anjos.
"O olhar":*

*Ah, os vermes de olhos enormes,
prisioneiros da terra, vendo as trevas*
[enormes!

"A Manhã Corporal", "A Paisagem" (um poema num único verso), "O Sangue Mutilado" — em "Construção no Caos".

Também, no livro de Mendes Vianna, inegavelmente: indagações e exclamações em demasia, por vezes excessivos ruídos (como afirmava Rilke numa de suas cartas a um jovem poeta). Mas esse livro revela um poeta autêntico (2).

O terceiro livro é de Mário Chamie e se intitula "Os Rodízios". Terceira obra do

autor, a quem considero como dos mais interessantes poetas moços de São Paulo (a primeira foi "Espaço Inaugural, a segunda "O Lugar").

"Os Rodízios": presença de João Cabral de Melo Netto, velada embra, vocabulário rico e exótico, hermetismo, forma original e vária. Poesia de turbilhão, de redemoinho, de *carroussel* — como a do primeiro Pignatari:

3 — Cravo, liga, ocaso visual de chama, ninguém fluindo o vórtice do sangue pelo sangue. Pois suor de éter suamos. Scmos.

4 — amor, flor, homem e vírus da fome. Ligam-se? Nada, ai, de verbo algum.

Vocabulo gerador de outros, alquimia verbal:

Cravo visto, *acaso*, ocaso sério de umbra.

Gullar, a *Luta Corporal* dando seus frutos. Uma imaginação fértil. Em "Reza" a influência de Mário Faustino (o Faustino de "O Homem e Sua Hora")?



ENEIDA foi ao Rio Grande do Norte, convidada pelo livreiro Walter Pereira para fazer, em Natal, o lançamento de seu livro "Aruanda". A recepção à cronista foi apoteótica. Aqui a vemos, enquanto falava na "tarde de autógrafos", na livraria, ladeada por Walter Pereira e o governador Dinarte Mariz. Presentes, ainda, o prefeito Djalma Maranhão, cel. Menezes Serpa e com. Silveira Lôbo.

Instantes poéticos de alto nível: "O Poeta Vê seus Pais", "Painel como Potro", "Touro Prêso", "A Língua", "Pôr", "Explicação — Sucinta" — que abrange a poética do autor —, enfim: quase tudo. A poesia de Chamie dirige-se ao sentimento e ao pensamento. É originalíssima, forte e contundente. Admiro-a e a seu moço autor, sem restrições que não as de minhas próprias limitações (3).

(1) Osiris de Belli: "Lágrimas de um Coração". Pongetti Editores. Rio de Janeiro, 1958. Poesias Póstumas. Apresentação de Jansen Filho. Prefácio de Waldemar Duarte, 66 páginas.

(2) Fernando Mendes Vianna: "Marinheiro no Tempo e Construção no Cãos". Simões Editor. Rio de Janeiro, 1958. — 168 páginas.

(3) Mário Chamie: "Os Rodízios". São Paulo, Clube de Poesia, 1958. Apresentação de Milton Godoy Campos. — 86 páginas.

MÉTODO PARA A ASSOCIAÇÃO DOS CRÍTICOS

A SEÇÃO BRASILEIRA da Associação Internacional de Críticos de Arte necessita de imprimir, a seus trabalhos, maior ordem, um método mais rijo, para que não seja vã toda a sua atividade. Ainda bem mais, agora, quando prepara ela o Congresso Internacional que se realizará em Brasília, em setembro do ano vindouro.

Aliás, esse Congresso Internacional de Brasília pode servir para atestar como, na entidade que engloba os críticos de arte brasileiros, tudo se faz sem qualquer obediência a um critério razoável, pré-determinado. Recordamo-nos perfeitamente da sessão que antecedeu a partida de Mário Pedrosa e Pedro-Manuel para o Congresso de Bruxelas, em abril passado, e não nos consta levasse o primeiro daqueles críticos, da diretoria da entidade, qualquer recomendação no sentido de que fôsse Brasília proposta para sede do próximo congresso internacional da A.I.C.A. No entanto, quando de seu regresso, foi-nos comunicada tal resolução, tomada, no fim de contas, por sua livre e espontânea vontade, que assim passou a ser, também, a vontade da A.I.C.A. nacional...

Isso não quer dizer que estejamos contra esse Congresso ou contra a atitude de Pedrosa, de quem, de resto, tanta vez discordamos: o Congresso em Brasília, além de ser ótima propaganda para nosso país, propiciará a quantos, como nós, se interessem por arte, um conhecimento pessoal com homens como Herbert Read, por exemplo. Estamos — isso sim — é contra a falta de ordem numa entidade de que até mesmo os estatutos desconhecemos, e não por culpa nossa, que tanta vez os reclamamos; contra a passividade de um Presidente que, residindo em São Paulo, pouco interesse tem nas atividades de sua associação; contra o pouco caso de quase todos os associados; contra essa improvisação que nada pode realizar, em suma.

Contra tal estado de coisa nos insurgimos. E, exigindo para a seção brasileira da A.I.C.A. uma reforma total, que lhe imprima, afinal o método que lhe vem faltando, lutamos por sua consolidação e para que possa ela, afinal, cumprir os altos desígnios para que foi destinada.

A SOLEIRA DO QUARTO, Bréval fez entrar a governanta, que foi, diretamente, sentar-se na poltrona :

— Cigarro ? — propôs o comissário, tirando uma cigarreira do bolso.

— Sim, com prazer.

Enquanto se curvava sobre a chama oferecida, Mlle. Moreau declarou :

— Sei, agora, porque seu rosto me pareceu curiosamente familiar. Foi por tê-lo visto tantas vezes nos jornais.

— Perfeito, penso que nos entenderemos. Constató, em todo caso, que tem boa memória e que se lembrou de minha fisionomia...

— Sim, e justamente recordei um fato...

— Recordou-o desde há pouco ? cortou o comissário.

A governanta procurou distinguir a expressão de seu interlocutor. Mas teve de renunciá-lo, porque Bréval se sentara contra a luz e o céu tornava-se cada vez mais crepuscular. Um sorriso ambíguo veio distender o arco ávido de seus lábios, enquanto ela reclinava-se nas costas da poltrona:

— Não, lembrei-me ontem à noite, mas não tinha motivo algum em comunicá-lo a um cineasta, não acha ? A um policial, é diferente.

— De certo.

Depois de parecer ordenar os pensamentos, Lydia falou, pensando bem cada palavra :

— Ontem, creio já ter dito, fui consultar meu médico, à tarde. Por isto, não estava aqui à sua chegada. O dr. Anglade — sim, o mesmo que chamaram para Georges — mora na rua Gambetta, justo em frente ao *Continental*... Isto para explicar... Saindo do médico, atravessei maquinalmente a rua e, assim fazendo, vi Claire à mesa do café, tomando sorvete em companhia de um rapaz, e rindo às gargalhadas.

Mlle. Moreau interrompeu-se e o comissário, pensando ter ela terminado, disse num tom falsamente desprendido:

— E' natural na idade de Mlle. Brémont...

Esta aparente indiferença espicou a governanta:

— E se eu dissesse que coisa alguma podia mais contrariar Georges ?

— Oh, e por quê ?

— Georges recolheu Claire após a morte de sua mãe. Não possuía ela um vintém e ele mostrou-se verdadeiro pai. E, como todo bom pai, fazia projetos para o futuro de Claire e metera-se em cabeça casá-la com Nicolas, para estreitar os laços com a família Vernon. Tinha, mesmo, a intenção de dotar Claire, a fim de que ela não parecesse correr atrás de um casamento rico. A pequena parecia disposta a fazer-lhe a vontade, por isto Georges ficou furioso ao saber que ela flertava com outro...

Brincando com o isqueiro, mas sem cessar de observar a interlocutora, Bréval perguntou inocentemente :

— Foi a senhora quem lhe disse ?

— De certo. Claire é ainda uma criança e precisa que se vigiem suas amizades. Ora, tratava-se visivelmente de um empregadinho qualquer...

— Mas não vejo em que isto possa motivar o assassinato de Meller. Ah! se fôsse o flêrte de Mlle. Brémont que o tivesse matado...

— Não sou da sua opinião. Georges estava furioso com Claire e pode muito bem ter-lhe anunciado, desde ontem à noite, que cessava totalmente de ocupar-se dela.

E a governanta debruçou-se para Bréval :

— Não sei se percebeu quando ela o chamou à parte, há pouco, mas Claire é muito audaciosa. Antes do que ser posta na rua — o que podia alienar-lhe o amor do belo rapaz — julgo-a capaz de ter morto Georges, antes que ele pudesse modificar o testamento...

— Ah, seria ela a herdeira ?

— Por certo! E' a sua única parenta.

— Sim ? E a senhora ?

Esta pergunta direta desconcertou um instante a moça; mas, depois ela explicou, com uma ponta de amargura :

— Oh, comigo é diferente. Não era ainda sua mulher. Ignoro se o conhecia tão bem quanto eu, mas aposto que com sua circunspeção habitual, Georges aguardava casar-se para testar em meu favor.

— O que vai ser da senhora ?

A governanta deu de ombros :

— Nenhuma dúvida quanto a isto, porque os Vernon vão recuperar *Arayado* e imagino facilmente qual seja o primeiro gesto da querida Isabelle !

O MISTÉRIO DO ARAYADO

RESUMO — A morte inesperada do escritor Georges Meller, proprietário do *Arayado*, abala os seis moradores da mansão — Anne, Nick e Isabelle, enteados do escritor (a última casada com Jacques Delancy); a governanta Lydia Moreau, ex-candidata à mão de Meller; Claire, sobrinha do escritor — bem como os seus dois hóspedes: Juliette Livel, atriz decadente, e o cineasta Brémont. Tendo em vista as condições em que o crime foi cometido, o assassino deve encontrar-se presente na casa, onde quase todos são suspeitos. E o produtor Brémont, agora reconduzido à sua verdadeira identidade — o comissário Bréval — passa a chamar, um a um, os hóspedes e moradores do *Arayado*, para o indispensável interrogatório.

M. B. ENDREBE



"O inferno não encerra nada mais terrível do que"

Bréval lamentou que estas considerações pessoais, por mais reveladoras que fôsem, o afastassem de seu intento.

— A despeito do que me diz, não imagino Mlle. Brémont assassinando deliberadamente o tio que a retirou da miséria.

Lydia Moreau teve um riso mau :

— Céus! Um homem como o senhor acredita ainda em gratidão? Não aprecia essa boa pequena Claire em seu justo valor, permita-me que o diga. Enfim, se acha minha históriazinha sem interesse, é melhor juiz. Fiz o meu dever.

— E' sempre grande consolação, suceda o que suceder — assegurou-lhe Bréval sem sorrir.

A governanta assumiu um ar zangado e nada mais disse. O comissário observou-a por um momento em silêncio, depois fez a pergunta inesperada :

— Pode dizer-me quem, em *Arayado*, pode achar-se sem dinheiro?

Intrigada, Mlle. Moreau não pensou mais em sua reserva ofendida :

— Por que? Roubaram Georges?

— Sim e não, não sei ainda ao certo... Mas responderá à minha pergunta?

— Ora, tudo depende da quantia. Isto à parte, todo mundo aqui, e eu à frente!

— Fala seriamente? Os Delancy...

Lydia Moreau deu de ombros :

— Repito, tudo depende da quantia. Os Delancy pareceriam ricos a muita gente, mas Isabelle não digeriria o fato de sua mãe ter deixado a Georges boa parte da fortuna. Cada vez que ela e o marido podiam ficar aqui sob um pretexto ou outro, não se privavam. Aos seus olhos, era sempre um pouco de recuperação.

— Vejo o que quer dizer, mas seria, para eles uma soma relativamente mínima...

Lydia teve um sorriso venenoso :

— Então, só poderia ter sido a Juliette! Aliás, julguei perceber que ela procurava agradar a Georges. Em sua inconsciência, pode ter querido puni-lo por ficar insensível aos seus encantos e esvaziar-lhe a carteira pela mesma ocasião. A força de representar melodramas, a gente acaba... representando outras peças... E não dizem que o inferno não encerra nada mais terrível do que uma mulher desprezada?

— Não desdenharei nenhuma das pistas que teve a bondade de indicar-me — disse Bréval, que começava a sentir-se enojado.

A sua chegada, tinha considerado Lydia no mesmo pé que as outras, e essas maledicências de empregada despedida lembravam-lhe a sua verdadeira condição. Mlle. Moreau perdia muito perdendo Meller e procurava enlamear a todos antes de ter que abandonar o local de sua derrota.

— Fiz apenas o meu dever, repetiu a governanta levantando-se.

— Sabe quem era o rapaz com quem viu Mlle. Brémont?

Lydia atirou o cigarro ao cinzeiro e aproximou-se do comissário :

— Interessa, ainda assim, a minha históriazinha?

As pálpebras de Bréval dissimularam por um breve instante, seu olhar — como se ele receasse que a interlocutora pudesse ler-lhe o pensamento. Havia, em verdade, algo de odioso na maneira porque ela insistia, por despeito, em querer comprometer todo o mundo.

— Disse-lhe que não rejeitaria a nenhuma pista.

— Pois bem, não conheço esse rapaz, mas ouvi Claire chamá-lo Roland. E assim que me viram, pareceram dois culpados que preparassem um golpe.

— Ou simplesmente dois namorados em pleno flerte — corrigiu Bréval, secamente. Não esqueço, senhorita, que acaba de perder ao mesmo tempo um marido e uma fortuna. Isto pode influenciar seu julgamento quanto à felicidade dos outros!

— Não creio... Mas, naturalmente, é livre de acreditar... Tanto como eu seria livre de repetir estes fatos aos investigadores... oficiais.

— Aconselho-a vivamente que o faça, tornou o policial, com calma.

— Eu, viva, não descansarei sem que tudo tenha sido feito para encontrar o assassino e o que o levou ao crime!

— Tal sentimento só pode honrá-la, senhorita — disse Bréval, num tom ainda mais seco.

Lembrava-se do egoísta que era Meller em criança... e do que acabava de dizer-lhe Anne Vernon... Por isto, essa fúria de vingança, que via unicamente na morte do amante a derrota de suas ambições, fazia com que ele sentisse uma vaga piedade pelo assassino desconhecido. Mas isto era um sentimento que não podia perdurar por muito tempo na alma de um policial.

A governanta prosseguiu numa voz má :

— Há uma outra na qual deve atentar bem, e é essa querida Isabelle. Os Vernon tinham todos os motivos para detestar Georges... e quando digo os Vernon, é em Isabelle que penso, porque ela os domina a todos...

— O grande ascendente de Mme. Delancy sobre sua família não me escapou.

Lydia deu de ombros :

— Nada mais tenho a dizer-lhe.

Bréval abriu a porta e, quando ela ia sair, reteve-a pelo braço.

— Quer chamar Mme. Delancy, por favor?

— Bem, eu...

— Não, daqui mesmo.

— Lydia olhou-o espantada e chamou maquinalmente :

— Madame Delancy!

— Mais alto, peço-lhe.

— Madame Delancy!

Esperaram alguns instantes em silêncio, mas não veio resposta. Mlle. Moreau fitou Bréval com ar interrogador. O policial impeliu-a docemente para o hall e, junto à escada, pediu :

— Quer chamar de novo?

Dessa vez, Lydia pareceu compreender a intenção do comissário, porque um sorriso de satisfação iluminou-lhe o rosto :

— Madame Delancy!

No primeiro andar abriu-se uma porta, mas foi Juliette quem se debruçou ao corrimão :

— O que há? Chamou?

A mão de Bréval apertando o braço de Lydia impediu que esta respondesse.

— Sim, senhorita Live! Gostaria de conversar alguns instantes com a senhora.

Lydia olhou-o desconcertada. Mas, a um sinal de cabeça, o policial deu a entender que não perdia de vista seu objetivo :

— Não fale a ninguém sobre a conversa que acabamos de ter, recomendou à meia voz.

Lydia abanou a cabeça com ar de cumplicidade, e pôs-se a subir, cruzando-se, na escada, com a atriz.

—O—

JULIETTE encontrava uma atmosfera que lhe era familiar, porque, em suas "tournées", muita vez representara "O Processo de Mary Dugan", no qual o procurador geral torturava-a sem piedade. Ela conhecia a fundo a atitude, ora triste, ora indignada, de um inocente perseguido. Eis porque, se com um lápis completara seu rosto com duas sobrancelhas finamente arqueadas, abster-se de qualquer pintura, salvo nos lábios, a fim de parecer mais pálida e mais desfeita.

Entrando no quarto de Bréval, Juliette deixou-se cair na poltrona e, recorrendo ao meio infalível que era a lembrança de um gatinho afetuoso esmagado sob seus olhos, vinte anos antes, pôs-se a soluçar. Sentiu com satisfação as lágrimas correrem-lhe no rosto e recorreu a um gesto de efeito, que consistia em secá-las com a palma da mão, como se censurasse a si mesma trair sua sensibilidade, deixando-as correr.

— Era ligada a Meller? perguntou Bréval, sempre um pouco esquerdo diante de lágrimas.

do que uma mulher desprezada."

— Sim... muito... respondeu a atriz com voz entrecortada. Toda sua vida foi para mim um sustento, um amparo... Oh! E' atroz!

E num paroxismo de emoção:

— Perdendo Georges, perco tudo! Quando penso que êle queria ver-me criar sua primeira peça! Oh! — concluiu — o senhor, que incarna a Justiça, vingue-o, vingue-me!

Bréval indagou secamente:

— Por que não voltou ao terraço, ontem à noite?

As lágrimas da atriz pararam de correr, mas desta vez não pensou em limpar o rosto!

— Por que?! indagou com ar estúpido.

— Sim, saiu em busca de seu isqueiro, esquecido no escritório de Meller, e ninguém a tornou a ver. Por quê?

A atriz sentiu-se bruscamente desamparada. Era bem diferente enfrentar, graças às réplicas de efeito do ator, o procurador geral perseguindo a desventurada Mary Dugan, e dever, com seus próprios meios, resistir ao choque de perguntas imprevistas.

— Eu... eu não o encontrei logo... Quando... voltei, todos tinham se recolhido...

— Precisou de mais de uma hora para achar seu isqueiro? Impossível! Deve ter sondado as paredes.

— No entanto, asseguro-lhe, balbuciou Juliette abafada. Foi... o que fiz.

— Não. Vou dizer-lhe, eu, o que fez. Não me espantaria que o seu isqueiro fôsse apenas um pretexto para ir ao escritório de Meller.

O policial marcou um tempo e olhou sua vítima. Mas Juliette, vencida, nada mais tentava. As lágrimas corriam de novo, mas eram agora lágrimas de humilhação e desespero.

— Talvez buscasse ali alguma coisa? Um livro de cheques?

— Um livro de cheques? repetiu Juliette com ar apalermado; e o policial, compreendendo que se perdia, apressou-se em prosseguir:

— Em todo o caso, encontrou uma carta inacabada, escrita por Meller...

Um soluço escapou-se dos lábios da atriz.

— ... carta que aqui está — terminou, tirando do bolso o papel amarrotado que tinha achado sob as duplas cortinas da biblioteca. Deseja que a releia?

Juliette sacudiu a cabeça, incapaz de falar. Seu pequeno lenço não podia mais enxugar-lhe as lágrimas. O batom desbotara e traçara em seu rosto cômicos sinais.

— Os termos desta carta não se prestam a nenhum equívoco, continuou o comissário, não sem leve piedade na voz. Georges escrevia a uma outra atriz, sobre a felicidade que teria se ela quisesse criar a sua peça.

Juliette não mais representava. Parecia ter, de repente, mais do que sua idade e deixava ver o que era: um destrôço de vida, não tendo mais a que se agarrar.

— Então, prosseguiu Bréval, com rudeza, a senhora tomou o revólver de Meller na gaveta de sua secretaria e escondeu-se atrás das duplas cortinas. Quando êle voltou a sentar-se à mesa, matou-o com uma bala na têmpora esquerda, a têmpora que se achava frente à janela...

— Não é verdade! Não o matei! Juro!

Mlle. Nivel, desesperada, lançara-se aos joelhos de Bréval e suspendia-se ao seu braço de maneira histérica:

— E' preciso que acredite em mim! Não o matei! Não queria mais vê-lo... Era atroz, atroz! Ter zombado de mim... por que, por quê? Mas não o matei, não! Nem sabia que êle tinha um revólver na gaveta... Voltei para meu quarto... não queria ver mais ninguém... Só me restava morrer.

Bréval fitou o pobre rosto decomposto que Juliette erguia para êle.

— Como tudo seria mais fácil — pensou — se não houvesse lágrimas! E, combatendo uma invasora piedade, indagou:

— Como explica então que eu haja encontrado esta carta, toda amarrotada, atrás das cortinas duplas?

Juliette estava incapaz de explicar qualquer coisa. Ela era apenas dor e confusão:

— Não sei... Vinha buscar o manuscrito para que o senhor lêsse algumas cenas... Vi a carta na cesta de papéis... Não sei que curiosidade me impeliu... Mas tornei a colocá-la ali. Não queria que êle soubesse que eu sabia... não queria...

A atriz tinha largado o braço do comissário; atirada ao tapete, continuava a soluçar desesperadamente. Bréval curvou-se para a janela e, tomando-a docemente pelos ombros, ajudou-a a erguer-se.

— Quero acreditar na senhora — disse êle, pensando nas marcas que vira no canteiro; mas, querendo calar-me a verdade, corre um terrível risco... Vamos, acalme-se, seque os olhos e vá repousar em seu quarto. Não pode mais.

Reunindo as revelações que Lydia fizera ao desespero de Mlle. Nivel, imaginava o policial que desmoronamento fôra para a atriz a leitura daquele pedaço de carta.

Juliette era como um cão batido, acolhendo com reconhecimento o menor gesto de compaixão. Limpou os olhos, assoou-se sem nenhum sinal de feminilidade, o que comoveu Bréval. Foi, talvez, por isto, que indagou:

— Nunca pensou no rádio, Mlle. Nivel?

O inesperado da pergunta petrificou a atriz, mas ela respondeu docilmente, como se não mais procurasse compreender coisa alguma e só tivesse agora o desejo de responder com franqueza:

— O rádio... não... os aparelhos portáteis são caros e eu estava sempre em "tourné"...

— Não, quero dizer — como atriz?

Juliette abanou a cabeça:

— Quando estreei, o rádio era mais ou menos como a televisão hoje... uma distração para uma minoria... e depois... depois, disse com amargura.

— Penso que o rádio poderia oferecer-lhe uma nova oportunidade.

— Na minha idade...

— No rádio, tem-se a idade da voz e a sua é muito bonita, muito patética... Conheço um produtor e posso dar-lhe uma palavra de recomendação, para êle, quando terminarmos este caso. Êle ocupa-se das emissões policiais. Ora, depois da sessão que acabamos de ter, penso que seja particularmente dotada para este gênero. Agora, vá repousar e queira pedir à Mme. Delancy que venha ter comigo.

—o—

ISABELLE não gostava do quarto verde: achava as tonalidades muito apagadas e o ambiente parecia-lhe sempre contaminado pela preguiçosa moleza de sua mãe. Não, não era uma peça que combinasse com o temperamento de Isabelle e gostou ainda menos de ser ali recebida por Bréval.

A entrada, o queixo erguido, lançou:

— Mlle. Nivel disse-me que o senhor queria ver-me.

— Sim, retorquiu pausadamente o comissário. Faz mesmo mais ou menos meia hora que desejo vê-la.

— Estou desolada, mas essa grotesca criatura só agora avisou-me. Ela devia andar a chorar por aí o seu "querido Georges"...

— Não, foi agora que pedi a Mlle. Nivel que a chamasse, mas a governanta já o havia feito...

— Lydia? Posso assegurar que não, pois desde que o sr. nos despediu, permaneci em meu quarto com meu marido.

Com o polegar, Bréval amontoou o fumo no cachimbo:

— E eu posso afirmar que Mlle. Moreau chamou-a não uma, mas duas vezes. Sem dúvida, não escutou?

— Sem dúvida, concordou Isabelle, se está certo de que ela o fez. Seja dito de passagem, Lydia poderia dar-se ao trabalho de subir a meu quarto. Ela deve saber que não é mais grande coisa aqui!

— Creio que o sabe, disse o comissário. Mas o que eu queria saber — já que os apelos de Mlle. Moreau não chegaram até seu quarto — era como esta noite pôde ouvir uma mulher gritando no andar térreo?

(Continua)



Polígono da poeira. Vista aérea do Santo Antônio e adjacências antes do desmonte. A linha de limite marca a área que será demolida.

SANTO ANTÔNIO VOLTA AO P

SÉRGIO DE OLIVEIRA

MEMENTO, Santo Antônio, *quia pulvis es et in pulverem reverteris*. Lembra-te de que és pó e ao pó voltarás. Estamos-nos referindo, evidentemente, ao Morro de Santo Antônio, que dia a dia se transforma em pó, que é distribuído pelas ruas da Lapa e pelo atêrro da Av. Beira-Mar. E assim o morro, em quatro anos de demolição, embora a idéia tenha quase 150 anos, já está quase pela metade. De seus 6.000.000 de metros cúbicos de terra e 1.000.000 de pedra, 3.000.000 já foram para o mar. Atualmente, a média da demolição é de 6.000 metros cúbicos por dia, que são levados por cerca de 80 caminhões, num trabalho que mais parece de formigas, com aquele desfile, 24 horas por dia, de carros e mais carros, que vão deixando o rastilho de barro denunciador de sua passagem e de seu trajeto. O destino é o atêrro da Av. Beira-Mar, que pelo visto, deixará de ser na beira, e que já está delineado quase até ao Morro da Viúva, fronteira entre Botafogo e Flamengo.

A IDEIA VEIO COM D. JOÃO VI

Apesar de só em 1954 se terem iniciado as obras do desmonte, depois das tentativas sem resultado de 11 prefeitos, a idéia do desbastamento surgiu em 1814, quando o médico e professor da Escola de Medicina, dr. José Maria Bontempo, português que cá viera ter por obra e graça de Napoleão Bonaparte, que expulsou D. João VI e sua côrte de Portugal, afirmou, em sua "Memória sobre algumas enfermidades do Rio de Janeiro", que a par do desmonte do Morro do Castelo, se cogitasse também de lançar ao mar o Morro de Santo Antônio, para tornar a cidade menos "doentia e mais elegante e majestosa".

Dois anos mais tarde, em 1816, D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, bispo de Pernambuco, em seu "Ensaio Econômico sobre o Comércio de Portugal e suas Colônias", pronunciou-se também a respeito do desmonte, declarando que se deveria "encostar tôda a terra desmontada ao longo da Praia de Santa Luzia, seguindo para a de Nossa Senhora da Glória, e até, se fôsse possível, chegar à Fortaleza de Villegaignon".

PRIMEIRA TENTATIVA

Mas a primeira tentativa, só foi feita em 1922, por ocasião das comemorações do Centenário da Independência, sendo prefeito o sr. Carlos Sampaio. Não conseguiu e pouco depois perdia o cargo.

O morro, antes da demolição, visto de outro ângulo. Desaparecerá a parte cercada. No retângulo em branco, estão os Arcos, dando a proporção da área atingida pelo plano urbanístico.



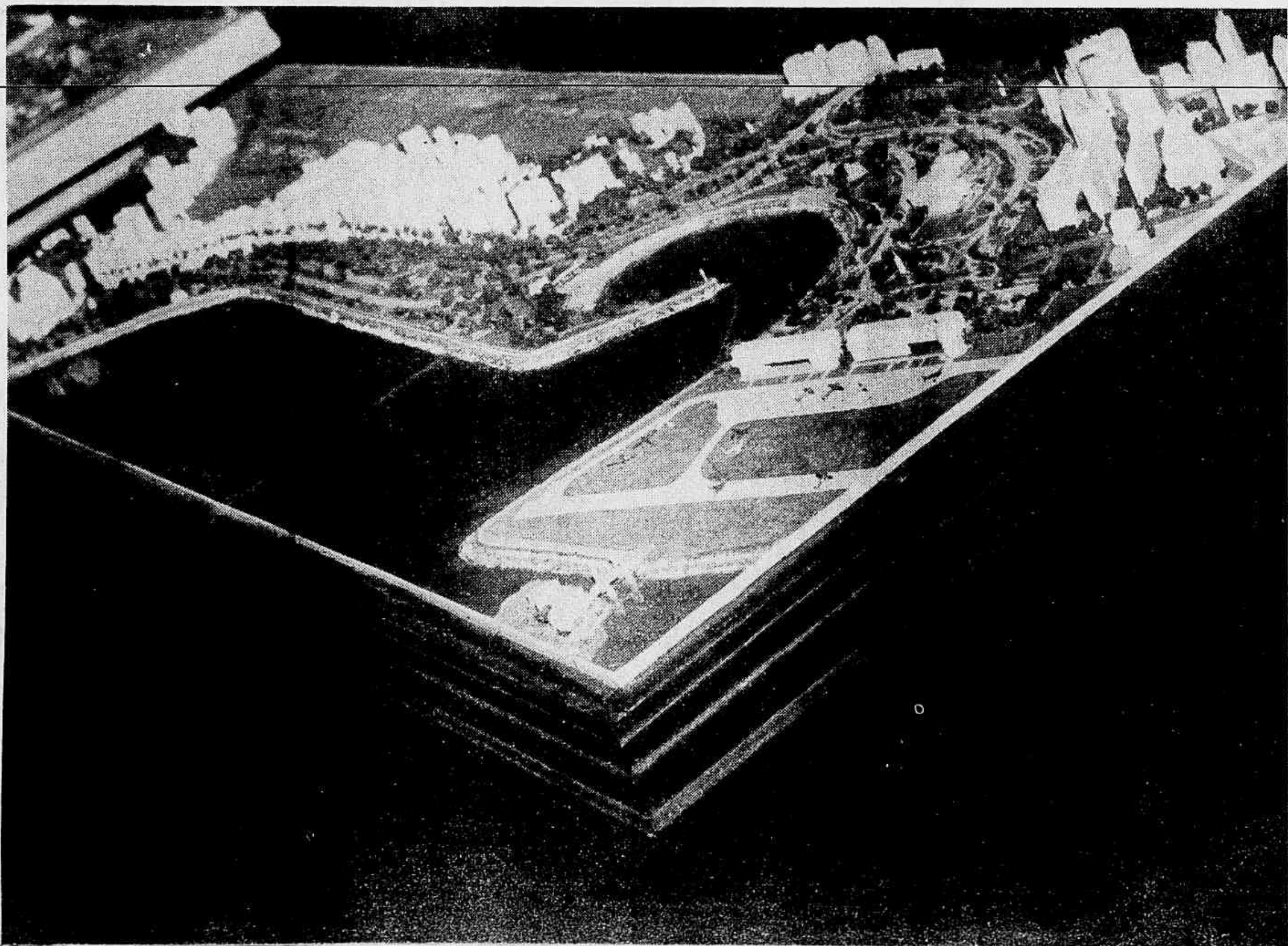
É aqui que Santo Antônio começa a virar pó.



O PÓ



Assim ficará (foto abaixo) o aterro. Quando o dr. José Maria Bontempo quis "curar" a cidade certamente não pediu tanto...



Daí para cá, todo prefeito que tentava realizar a obra, caía. Criou-se a lenda: só se é alcaide enquanto não se tenta mexer no morro. E assim foi até o Congresso Eucarístico, que anulou a força do Santo... Mas não completamente. Iniciado o desmonte em março de 1954, em agosto saía o prefeito, coronel Dulcídio Cardoso e, também, o presidente da República, que era o sr. Getúlio Vargas.

CUSTARÁ CINCO BILHÕES

A derrubada do morro e o aterro da Av. Beira-Mar, com as respectivas urbanizações, são consideradas obras autofinanciáveis, pela venda dos terrenos da esplanada que então surgirá. O custo total está orçado em cerca de Cr\$ 5.000.000.000,00, sendo que até agora já foram consumidos Cr\$ 500.000.000,00. A estimativa da área plana que resultará da demolição é de 300.000 metros quadrados, dos quais serão passíveis de edificação 20%, ou seja, 60.000. Os restantes 240.000 metros quadrados serão dedicados a praças, ruas, jardins públicos, espaços livres etc. Como o preço médio do metro quadrado nas proximidades é de cerca de Cr\$ 80/90.000,00, espera a Prefeitura reaver na venda todo o dinheiro aplicado.

CONCORRÊNCIA INTERNACIONAL

Quando se cogitou de demolir o morro, várias firmas estrangeiras propuseram-se a realizar a obra mediante pagamento em terrenos. Estudos foram então feitos, mas não se chegou a acordo, tendo a Prefeitura arcado com a responsabilidade da empreitada. Agora, no entanto, o assunto está sendo reconsiderado, e dentro de três meses possivelmente, será aberta concorrência internacional para conclusão do serviço. O que ainda não está resolvido é a forma de pagamento. Talvez em dinheiro, talvez em terrenos e provavelmente em dinheiro e terreno.

URBANIZAÇÃO

Informações dadas a respeito pelos engenheiros que realizam o desmonte:

1 — O custo da obra inclui a urbanização, tanto da esplanada de Santo Antônio como do aterro. Avenidas, ruas, praças, área de estacionamento de veículos, prédios públicos, subestação elétrica, galerias de esgotos, etc., tudo terá de ser feito, estando já prontos os projetos. O plano não se limita, porém, apenas ao morro propriamente dito. A desapropriação abrange a zona compreendida entre o Largo da Carioca, ruas Senador Dantas, Evaristo da Veiga, Largo dos Arcos, Av. Mem de Sá, rua do Lavradio, Visconde do Rio Branco, Carioca, fechando o polígono a parte final da rua Uruguaiana. Em todas essas ruas, só a parte que está do lado do morro.

2 — Os Arcos, que atualmente servem de viaduto entre Santa Teresa e Santo Antônio, ficarão como monumento histórico no centro de um jardim com um lago por baixo. No Morro de Santa Teresa, onde hoje é o ponto de junção com os Arcos, será construída uma estação para os bondinhos que demandam aquele bairro. Ligando essa estação ao solo, será construído um elevador gigante, por onde os passageiros se alçarão até ao ponto final dos bondes.

3 — Também o Convento de Santo Antônio ficará. A sua volta será construído reforçado paredão de pedras para sustentá-lo. Ficará isolado e, juntamente com os Arcos, marcará um dos últimos resquícios da existência do morro.

ATÉ 1961

As estimativas mais otimistas dão que as obras estarão completas até 1961. Espera-se que a concorrência se faça dentro dos próximos três meses e que a firma vencedora possa iniciar seus trabalhos em princípios do mês que vem. A partir de então, acredita-se que, em ritmo acelerado, o desmonte tomará um ano e meio e que a urbanização vá consumir, mais seis meses. Mas essa é uma estimativa otimista...

O fato é que Santo Antonio está voltando mesmo ao pó. Pelo menos, na condição de morro.

A terra sai do morro e vai para a Guanabara. Lá está quase ao nível do chão. Aqui está chegando ao Outeiro..



O homem alto

ANÍBAL MACHADO

O QUE OCORREU na assembléia geral do Sindicato dos Vendedores de Drogas (para o qual fui eleito presidente por imposição da poderosa firma Richard & Cia.) serviu para mostrar que não se deve descuidar um minuto sequer.

No dia da primeira reunião a que devia presidir, achava-me deitado, despojado de minha altura, gozando o bem-estar antigo. Abri as venezianas, meti o pijama, pedi uísque. O telefone bateu. Avisavam-me que o pessoal estava há muito tempo à minha espera na sala de sessões. Vesti-me e sai precipitadamente. Lá cheguei com uma hora de atraso. A maioria nunca me vira, votara sem me conhecer. Senti o frio, a decepção geral. Alguém teria duvidado da minha identidade, pois ouvi nitidamente a frase: "Mas foi este homenzinho que elegemos!".

Assumi a presidência entre cochichos e sussurros. Só faltava ouvir a vaia. Foi quando dei com a causa: tinha me esquecido de adjudicar ao físico o meu suplemento de altura, mais que necessário naquele momento. Tratei de corrigir o lapso, o que não seria fácil operação a realizar em público. E se falhasse?

Não sei por que mutações passou a minha figura, nem que contrações eu fiz para fazer nascer de mim o homem grande; o fato é que, a poder de esforços e extrema concentração, senti que começava a esticar. Vinha-me de baixo o fluxo do crescimento. Mal posso imaginar o espanto da assembléia naquele instante. A verdade é que, — outra pessoa então — pude conduzir as discussões com calma e segurança. Impus silêncio à balbúrdia, garanti à minoria a livre manifestação de pensamento. Agigantei-me. Recoloquei em cima do estrado o homem grande reclamado pelas circunstâncias.

Desci entre aplausos. No saguão do hotel um vulto enorme me esperava. Mal vestido, triste.

— Você, Jangão!

Jangão nunca tomara conhecimento da importância de ser grande. Modesto, fazia-se corcunda para não dar na vista. Disse-me que trabalhava na portaria do Hotel Cauê, onde fôra admitido pelo seu físico. Não desgostava do serviço. Mas a mulher do gerente começou a fazer-lhe propostas indecorosas; o gerente, enciumado, ofendeu-lhe a mãe e ele teve que arrebentar a cara do gerente. Fôra despedido. Não sabia agora o que fazer. E ainda tinha um processo-crime pela frente.



Pom.

Assistindo a parada, ao lado das autoridades do governo, usava eu a altura adequada ao momento...

Para Jangão, seu corpo desmesurado era como um castigo. Recordamos os companheiros do bar da Nicete. Contou-me que Vítinho morrera no sul, deixando viúva muito mais alta; Espadim sossegara, e trabalhava agora de secretário no gabinete de um Ministro. Sempre o via na missa aos domingos.

Algumas senhoras mandavam olhares admirativos para Jangão. Era de fato impressionante seu tamanho. Ao ver entrar um hóspede cambaleando com a mala pesada, levantou-se automaticamente para ajudá-lo. Contido por mim, sentou-se de novo.

Perto desse homem simples, não me lembrava mais que estatura eu tinha. Parece que a primitiva, a de nossas tempos.

Nesse momento sentou-se ao lado um hóspede que eu conhecia de vista e era nome de projeção nos meios industriais. Virando-se para Jangão, começou a dissertar sobre os problemas do Brasil. Jangão encolhia-se todo e apontava para mim, como que lhe fazendo sentir que era comigo, não com ele Jangão, que devia ser mantida tão transcendente conversa. O homem afinal, levantou-se. Mandei servir uma bebida ao meu amigo, pedindo-lhe que me procurasse no dia seguinte, no escritório da firma, onde lhe arranjaría uma colocação.

— Mas amanhã é feriado nacional, dia da Independência.

— Venha então depois de amanhã.

Assistindo à Parada ao lado das autoridades do governo, na arquibancada, usava eu a altura adequada ao momento. A esse nível, mesmo que não se queira, nosso vocabulário fica diferente: mais sóbrio, mais preciso. Era, pois, com certo apuro lingüístico que eu me dirigia ao Secretário da Saúde.

Acabavam de tocar o hino nacional. Depois desse hino, há sempre um prolongamento cívico de silêncio que dura alguns segundos, e os estadistas fecham a cara. Nesse momento, não convém dirigir-lhes a palavra. Fechei também a cara.

As tropas recomeçaram a desfilar pelo vale do Anhangabaú. A jibóia reluzente se movimentava. As damas assestaram os binóculos. Foi quando vi aparecer, no alto de um cavalo alazão, o Gorgulho! Ele mesmo. Com barba e três estrêlas nos ombros... Encarei-o com insistência. Tive ímpeto de gritar-lhe o nome, dizer-lhe: "Veja só, Gorgulho: você a cavalo, de capitão, e eu aqui, nas arquibancadas, de sujeito importante. Foi muito bom ter pôsto a barba. Muito bom besmo!"

Gorgulho avançou um pouco mais o cavalo; nossos olhares se cruzaram. Eu sorri, quase ia soltando um grito. Ele parece que me reconheceu, esboçou também um sorriso. Era como se disséssemos: "Então! Melhoramos muito, não é? Mas nem por isso!..."

A um toque de clarim, Gorgulho prosseguiu na marcha. Era o capitão mais capitão da parada.

A aparição de Gorgulho, o encontro de Jangão na véspera, e agora o toque de clarins ao longe levaram-me o pensamento ao bar da Nicete e ao nosso grupo de "tampinhas".

Se alguns se perderam no *anônimato*, como dizíamos, é porque não encontraram a fórmula — pensei.

Com muito de energia, a voz grossa e um pouco de barba, eis Gorgulho capitão. E como a guerra futura, se houver, será totalmente invisível, poderá até comandar exércitos, sem necessidade de mostrar a sua figurinha, nem o risco de ser desacatado por insuficiência corporal.

Enquanto fazia essas considerações, passavam os últimos carros de assalto e, a seguir, as ambulâncias de socorro. Era o fim da parada. Esvaziavam-se as arquibancadas. E me esquecera do principal: falar ao secretário da Saúde sobre a nova proposta de fornecimentos da firma Richard & Cia.

Talvez fôsse melhor não ter falado, pensei. Essa proposta estava condicionada a um acôrdo com a firma escandinava, e ainda não havia procurado a dinamarquesa. Miss Elin comunicara-me pelo telefone que a maior parte do estoque já se achava na Alfândega. Poderíamos assinar o contrato, faltava apenas acertar alguns detalhes. Era o fornecimento de maior vulto que a firma ia fazer ao Estado.

Fôra um dia atarefado aquela quinta-feira. Longos telefonemas com o secretário de Saúde e com o chefe da firma no Rio mal me permitiam atender ao Jangão, que empreguei provisoriamente como zelador do prédio. Da matriz do Rio telefonavam-me de novo, encarecendo a importância do contrato, e reiterando a confiança no resultado da minha tarefa. Em caso de êxito, prometiam-me boa gratificação e eu já sonhava trocar meu carro por um novo.

Dirigi-me sem demora ao Jaraguá, onde se hospedava Miss Elin. Claro que devia usar a minha estatura máxima, dada a natureza do negócio. Mas distraí-me e entrei neutro, praticamente sem estatura definida.

A dinamarquesa recebeu-me com simplicidade e distinção. Há dias vinha procurando avistar-se comigo. Expressava-se em espanhol. Pediu-me desculpas de estar um pouco à vontade, devido ao calor. Um "robe" azul esmaecido, em cima da combinação. Adorava o Brasil. Sentia uma atração estranha pelo Pão de Açúcar. Voltaria para o Rio, logo que acertasse os negócios. Achava-me muito jovem; eu lembrava um sobrinho seu, na Dinamarca.

Quis entrar logo no assunto, mas Miss... (Miss o quê? esqueci-lhe o nome quando mais precisava dele)... a dinamarquesa prolongava-se numa introdução amena aos nossos entendimentos. Era mulher grande, suave e lenta de movimentos. Lembrava um pouco a outra, a da aventura frustrada, no Flamengo.

Perguntou-me se aceitava sorvete ou algum refresco. Preferi uísque. — Não lhe vai fazer mal? Acho-o um pouco pálido.

Expliquei-lhe que vinha trabalhando muito nos últimos dias. Que eu então cuidasse bem da saúde, "seu país tem bom clima".

Sobre a mesa e o divã espalhavam-se amostras de vários produtos farmacêuticos e objetos curiosos.

— Estou autorizado a assinar o contrato hoje mesmo, disse-lhe.

Nada respondeu. Entrou o garçon e serviu-nos uísque. Tirei da pasta a procuração e demais papéis. A dinamarquesa, ligando a vitrola, consultou-me sobre se havia inconveniente em tratarmos do negócio ao som da música. Achei que não, seria até melhor, o acôrdo se faria mais depressa, em perfeita harmonia.

— São canções de minha terra, disse-me. Quando as escuto, lembro-me de meu sobrinho que morreu.

Eu olhava para um objeto de vidro e borracha, fora de uma caixa coberta de inscrições que pareciam em alemão.

— Ah! é para tirar leite das parturientes. Um sistema novo e mais suave que os outros, disse Miss Elin (viera-me então o seu nome).

Apanhou o aparelho, mostrou-me o dispositivo:

— A parturiente não precisa inclinar-se no leito. E' só uma ligeira pressão.

— Mas o leite pode entornar-se, eu disse.

— Não, meu filho. E' assim. Dá licença...

Descobriu o colo: "Não repare não!" E fez a demonstração. A ponta rosada do selo insinuara-se pelo gargalo do vidro.

Minha vista se turvou. Senti-me dentro de um turbilhão ma-

— Veja! Adere bem e não machuca. Só falta sair a gota de leite.

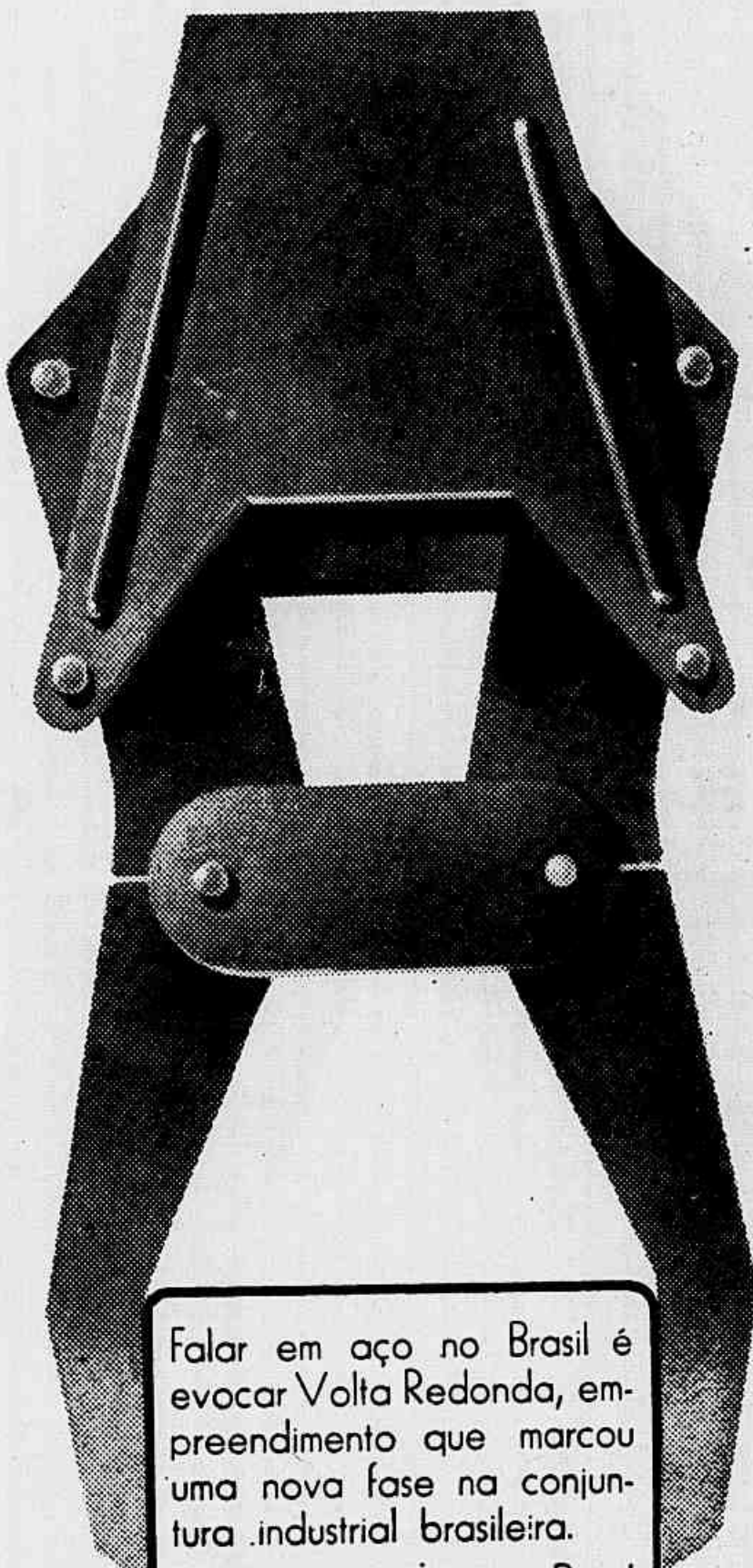
Nesse momento, a vitrola tocava uma música de embalar. Através das venezianas piscavam os anúncios luminosos nos edifícios distantes. Tentel ainda lembrar-lhe o nome, identificar em Miss Elin a representante de uma fábrica estrangeira.

Ela encarnava no momento a mulher impessoal e absoluta, uma presença sem nome.

Minha vista se turvou. Senti-me dentro de um turbilhão macio. Vi a firma Richard & Cia. recuar para um horizonte sem fim de nuvens brancas e geleiras, até desmoronar-se toda.

Quando dei por mim, a mulher, tendo-me encolhidinho em seu colo, batia-me docemente nos ombros.

E, com olhar longe, cantava uma canção de ninar.



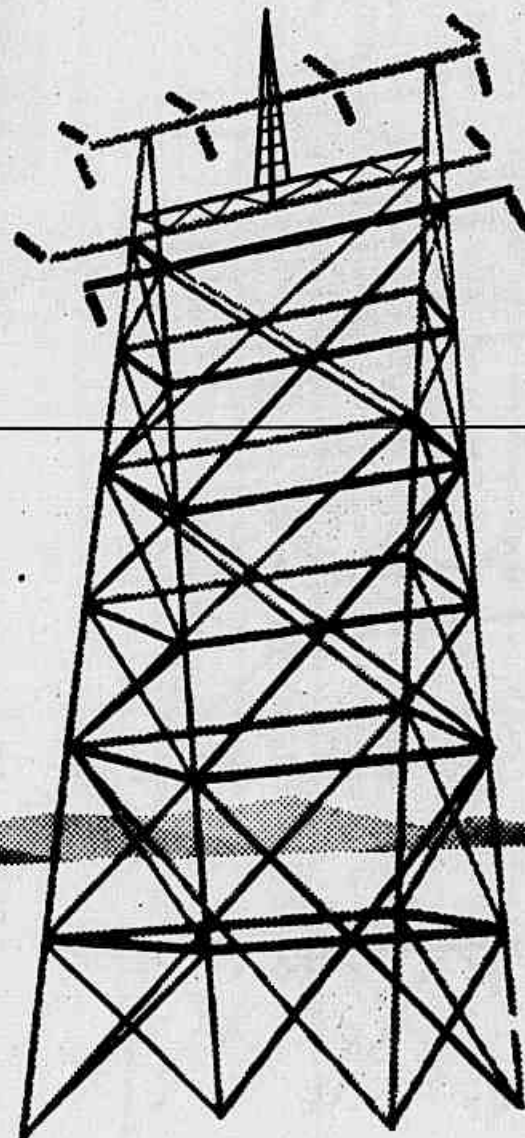
AÇO

E ENERGIA

Falar em aço no Brasil é evocar Volta Redonda, empreendimento que marcou uma nova fase na conjuntura industrial brasileira.

Falar em energia no Brasil é evocar a usina pioneira de Parnaíba, obra de arrojo técnico e econômico na época, marco inicial da grande industrialização de São Paulo.

Aço e energia elétrica concorreram para a instalação, na região Rio-S. Paulo, do maior e mais complexo parque industrial da América Latina, que já se destaca entre os grandes do mundo.



A SERVIÇO DO PROGRESSO INDUSTRIAL DO BRASIL

SUA ELE



◆ LANVIN

Original suéter de "tweed" encorpado com chapéu "cloche" da mesma fazenda. Vestido que pode ser usado com ou sem cinto.



◆ HEIM

Elegante vestido "trotteur" azul-marinho, em lã listrada de branco. Efeito de falso bolero ampliando os ombros. Grande gola em ponta. Saia ampla com duas pregas partindo da cintura.

ELEGÂNCIA REQUER CUIDADOS



◆ **BALMAIN**

Muito em moda este grande chapéu preto, gênero "capeline".

LEMBRE-SE, LEITORA, que sua elegância não depende de estar em dia com o comprimento em moda de seu vestido.

Também não depende de dois ou três quilos a mais; decerto, pode isso dificultar-lhe a elegância para certos determinados modelos, mas, sua elegância resulta, exclusivamente, de adequada seleção.

Para um rosto redondo, deve ser evitado repartir os cabelos no meio ao usá-los compridos e soltos; pode-se, porém, repartir, ao usar franja. O corte de cabelo atualmente em moda favorece esta forma de rosto, enquanto as moças de rosto oval ou comprido ficariam muito mais bonitas se no momento de cortar os cabelos, lem-



◆ DESSES

"Tailleur" de "cheviotte" cor de morango, casaquinho ajustado por pontas incrustadas. Pequena gola rente ao pescoço fechada por botão. Mangas compridas, gênero quimono. Saia com godês.

As camisolas românticas e os pijamas de calças 3/4 predominam nesta estação

brassem ao cabeleireiro para deixar os cabelos um pouco mais compridos na altura das orelhas.

A elegância de um pescoço alto e fino será mais realçada se usar um colar bastante largo, quer se trate de jóias verdadeiras ou fantasia.

Um pescoço cheio, sem ser por demais forte, é valorizado com um colar de pérolas de tamanho médio ou colar fino com pingente de pedra ou pérola de tamanho maior.

As senhoras que têm pescoço forte devem evitar jóias maciças rente ao pescoço; é mais aconselhável um colar um pouco mais comprido de maneira que recaia sobre o vestido. Deve o colar ser de forma oval ou em "V" pois isso dará ao decote um sombreado alongado, que favorece mais.

As camisolas românticas e os pijamas de calças 3/4 predominam nesta estação: convém deixar os pijamas para as mocinhas, principalmente para as que são delgadas, reservando as camisolas de decote oval e pequenas mangas com franzidos, para as senhoras. Pelo que podemos observar, os pijamas de calças 3/4 favorecem muito às pessoas cheias de corpo, enquanto as mocinhas delgadas vestindo-os, parecem bonecas vivas. Aliás, os costureiros especializados escolheram manequins de estatura média e de corpo fino para a apresentação desses modelos.

AS PELES EM VOGA

No momento, o que mais está em voga é o "vison" para o próximo inverno europeu. Esta pele é considerada pelos peleteiros das mais renomadas casas, como sendo de grande requinte. As peles de "vison" outrora somente utilizadas em diversos tons marrons, alcançam, agora, seu apogeu em diversas tonalidades de cinza-azul, substituindo dessa forma, completamente, e, felizmente, as raposas prateadas.

Eram estas, decerto, muito elegantes, mas, unicamente destinadas a senhoras altas, pois, aumentavam muito o volume em razão de seu pelo comprido.

Agora, o "vison" oferece a grande vantagem de servir para todas as estaturas. As estolas existem em várias larguras e comprimentos. E', segundo explicaram os peleteiros, adaptáveis às clientes das mais variadas estaturas.

Para as senhoras altas e magras, existem pelerines amplas de pele, tão trabalhadas como se fossem de tecidos listrados. Para as outras, os modelos mais adequados para vestido de teatro, baile ou coquetel, são capinhas que terminam na frente em forma de estola.

A "REVISTA" HÁ 50 ANOS

NO NÚMERO de 26 de julho de 1908, comenta F. Mendes Júnior, telegramas de Buenos Aires anunciando a chegada, àquela cidade, dos "sports-men" que aqui vieram jogar suas partidinhas de "foot-ball". E prossegue:

"Destacaremos desta notícia uma nota interessante. Ia com os nossos vizinhos uma gentil senhorita que, ao que parece, tanto se enamorou das nossas coisas e tão amáveis lhe pareceram os nossos patricios, que não hesitou em fazer ao nosso Ministro do Exterior as mais elogiosas referências.

Felizmente, desta vez, tivemos ao menos, por parte de uma corajosa moça, algumas palavras de justiça.

Segundo sua opinião, o Brasil precisa mais de visitantes argentinos do que qualquer outro meio de propaganda para que ele se torne conhecido e para que na república platina esmoreça a má vontade que há contra nós e que foi avivada pela política do Sr. Zeballos.

Nunca é gentil contradizer-se uma senhora, mas poderemos contudo revelar um outro fato que deve igualmente ser publicado. Assim que se tornaram conhecidos em Buenos Aires os elogios ao nosso país, e Deus sabe se eles foram modestos, os principais jornais se apressaram em lançar à multidão uma série de artigos de ataque ao mesmo Sr. Rio Branco.

Será possível, pois, que a simples referência de uma hospitalidade condigna cause tanta amargura aos que dirigem a política da vizinha república?"

POR SUA VEZ, Raulino, na sua crônica, registra uma "semana de desastres, tiros, encontros e bordoeiras", nada faltando "para que o noticiário se enchesse a valer de coisas complicadas, escandalosas, sopapos, balas de revólver e outras concomitantes horripilações". E, passando do geral para o particular, relembra a nota mais grave: "a falcatrúia de um tabelião interino que, depois de lesar fartamente os particulares e o erário público, bateu a linda plumagem, deixando o cartório em situação deplorável, com que muito vai lutar o tabelião efetivo que se achava no gozo de licença, confiante na boa ação de seu substituto".

Os acontecimentos da semana são, na realidade, dignos da apreensão do cronista, que passa ainda em revista uma série de

incidentes deploráveis, para chegar à nota final: "A rua do Ouvidor assistiu a uma troca de bengaladas entre cunhados. O fato vai ficando comum, trivial, vulgar e em breve, com as repetições, em vez de clássica chapa:

— Que calor!

Será freqüente esta outra:

— Quem apanhou hoje?"

EM LONDRES, é inaugurado pelo príncipe de Galles, com uma chave de ouro, um novo túnel construído debaixo do Tâ-misa — construção que durou quatro anos e custou dois milhões de libras esterlinas. Em Berlim, no circo Busch, o acrobata francês Gadbin é vítima do fantástico *Salto da Morte* — dado do alto de um andaime de vinte metros. Depois de uma série de demonstrações sensacionais, nas quais se despenhava com o peito para diante em um plano inclinado, por onde se deslizava com a velocidade de uma flecha — o salto não teve êxito: projetado fora do plano, o acrobata cai de cabeça no meio da arena, morrendo pouco tempo depois. Apesar de sua fama, Gadbin não tinha ainda trinta anos.

Na França, visto o êxito obtido em Long-champs pelos três vestidos Diretório que ali se exibiram, conclui Herriot que a conservação das corridas de cavalos é inútil no dia do "Grand-Prix":

— E' fora de dúvida que o público se interessa muito mais pela raça feminina do que pela raça cavalar. Os progressos da locomoção hão de conduzir o cavalo ao matadouro, ao passo que a mulher ficará sempre como o ideal dos sports-men.

NO RIO, realiza-se pela primeira vez uma corrida de automóveis — organizada e promovida sob os auspícios do "Automóvel Clube de São Paulo". "O certame — diz a revista — compreende o Circuito de Itapicirica (80 kms.) e, pelo que se fala, a corrida constituirá o brilhante início da série de torneios deste gênero de Sport, tão em moda nos países civilizados".

Prossegue a reportagem sobre a Exposição Nacional da Praia Vermelha: "os trabalhos da Exposição prosseguem com grande atividade, calculando-se que as construções, ajardinamentos e decorações fiquem

prontas a primeiro de agosto". Ao mesmo tempo, anuncia a Revista a próxima chegada do cruzador português "D. Amélia", que vem assistir às festas da inauguração da citada exposição, representando Portugal.

EM SUA SEÇÃO "Ribalta", fala João Scenna da semana teatral no Rio, onde se leva, entre outras coisas, "a peça graciosa" *As Pupilas do Senhor Reitor*, juntamente com "a engraçada opereta" *O Burro do Senhor Alcaide*, no teatro Apolo. O Recreio, por sua vez, "com a Companhia Taveira, navega em mar de rosas, e de sucesso em sucesso, promete coisas do arco da velha na revista portuguesa *Duas à Preta*. E Palmira continua a ser a divina Palmira, a quem um papalvo entusiasmado dedicou esta quadrinha chocha, encontrada no botiquim do teatro:

"Bela Palmira adorada,
Aos meus botões sempre digo,
Que, se não fosses casada
Eu me casava contigo".

E anunciando a grata notícia da chegada da excelsa atriz espanhola, Maria Guerrero, termina João Scenna:

"Seja benvinda a estas plagas e fazemos votos para que o público patricio anime com a sua presença os espetáculos da aclamada atriz, estrêla vitoriosa nessa difícil estrada do palco".

Era assim há cinquenta anos...



A atriz espanhola Maria Guerrero — "a excelsa".



NEIDE LANDI
Beicinho à la Marilyn.

**Maus fados
não resistem
a beicinho
com sorriso**



PRIMEIRO TEMPO :
Banana é fruta fácil de comer.



SEGUNDO TEMPO :
Bem, às vezes há acidentezinhos...

ENGANAM-SE. Não é a Marilyn Monroe. Em que pesem esses cabelos prateados e sempre revoltos sobre a pequena e inconfundível testa, embora o perfil, o nariz minúsculo, a brancura do colo, o modo um tanto descansado de falar como alguém que lá por dentro se divertisse da pressa dos outros, ou ainda esses olhos de pupilas claríssimas e desassossegadas como dois molequinhos brincando na rua, conquanto afinal esse jeitinho de fazer bico quando as coisas lhes agradam ou ao menos assustam, enfim apesar de tudo a moça das fotos não é aquela de quem pode ser considerada quase sócia. Aliás, tôdas essas semelhanças não lhe roubam a personalidade própria, que emocionaria o grego Fídias, arrebataria D. Pedro I e outros conaisseurs a exemplo de Rubirosa e de Chaplin.

Agora, que à primeira vista (e também à segunda, vá lá) as duas se parecem, isto é, que se parecem mesmo; inclusive em certos — e exuberantes — predicados, capazes, como no verso de dois milênios, de

**Sobressaírem nas águas escuras da noite
como dois lótus ao flutuar.**

DE MONROE À MARGARIDA

Quem é? De início, devo dizer-lhes (o que fará corar de prazer aos nacionalistas) que a moça é produto nacional, se bem que (e aqui os nacionalistas voltarão à palidez) traga nas veias, por força dos ancestrais, mescla de sangue alemão e peninsular. Nem com a sua Adelheid de segunda mão, quando sonhou unir pelas armas e pelo caldeamento de raças a Alemanha e a Itália, Otto, o Grande teria ficado tão encantado; e um empresário de visão a tomaria, acredito, para o lugar de Margarida no *Fausto* ou da Monroe em algum filme. Nasceu em São Paulo, num bairrozinho sem importância até aquela data e que, já agora, vinte e poucos anos passados, pode orgulhar-se diante da posteridade por essa bonita colaboração em prol do aprimoramento ariano.

Somem ao conjunto um certo mau gênio, que a ascendência prussiana justifica; acrescentem um irresistível gosto pela gesticulação (ah, os avós italianos!), misturem tudo num invólucro mais magro do que gordo, nem muito alto nem muito baixo, encadernando um espírito vivaz e — pronto! — eis aí de corpo e alma Neide Landi, que é como se chama a criatura das fotografias.

PIPOCAS ENTRE AS MANIAS

Pois essa figurinha singular, entre as canseiras dos papéis decorados para o cinema, o teatro e a televisão, passa o tempo a

comer — pipocas. Neste Rio de Janeiro que se americaniza com shakes, milks, tartlets e coca-cola, a nossa Neide brasileira se delicia com verrugas de milho polvilhadas de sal. Não conheço outra que as ame assim. "Ainda agora" — diz-me um nadinha encabulada, "comprei cinquenta cruzeiros de pipocas". Uma exceção? Ela responde: "De modo nenhum. Para comê-las, gasto uns quinhentos cruzeiros por mês". Tão boa freguesa, que o pipoqueiro da esquina de Toneleros, em sinal de agradecimento, lhe manda todo o ano um cartão de Natal.

Outra mania — a arte. Representa desde menina "menos por necessidade do que por inclinação". Mas tem senso de autocrítica: "Às vêzes, se eu fôsse meu espectador, me vaiaria. Continuo porém a aprender". E arte para ela não se resume, convenhamos, em mera exibição de... rosto.

MUSA COME-SE ASSIM

Outras manias, hobbies e hábitos:

1 — Dormir e levantar tarde. "Se sonhar vale outra vida, vivo duas. E nada tenho a perder".

2 — Aviso aos bonitões: "Não troco um dia de sol por um casaco de peles".

3 — Nunca andou de bonde ou ônibus. Gosta de longas caminhadas a pé, talvez para decorar os seus papéis ou para afugentar aflições. "Mas viajo muito bem de lotação".

4 — Coleciona bibelôs. "E dinheiro, naturalmente".

5 — Seu hobby principal é ouvir música.

6 — Mas é da *musa sapientum* que lhe nasce a fruta predileta. "Comer banana tem uma técnica especial". Vejam a propósito a lição das fotografias.

MAUS FADOS NÃO RESISTEM A SORRISOS

Superstições não tem, o que, evidente, a distingue num país abarrotado de bruxedos, galinhas pretas e caveiras de burro. "Superstição", fala N.L., "é mania de quem não encontra o que fazer. Essa história de passar debaixo de escada, de entrar num lugar com o pé direito ou de privar-se a gente de um vestido ou chapéu porque dá peso, não passa de tolice. Sorte ou infelicidade independem de linha-saço ou de crendices. Dependem apenas de como se encare a vida e da intensidade do nosso bom-humor".

Outra frase: "Não há maus fados que resistam a um sorriso, nem azar que permaneça diante da fé".

Meu Deus! até o rabujento Sócrates ficaria entusiasmado com ela.



TERCEIRO TEMPO:
O essencial é o bom-humor.



QUARTO TEMPO:
Atenção. Aqui está o começo.



ÚLTIMO TEMPO:
E aqui começa o fim.

DIPLOMATAS DO BRASIL:

RECORDAÇÕES DA CASA DO MEIO SÉCULO

SEIS HOMENS, todos diplomatas do Brasil que serviram no Exterior, foram testemunhas oculares de acontecimentos que abalaram a opinião pública de todo o mundo, no decorrer deste último meio século. Seus depoimentos — verão os leitores — vêm coincidir com o nosso objetivo: provar que a diplomacia nacional esteve sempre presente, em defesa da nossa representação, fôsse em qualquer país estrangeiro. Meio século é um espaço de tempo realmente pequeno, mas a importância dos testemunhos reside em estabelecer, de um acontecimento ao outro, paralelos progressivos da razão e consequência de cada um.

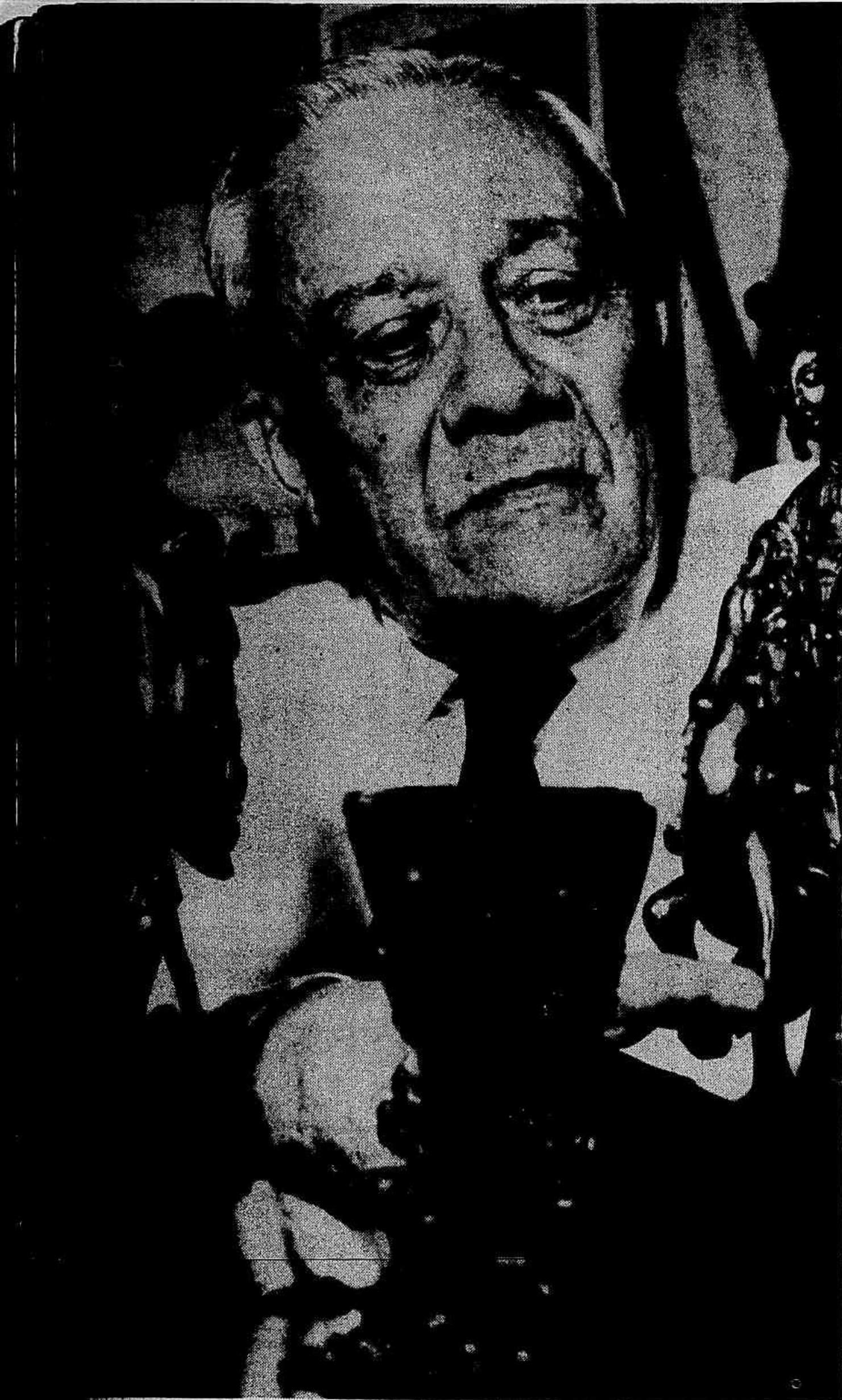
Aqui, a diplomacia do Brasil recorda: O embaixador Carlos Martins Pereira e Souza serviu em S. Petersburgo, Rússia, como encarregado dos negócios, na época do Tzar Nicolau II, época essa que preparou a grande revolução comunista de 1917; O embaixador Joaquim Eulálio Nascimento e Silva testemunhou, antes como jornalista e depois como diplomata, os momentos precedentes da 1.ª guerra mundial, em 1914, e a ocupação da Polônia, pelos alemães, em 1939; O Ministro Pascoal Carlos Magno estava em Londres por ocasião da abdicação que transformou um próximo Rei em Duque de Windsor, em 1936; O embaixador Hildebrando Accioly foi internado na cidade do Vaticano, no Palazzo Del Tribunale, juntamente com diplomatas latino-americanos, por ordem de Mussolini, em 1939; O embaixador Oscar Correia depõe sobre o ataque japonês, em 7 de Dezembro de 1941, contra Pearl Harbour; e, por fim, o embaixador Maurício Nabuco acompanhou os pracinhas brasileiros, em 1945, desde o campo de batalha até a ocupação de Alexandria, em 30 de abril do mesmo ano, no norte da Itália.

Essa é uma reportagem que fala por si mesma, já que os diplomatas escolhidos contam suas próprias experiências, e a seu modo. E, tendo em vista a importância dos entrevistados, e dos fatos abordados por eles, acreditamos oferecer não só um curioso material, mas uma série de depoimentos de grande valor.

SEBASTIAO DE FRANÇA







EMBAIXADOR JOAQUIM EULÁLIO NASCIMENTO E SILVA

É DE ARARUAMA, Niterói, desde 1883. De 1916 a 1918 serviu nos consulados de Paris e Glasgow. Antes disso, servira em Paris e Londres, como correspondente de guerra para o "Jornal do Comércio". Seu salário era determinado pelo número de palavras. Era o jornalista mais bem pago da época. Já na carreira, foi cônsul geral em Southampton, em 1926, depois removido para o Cairo e em seguida para Atenas de 1934 a 38. Foi removido para Varsóvia, em 1939, na época da invasão alemã. Seu depoimento é sobre isso, embora suas outras experiências na primeira guerra e como correspondente estrangeiro. Há ainda a sua missão na China, no tempo em que ela estava brigada com o Japão. Passou 4 anos em Chung-King, geralmente em cavernas, sob baixos e ininterruptos bombardeios. A frase é sua: "Não tenho nada contra os japoneses, até gosto: deixaram Pequim intacta".

Tem um filho brilhando na carreira, **Geraldo**, que serviu no gabinete do ministro **Macedo Soares**, e agora se encontra em **Palermo**.

Posso dizer

porque vi:

é inacreditável

a

resistência polonesa.

FUI NOMEADO para a Polónia, justamente na época em que foi invadida: 1939. Eu já tinha uma larga experiência de guerra, pois estive em Paris, em 1913, como correspondente de guerra, e em 1916, em Londres, para o "Jornal do Comércio". Alcancei, assim, em cheio, a guerra de 1914. Encontrava-me em Paris quando se fez a sua declaração. Para mim ela foi apenas a explosão das alterações produzidas pelo progresso e evolução no campo da ciência. Todos devem se lembrar do rumor causado ao mundo por Santos Dumont, que, em 1812, convidou-me para a inauguração do seu mais pesado que o ar, em Saint-Claud.

Embora se pense que a guerra de 1914 foi menor em relação à segunda, aquela teve muito maior repercussão.

Presenciei o primeiro ataque franco-inglês contra a Alemanha, na batalha de Somme, uma das maiores carnificinas que a história conta. Nesta batalha, os ingleses inauguraram canhões e outras armas, pondo os alemães em polvorosa. As consequências de 14 foram sobretudo políticas. Desmembramento de grandes impérios em Estados independentes: Checo-Eslováquia, Áustria, Albânia, o Egito etc.

Para mim, guerra é isso: produto de um movimento único, embora representada em cada eclosão com características particulares. Assim, a Alemanha que já tinha realizado suas ambições contra a Áustria, investe contra a Polónia. Foi isso: na partilha aliada e consagrada no tratado de Paz de Versalhes, em 1918, coube, à Polónia, os dois portos de Dantzig e Gdynia, antes pertencentes à Alemanha. Acontece que a Alemanha quis, contrariando o ajusté, reaver aqueles portos. A Polónia estrala, é muito natural. Esses portos tinham grande importância para ela. Daria tudo para defendê-los. Acredito que vem daí a pedra fundamental da segunda grande guerra mundial. A Polónia foi bombardeada numa madrugada de 2 de setembro de 1939. Eu posso dizer, porque vi: é inacreditável a resistência polonesa. Até minha cozinheira largou seu serviço e foi para o campo de luta, onde chefiou um esquadrão feminino de mulheres. Pareciam loucos, mas organizados, como se estivessem habituados àquilo. E talvez estivessem mesmo, pois, na verdade, a Polónia fôra invadida e partida aos pedaços pela Alemanha, Rússia e Áustria.

Varsóvia invadida, o Governo Polonês deu ordem às representações diplomáticas para se retirarem. Saímos em direção à fronteira da Rússia. No percurso, homens, mulheres, velhos e crianças empunhavam armas de todos os tipos. Até a pequenina aldeia russa de Krzemieniec, fomos alvos de intenso bombardeio. As legações diplomáticas formavam na estrada uma espécie de comboio. Era um carro falhar e seria jogado para o lado, inapelavelmente, para evitar paradas. Alguns diplomatas chegaram à aldeia em carrocinhas.

EMBAIXADOR CARLOS MARTINS PEREIRA E SOUZA

É GAÚCHO, da capital. Idade: 73 anos. Doutor "Honoris Causa" em Ciências e Artes pela Universidade de Rutgers, New Jersey, e em Direito pela Universidade de Siracusa, New York, e pela Universidade de Boston. Itinerário diplomático, desde 1909: Paraguai, Berlim, Viena, S. Petersburgo, Viena, Roma, Londres, Quito, Amsterdam, Dinamarca, Tóquio, Bruxelas, Washington e Paris. Possui obras de arte do mais requintado bom gosto. A sua grande alegria é ter saído com vida de S. Petersburgo, na época do Tzar Nicolau II, quando viveu dias cheios de terror. Atualmente está escrevendo suas memórias.

FOI NA ÉPOCA do Tzar Nicolau II que estive na Rússia. Ano? De 1910 a 1913. O povo vivia sob o regime do 1.º ministro russo, Stolipine, cercado por uma ameaçadora polícia secreta, e que dela faziam parte, porteiros, cocheiros, garçons, barbeiros, cocottes etc., e sempre prontos a revelar tudo o que ouviam. A Rússia vivia num ambiente cruel e isso pude entender por ocasião do funeral do decano da família imperial russa, Grão-Duque Miguel Nicolaievitch, morto em Cannes, em 1911 e trazido para S. Petersburgo por ordem do Tzar.

Nicolau II determinara funerais extraordinários. Todos os Grão-Duques, com o soberano à frente, esperaram o corpo na estação e o acompanharam em grande cortejo, pela Newski Prospect até a Morskaja e dali até a Fortaleza São Paulo, à beira do Neva. Reinava no ar um clima de pânico. Falava-se em "complots", atentados, bombas. O Tzar vivia em Yalta para evitar o povo. Os chefes de todas as missões diplomáticas acompanhavam o séquito. Em nossos rostos havia uma espécie de pavor, pelo que poderia nos estar sendo reservado. Havia grande policiamento. Uma ausência total de espectadores. Atrás das vidraças das janelas dos prédios, soldados de baloneta calada. Da estação à Fortaleza, marchamos hora e meia, de uniforme e com pelicas, sob intensa neve que caía em flocos.

Na capela, os Papes (frades) cantavam com vozes profundas e abafadas, fazendo movimentos de ballet, abriam os braços diante do esquife, isso durante horas. Aquêle canto-baixo monótono e enervante, exasperava. O frio, a falta de luz, nós sempre de pé,

imóveis, que fadiga! ainda o medo de uma bomba de retardamento! o Ministro da Bélgica, Degrelle Rogier, morreu vítima de uma pneumonia apanhada nesse dia. O terror fervia na Rússia, mas felizmente nada aconteceu. Apesar de tudo, o Tzar mantinha-se em silêncio. Tanto assim, que pude, ainda por uma 3.ª vez, cumprimentá-lo, por ocasião da passagem do ano novo. Para a família Imperial nada tinha acontecido, continuando a comparecer no Palácio de Tzarkoe Selo (Palácio Imperial) para receber os votos de felicidade do Corpo Diplomático. A parte dos salões, a única acessível, exibia luxo e aparato. O Tzar recebia num salão feérico, quando iluminado. Era todo de cristal, com espelhos e molduras douradas. Um palácio de contos de fadas. O Corpo Diplomático dividia-se em grupos, com o seu chefe à frente. Eu me encontrava sozinho, na Rússia, primeiro como 2.º secretário da nossa legação e depois, com o afastamento de Ferreira da Costa, fiquei como encarregado de Negócios, portanto, eu é que deveria cumprimentar o Tzar.

A sua passagem, em cada salão, o Grão-Mestre de Cerimônias dava três pancadas no chão. Essas batidas só me eram familiares nos teatros. À medida que se adiantava, acompanhado de Grão-Duques, Generais, Almirantes, as três batidas mais próximas e fortes se tornavam, até que se descerrassem, de par em par, as grandes portas do salão.

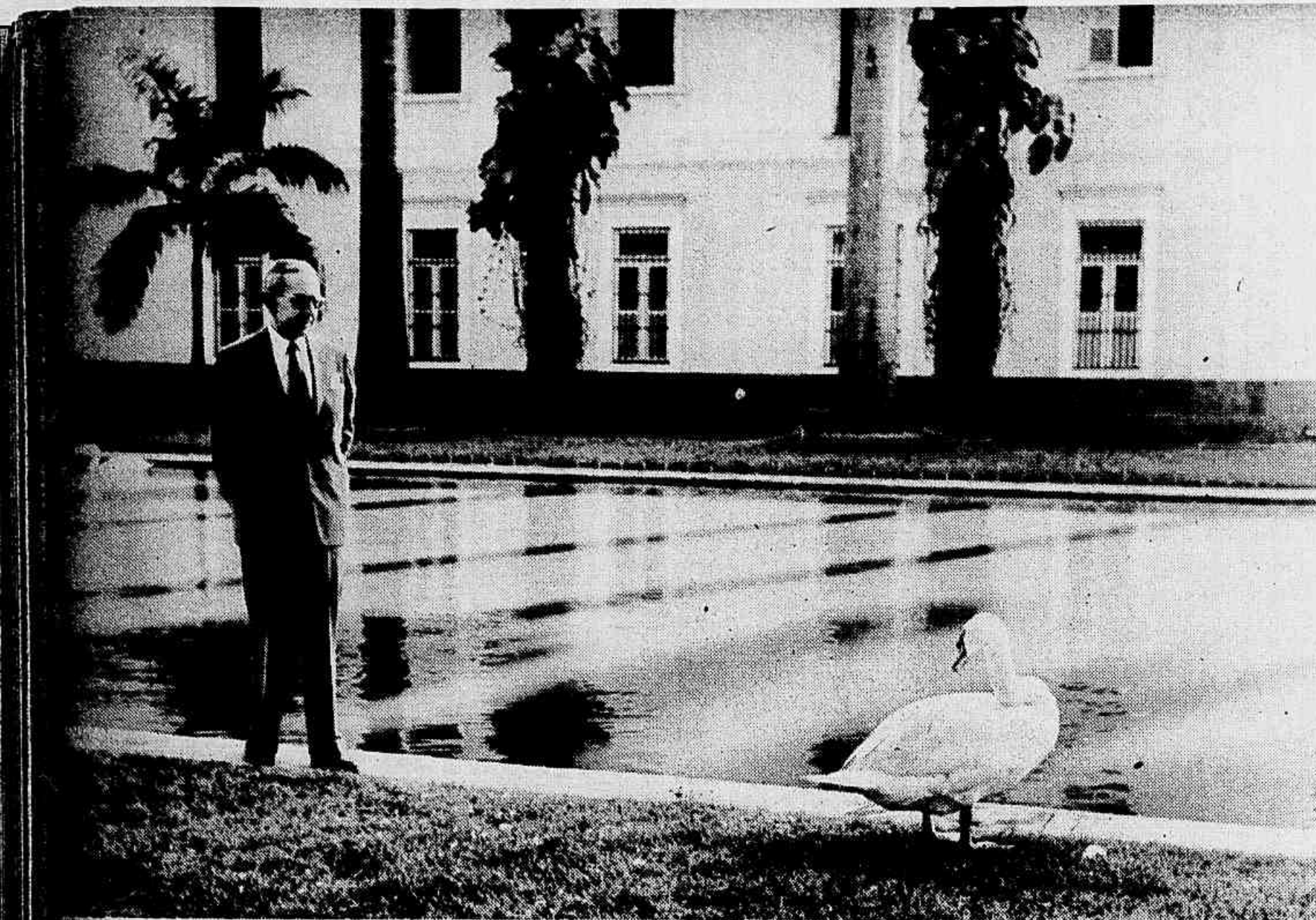
O Tzar falava primeiro com o decano do Corpo Diplomático. Esse lhe formulava votos de felicidade. As três vezes que participei dessa cerimônia, me surpreendi sempre com a intimidade com que o Tzar conversava com o Conde de Paurtalés, Embaixador da Alemanha, seguido de seu pessoal uniformizado a militar, com botas, esporas e capacetes de várias formas. Quando o Tzar se aproximava do Embaixador para receber seus cumprimentos, aquela dúzia de oficiais faziam continência com um ruído uníssono, sacudindo toda a sala.

Mediano de estatura, cabelos e bigode louro queimado, olhos claros, Nicolau II se impunha pela suavidade do olhar e pela voz mansa. Numa dessas audiências perguntou-me ele se era exata a notícia que lera, de que haviam recolocado nas grades de um parque do Rio de Janeiro, as armas imperiais. Respondi que sim e acrescentei que o nome de Pedro II voltava a ser oficialmente dado a escolas, colégios e estações. Achou curioso e disse: "Que belo exemplo! é prova de um grande povo!". Noutra vez falou-me do Amazonas, suas flores parasitas, pássaros.

Na última vez que estivemos juntos, referiu-se ao trigo que desejava exportar para o Brasil.

Em nosso último
encontro,
referiu-se o Tzar
ao trigo que
queria exportar
para o Brasil.





- Mussolini exigiu,
mas
o Vaticano me
salvou
do exílio.

EMBAIXADOR HILDEBRANDO ACCIOLY

É CEARENSE, DE FORTALEZA, desde 1888. Correspondente do Comitê de Legislação Estrangeira do Ministério da Justiça da França. Chefe de Gabinete do Ministro Melo Franco, em 1930. Encarregado de Negócios em Washington, em 1934. Chefe dos Serviços Políticos e Diplomáticos, em 1935. Delegado do Brasil à Conferência Interamericana de Consolidação da Paz, em 1936. Diretor do Instituto Rio Branco, de 1945 a 46. Delegado do Brasil às Conferências de Paz de Paris, em 1946, e Interamericana para a Manutenção da Paz e da Segurança no Continente, em 1947. Ministro das Relações Exteriores, interino, em 1947 e 48. Presidente do Conselho da Organização dos Estados Americanos de 1950 a 51. No ano em que estamos vivendo, Accioly foi o único membro titular eleito para uma vaga (entre cinco candidatos), do Instituto Internacional de Direito Público, com sede em Paris. Suas obras são adotadas em todas as Faculdades de Direito do País.

AFORTUNADAMENTE, SERVI como Embaixador do Brasil junto a Santa-Sé, designado em começos de 1939. Cheguei a Roma pouco depois de ter o atual Papa sido eleito para a Cátedra de S. Pedro. Fui o primeiro diplomata estrangeiro a ser recebido oficialmente por Sua Santidade. Iniciei minhas funções na hora em que já havia uma visível efervescência que conduziria a Europa e o mundo a espantosa conflagração, que iria ultrapassar, de muito, as suas destruições e noutras consequências, os terríveis efeitos da primeira guerra mundial. A Alemanha nazista já havia pôsto o pé sobre a pequena Áustria e, depois de haver desmembrado a Tchecoslováquia, invadira e ocupara a parte restante dessa outra República. Por outro lado, a Itália mussoliniana, mediante o *pacto de aço*, preparava-se para participar da conflagração, prestes a desencadear-se pelo ataque contra a Polónia. Pio XII, nobre figura e pleno conhecedor dos meandros da política mundial, esforçava-se para evitar a terrível luta armada.

A loucura dos homens que a promoveram foi, porém, superior às palavras do Soberano Pontífice. A guerra que estoura em 1.º de setembro de 1939, — durou perto de seis anos, com as mais terríveis consequências para a humanidade.

Quando os japoneses aliados aos nazistas e fascistas agrediram traiçoeiramente possessões dos Estados Unidos da América do Norte no Pacífico, e os países da América Latina romperam relações com as potências do Eixo, — os representantes latino-americanos junto à Santa-Sé foram intimados pelo gover-

no de Mussolini a retirar-se de Roma. O Vaticano, porém, resolveu acolhê-los, em seu pequenino território, preparando, para esse fim, vários apartamentos, bastante confortáveis, no chamado *Palazzo del Tribunale*, à sombra da cúpula de S. Pedro. Ali permanecemos, juntamente com os representantes diplomáticos da Bolívia, Colômbia, Cuba, Equador, Peru, Uruguai e Venezuela, e, pouco depois, o ministro e um secretário da China. No outro edifício (Santa Marta) ficaram as missões diplomáticas da Grã-Bretanha, Polónia e Iugoslávia, Estados Unidos da América e França.

Confesso que foram tempos angustiosos. Certa ocasião, no início da ocupação de Roma por tropas nazistas, o Cardeal Maglione, Secretário de Estado, mandou chamar-me para me prevenir, e pedir que prevenisse os meus colegas igualmente internados, de que estava correndo o boato de que tais tropas pretendiam invadir a cidade vaticana e provavelmente dali retirar o Santo Padre. Reuni os meus colegas e lhes transmiti essa comunicação e a sugestão, insinuada pelo Cardeal, de inutilizar ou pôr a salvo quaisquer documentos secretos. Propus-lhes, então, — o que foi aceito, — que, se o Santo Padre fosse levado prisioneiro, nós solicitássemos a permissão de o acompanhar — atitude, depois, confirmada por nota dirigida pelo Embaixador do Brasil ao Cardeal Secretário de Estado.

Não havia luz, à noite, o que aumentava o nosso isolamento; durante o dia, porém, encontravamo-nos, freqüentemente, nos belos jardins da Colina Vaticana, com companheiros de outros países.

Foi nesse isolamento, que, durante as manhãs, habituei-me a freqüentar os arquivos vaticanos, sob a direção de Monsenhor Angelo Marcati, cuja hábil e simpática orientação me permitiu colher dados fundamentais para a redação de meu livro "Os primeiros Núncios no Brasil", depois premiado pela Academia Brasileira de Letras. Quando os alemães tomaram Roma, os Arquivos e a Biblioteca ficaram fechados ao público. Nunca esquecerei a bondade de Mos. Montini: permitiu-me, ainda, continuar minhas pesquisas.

Quando as tropas aliadas chegaram a Roma, pude sair pela primeira vez, da Cidade Vaticana, após o nosso internamento, e notei o sentimento de alívio e de alegria, nas ruas da capital italiana.

Pouco tempo depois, mudei-me para excelente casa, em Roma, onde acolhi ilustres chefes militares brasileiros, inclusive os hoje Marechais Eurico Gaspar Dutra e Mascarenhas de Moraes.

Mais tarde, graças à boa vontade do comando militar norte-americano, regresssei ao Brasil, com minha família, em avião militar. Aqui chegamos, depois de dezesseis dias, em fins de 1944.

Por certas dificuldades de transportes, tivemos que passar, durante essa viagem, uma semana no acampamento militar aliado instalado nos arredores de Dakar.

EMBAIXADOR MAURÍCIO NABUCO

EMBORA NASCIDO EM LONDRES, no exílio voluntário de seu pai, Joaquim Nabuco (de quem todos devem ter ouvido falar nos bancos escolares), Maurício Nabuco é brasileiro por força do art. 69, n.º 3 da Constituição de 1891, ano em que também nasceu, por coincidência. É ele próprio que diz: "Se tivesse nascido um ano antes seria londrino, mesmo". Só saiu do Brasil como Embaixador. Em 1919 acompanhou o Presidente eleito, Epitácio Pessoa, em sua visita oficial a Inglaterra, Portugal e Estados Unidos. Trabalhou na carreira, mais no Brasil. Reorganizou o Ministério das Relações Exteriores, de 1926 a 1931. Neste ano recepcionou a SS. AN. RR. o Príncipe de Gales e o Príncipe George. Atualmente é presidente do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e fica, nos dias próprios, admirando, horas e horas, essa obra gigantesca. Passou a época da segunda guerra servindo como Embaixador junto à Santa Sé, ocasião em que acompanhou, passo a passo, os nossos pracinhas, em luta ao norte da Itália, em 1945.

PASSEI POUCO tempo fora do Brasil, pois a maior parte da minha carreira a exerci aqui mesmo; mas esse pouco tempo deu para deixar gravados na minha memória, fatos de que nunca me esquecerei. Participei, acompanhei e juntei-me às tropas brasileiras, em luta nos campos de batalha no norte da Itália, tropas vindas sobretudo do nordeste brasileiro e que se adaptaram tão

maravilhosamente ao meio metro de neve que lá encontraram. Vi-as, frente a frente ao inimigo. Em cada instante, um sofrimento. Vi, mesmo, um soldado estourado por uma bomba. Vi a coragem e a calma com que assistiram e suportaram ao explodir de granadas de 155 milímetros. Ninguém sabia o que ia acontecer. Depois, a emoção da vitória. Aliás, reside aqui o ponto alto da minha carreira: eu já me encontrava em Alessandria, no Quartel General das já então vitoriosas tropas de Mascarenhas de Moraes, que estava cercado de um Estado Maior de Elite, como talvez não houvesse outro igual em unidades subordinadas. Aconteceu pela madrugada: ainda chelo de sono acordei sobressaltado, ouvindo falar português, talvez devesse dizer brasileiro — vozes que enchiam totalmente as ruas da cidade. Não pude acreditar, então, abri as janelas. A cidade tinha sido ocupada pelas nossas tropas. Tive, portanto, duas grandes emoções: a da luta e da vitória. Participei, e com que alegria, dos triunfos do nosso nobre comandante, herói e eminente patricio.

Quem viu, como eu, um país completamente destruído, a Itália, onde o inimigo não poupou um metro de via férrea, nenhuma locomotiva, nenhum vagão, ao contrário, carregando consigo aquilo que não conseguiu destruir; quem viu como eu, duas mil pontes destruídas, algumas imensas, como aquela sobre o Rio Pó, que atravessassei mais de uma vez, em ponte perigosa de barcos; quem viu a Itália da guerra e a visse, agora restabelecida, e num prazo relativamente curto, — é de ficar desapontado quando se volta ao Brasil, meu país. Sim, porque, mesmo sem inimigos encontramos nossas estradas de ferro destruídas por nós mesmos, nossos portos entupidos por falta de dragagem e muitas outras tristezas, que afinal só nos trazem uma constrangedora e trágica conclusão: parece que só os que sofrem muito podem construir.

- Se tivesse
nascido um ano
antes,
seria londrino
mesmo.



MINISTRO PASCOAL CARLOS MAGNO

INICIOU SUA CARREIRA diplomática em Manchester, em 1932, ocupando, desde aí, importantes postos. Em 1933 foi Delegado do Brasil ao Congresso Internacional de Escritores, em Londres. Idem, em Viena, dois anos depois. Fundador da Casa do Estudante do Brasil e do Teatro do Estudante do Brasil. Sua casa é um laboratório de autores, atores e diretores, já que é o Teatro Duse. Em 1954 foi aclamado pela União Nacional de Estudantes, como o "Estudante Perpétuo do Brasil". Seu busto em bronze, no subúrbio carioca de Campo Grande, foi erigido pelo Teatro Rural do Estudante. Foi promovido, em janeiro último, a ministro. É assessor do Presidente da República, dr. Juscelino Kubitschek, para assuntos culturais e universitários. Sua peça "Amanhã será diferente" foi estreada em Londres e depois repetida na Finlândia, Noruega, Suécia, Turquia, Alemanha e Brasil. Mora em Santa Teresa e tem uma grande paixão: andar de bondinho.

Quando estava em Londres, pôde acompanhar de perto os pormenores que terminaram na abdicação de um trono por um amor: o "affaire Duque de Windsor".

Quando o Rei trocou o
trono pelo amor,
tôda a Inglaterra chorou.



NOS CÍRCULOS diplomáticos se comentava: o Rei quer casar, mas não com uma princesa; e ficamos muito surpresos, certo dia, em folhear revistas americanas, como "Time" e "Life" e outras, e encontrar algumas de suas páginas cortadas. Como? Que história era aquela da presença da Censura num país de liberdade total? Os que recebiam as assinaturas dessas revistas, encontravam reportagens, informações e notas sobre o possível casamento da americana com o Rei.

Num domingo, um bispo no Norte da Inglaterra, do púlpito, e diante de centenas de fiéis, soltou falação contra aquele que no seu posto de comando e na sua posição de Chefe da Igreja, não cumpria com suas obrigações religiosas. Esse discurso alvoroçou os jornais, caiu nas ruas. Debates violentos. Gente assim, a favor do Rei. Gente do outro lado, contra.

Primeiro fogo no paiol da opinião pública, o problema religioso: Quem era Mrs. Simpson? Quem era ela, a não ser uma senhora cujo nome figurava freqüentemente nas crônicas sociais, jantando, almoçando, dando coquetéis, caçando, viajando, dançando?

Não houve jornal que não lhe esmiuçasse a vida. Era assim: divorciara-se três vezes, não era bonita, mas elegantíssima e tinha, diziam seus íntimos, muita graça nas coisas que dizia.

Mas uma mulher várias vezes divorciada não podia casar com o Rei do país que inventara o divórcio.

Durante dias, toda a Inglaterra, todo o Império Britânico, todo o mundo acompanhou o drama que se passava entre o Buckingham Palace e o Port-Belvedere, pequeno palácio onde o Rei, ainda não corcado, residia. Discutia-se sim ou não. O Parlamento mais ou menos dividido; mas os comentários escritos e falados tinham um espécie de pudor: o de não destruir mesmo com um arranhão a figura do Príncipe (Anos vividos na Inglaterra me ensinaram a mais sutil, a mais bem feita propaganda em torno dos membros da Família Real. Não dão um passo, nem um suspiro, não cometem o ato mais insignificante, sem que os jornais publiquem com títulos, subtítulos. Com o tempo, essas figuras sem erros, se tornam excepcionalmente quase divinas).

E o céu se enchia de perguntas: o Rei casa ou não, casa? Se não casa, abdicará? Como? Por uma mulher iria trair um compromisso assumido desde o berço? Então, ao receber as somas fabulosas da sua manutenção, ignorava que também tinha compromissos com o povo que o financiava a ouro? — Os jornais eram devorados. Winston Churchill saiu várias vezes de casa para ir falar ao Rei. Lord Baldwin fazia força contra o casamento. Discutia-se por toda a parte se o Rei tinha ou não o direito de ser feliz. O estrangeiro acabava sabendo a história triste de algumas rainhas inglesas. Como a pobre Alexandra, que muito sofrera com Eduardo VII. Eu me lembro de que naqueles dias nevados e sombrios, ouvir no ônibus, no trem subterrâneo, nos cafés, nos restaurantes, o povo miúdo perder o famoso contróle britânico para dizer alto: "Deixem o Rei casar com quem quiser".

Não o deixaram; e a notícia da sua abdicação caiu sobre a Inglaterra com o peso de um luto igual ao que meses antes assistira, quando morrera seu Pai. Ficaria no país? Embarcaria? Para onde iria? — Por fim anunciaram que o ex-Rei falaria à nação. As nove da noite do dia seguinte ao da abdicação.

Eu me encontrava em Londres, e Londres, com seus dez milhões de habitantes, parou. Quem não tinha rádio em casa correu para os cinemas, teatros, praças. Foram colocados alto-falantes nos lugares públicos. Naquele quarto de hora ninguém se moveu. Não havia ônibus, nem automóveis, nem trens circulando. Milhões na Inglaterra à escuta. Eu me encontrava num cinema. De súbito, o filme é interrompido. Faltavam minutos para o instante de adeus. Mulheres tinham lenços nas mãos, trêmulas. Homens em silêncio. Discutia-se a forma como o ex-Rei seria anunciado. Dizia-se que seu irmão, o novo Rei, dar-lhe-ia antes da noite, o título que passaria a usar. Qual seria? Duque de Edimburgo? Duque de Windsor? De repente chega-nos a voz de Sir John Reith, então diretor da BBC. "Sua alteza Real e Príncipe Eduardo de Windsor".

Eduardo de Windsor louva o irmão e lhe entrega a coroa. Todos nós participamos daquele instante da história escrita com amor. Quando o Duque de Windsor, de voz firme, diz que prefere sacrificar o império, a coroa, pela mulher que ama, toda aquela multidão comprimida no cinema, nas ruas, nas igrejas, nas lojas, nas casas, nos hospitais, chora. Sim, e com razão, pois sacrificar o mais importante trono do mundo "for the woman I love" tocava os seus corações.

Coronel Ott
ao Embaixador:
- Gosta o Sr.
de
Beethoven ?



EMBAIXADOR OSCAR CORREIA

OSCAR CORREIA é um paranaense de 70 anos, idade que não parece. Tem 40 anos de diplomacia passada na Europa, Ásia, Oceania e América do Norte. É caseiro, de hábitos moderados e se traça de acôrdo com o figurino britânico. Diz-nos ter muitas coisas para contar mas que não é possível em pouco tempo (embaixador é embaixador, sempre tem pouco tempo). Tem preferência pela lembrança de coisas alegres mas acabou contando o que foi o ataque japonês, em Pearl Harbour. Encontrava-se, na época, como cônsul geral em Nova Iorque. De lá, foi para o Equador, como Embaixador do Brasil. Seu livro de cabeceira: Don Quixote de La Mancha.

EU IA CONSTANTEMENTE a Pearl Harbour. Capital da Ilha de Honolulu, nesse tempo servia ela como concentração da esquadra americana do Pacífico. Uma ilha forrada de navios, é coisa digna de ser vista. Ora, o inimigo natural do americano, por fatores precedentes, era o Japão. Esse país, estou certo, supunha que a Alemanha de Hitler venceria a segunda guerra mundial. E fazia tudo para fortificar a aliança Japão-Alemanha. A origem dessa maior amizade pode ser a seguinte: Hitler nomeou um coronel Ott, adido militar, para servir em Tóquio, Ott, ao qual fui apresentado, era um homem de grande cultura e excelente pianista. Lembro como se fôsse hoje, o momento em que ele me pergun-

tou: "gosta o senhor de Beethoven"? Em seguida, sentou-se ao piano e executou a Sonata Patética. E como! era, enfim, um esteta. Ora, o governo japonês, em aprêço ao governo nazista, por tê-lo deferido com tão ilustre representante, nomeou para Berlim um General do exército japonês, como embaixador. Hitler aplicou a mesma fórmula: promoveu o coronel Ott a General e fê-lo embaixador em Tóquio. Esse precedente amistoso data, é verdade, de antes da guerra, de 1934 a 1938, quando eu estava no Japão. Foi assim que, distanciando-se da amizade americana, o japonês, incitado por Hitler, torna-se inimigo da USA. E num domingo, em que eu estava em Nova Iorque, 7 de dezembro de 1941, Pearl Harbour vai para o ar traiçoeiramente. Eu não podia lembrar aquele extraordinário número de navios ancorados pacificamente, que logo me vinha uma angústia. Sim, porque era impossível deixar de pensar nas vítimas, nos seus familiares, no destino que teria um mundo seguindo encarniçadamente o roteiro da guerra. Mas uma coisa é preciso que se diga: a ilha estava um pouco desguarnecida. Atacada num domingo, dia da semana reservado para o Weekend do americano, os homens que guardavam a ilha, assim como seus comandantes, abandonaram seus postos, um pouco. Os japoneses, que sabiam disso, aproveitaram a ocasião. No mesmo domingo, ouvi pelo rádio a proclamação de Roosevelt, em que desfraldou a bandeira e o estado de guerra entre os dois países. Instantaneamente surgiu o Slogan "REMEMBER PEARL HARBOUR". O povo sem discrepância formou ao lado do governo no interesse da defesa nacional. Vão ao máximo: transformam suas indústrias pacíficas em militares, ao ponto de transformar seu parque industrial no famoso "Arsenal da Democracia", na frase de Franklin Delano Roosevelt. Hoje, o americano está prevenido: seus olhos estão voltados para Pearl Harbour.



LEVI: — "O maior argumento para a concessão de adicionais, é a alta do custo de vida."



CELSO: — "Logo que o projeto de adicionais esteja em condições, não terei dúvidas em colocá-lo na Ordem do Dia."

70.000 FUNCIONÁRIOS DA PREFEITURA E

PERTO DE 70 000 funcionários municipais e suas famílias estão esperando que a Câmara dos Vereadores lhes assegure uma vantagem que, de há muito, vem sendo usufruída pelos funcionários da União, ou seja a gratificação adicional por tempo de serviço.

Essa aspiração dos servidores da Prefeitura está concretizada no projeto n.º 608, de 1958, de autoria do vereador Frederico Trota (PSD), baseado na Mensagem n.º 5, de 4 de abril de 1957, enviada à Câmara pelo prefeito Negrão de Lima.

O projeto do sr. Frederico Trota está vasado nos seguintes termos:

"Artigo único: — Fica instituída para os servidores municipais a gratificação adicional por tempo de serviço, nos exatos termos em que vigorar para o funcionalismo federal.

Parágrafo 1.º — A gratificação a que se refere a presente lei será devida a partir de 1.º de janeiro de 1958.

Parágrafo 2.º — As alterações que ocorrerem na Legislação Federal relativamente à gratificação adicional por tempo de serviço serão, automaticamente, aplicadas aos servidores municipais.

Parágrafo 3.º — Revogam-se as disposições em contrário".

Nas considerações que precedem o projeto acima, o sr. Frederico Trota começa lembrando que a Mensagem n.º 5 do Executivo,

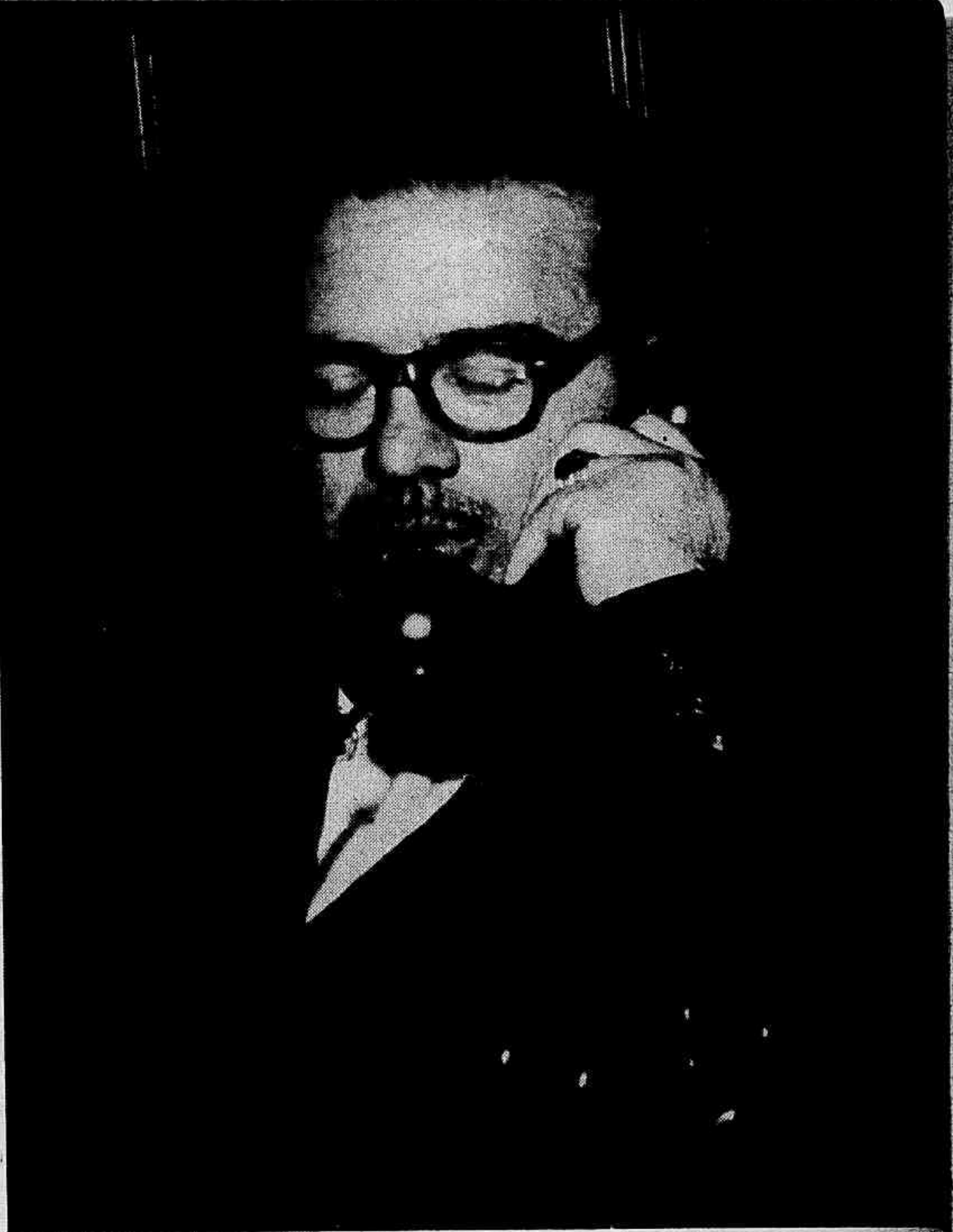
embora tratando da reestruturação dos quadros dos servidores da Prefeitura, em seu artigo n.º 36, manda conceder a gratificação adicional. Acentua que até a data da apresentação do seu projeto, isto é, 16 de março de 1958, as comissões técnicas da Câmara ainda não transformaram essa Mensagem em projeto de Lei, o que, aliás, não foi feito até o dia em que estamos escrevendo esta reportagem. E só Deus sabe quando estará em tais condições.

Finalmente, considera o autor do projeto n.º 608 que qualquer vereador tem o direito de elaborar projetos à base de Mensagens, no todo ou em parte, e tem por acertado separar-se a concessão de adicionais do plano de reclassificação de cargos, isso porque aquela concessão, comportando estudos menores, poderá ser assegurada em menor parcela de tempo.

Esse projeto do sr. Frederico Trota caminha vagarosamente na Câmara Municipal, o que leva os observadores a concluir que tal lentidão está perfeitamente enquadrada no ano eleitoral que atravessamos. E adiantam: quanto mais perto das eleições surgirem benefícios a grupos determinados, tanto melhor para os vereadores, que, naturalmente, desejam, no trato das coisas políticas, a sua pagzinha em votos, no próximo 3 de outubro.



VIANA: — “Meu apoio aos adicionais é certo. Quanto aos quinquênios, ainda vou estudar a matéria.”



MOURAO: — “Votarei favoravelmente ao projeto de adicionais e trabalharei, em plenário, para que o mesmo seja aprovado.”

A ESPERAM A CONCESSÃO DOS ADICIONAIS

GILBERTO GUIMARAES

Acreditamos, de nossa parte, que esse projeto seja aprovado antes das eleições, mas isso, não temos dúvida, não se verificará, senão, após enxurradas de discursos. Mas, com discursos ou sem eles, o essencial — pensam os 70 000 funcionários da Prefeitura — é que o projeto seja aprovado.

COM A PALAVRA OS VEREADORES

Embora não constitua, propriamente, uma “pedra no caminho”, mesmo porque a Câmara Municipal, quando quer, sabe como remover até pedreiras, corre, dentro do clima em geral favorável à concessão dos adicionais, uma certa dúvida: é se devem ou não perceber a gratificação certo número de funcionários que já percebem os famosos quinquênios. Alguns vereadores acham que os quinquênios não poderão criar embaraços; outros, entretanto, preferem deixar o assunto de quarentena, para posteriores estudos. A esses estudos, no entender do repórter, não deviam deixar de colaborar, desde que solicitados pela Câmara, alguns órgãos técnicos da Prefeitura, isto é, Secretarias de Finanças e de Administração e Procuradoria Geral.

Ouvimos alguns vereadores a começar pelo sr. Frederico Trota, autor do projeto, que declarou o que se segue:

“O projeto de Lei n. 608/58, de minha autoria, que manda conceder adicionais, por tempo de serviço, aos servidores municipais, estabelece integral paridade com os servidores da União, que desde 1952, já percebem aquele prêmio. Devo evidenciar que, no meu projeto, já estão incluídos os aposentados e jubilados, não havendo necessidade de especificação. Pelo contrário, a discriminação proposta pelo sr. Alá Batista tem o grave e perigoso inconveniente de possibilitar meu voto parcial, o que iria prejudicar todos os aposentados e jubilados, como ocorreu com o Estatuto, no qual o veto parcial negou o acréscimo de 20% sobre os vencimentos ou proventos dos aposentados e jubilados, com 35 anos de serviço.

Se o estatuto tivesse mencionado “de acordo com a legislação federal” tal não teria acontecido. Reputo, pois, a sugestão do sr. Alá Batista de ser discriminada a concessão aos inativos — inconveniente e arriscada pela razão exposta. Se for aprovada a redação que dei, não há como vetar aquilo que se concede nos estritos termos da legislação federal.”



TROTA: — “No meu projeto já estão incluídos os aposentados e jubilados, não havendo necessidade de especificação.”



WALCACER: — “Antecipo o meu voto favorável, desde que o projeto de adicionais não me venha enxertado de emendas de caráter eleitoreiro.”



COTRIM: — “A demagogia eleitoreira procrastinará a conquista de tão cara reivindicação dos servidores da Prefeitura, como essa dos adicionais.”

CELSON, MOURÃO E WALCACER

Sem entrar em pormenores técnicos, declarou o presidente da Câmara, sr. Celso Lisboa:

— “Tenho pelos funcionários municipais o maior apreço. Nêles reconheço e admiro uma admirável dedicação ao serviço público da cidade. Aos servidores federais já se fez justiça. Aos nossos, a Câmara do Distrito Federal não faltará. Como seu presidente, estarei, francamente, ao lado dêles, e desde que o projeto esteja em condições, não terei dúvidas em colocá-lo na Ordem do Dia.”

O sr. Mourão Filho, líder da maioria, é daqueles que mantêm certa reserva a respeito dos quinquênios, tendo declarado:

— “Em princípio, sou favorável. Darei o meu voto e trabalharei para que o projeto seja aprovado. Não é justo que os funcionários federais percebam adicionais desde 1952 e que os da Prefeitura não os percebam até agora. Quanto aos que já têm quinquênios, considero esse ângulo do problema digno de acurados estudos. A estes, entretanto, não estarei ausente.”

O sr. Hêlio Walcacer apóia a concessão do benefício, mas teme que na causa do mesmo surja um dos clássicos “balaíos de canguejos”:

— “Sempre fui favorável ao adicional para os funcionários da Prefeitura — sobretudo quando se sabe que os funcionários civis da União já usufruem de tal direito. Assim entendendo, não tenho dúvidas em antecipar o meu voto favorável a qualquer proposição nesse sentido, desde que a mesma não se apresente ao plenário da Câmara enxertada de emendas de caráter eleitoreiro e sem qualquer finalidade prática.”

LEVI E COTRIM

Declarou o sr. Levi Neves, quando provocado pelo repórter:

— “A alta constante do custo de vida é, no meu entender, o maior argumento para a concessão dos adicionais aos funcionários da Prefeitura — nesse sentido, em situação de inferioridade aos seus colegas da União. Dentro desse ponto de vista, não poderia votar contrariamente a essa concessão, mesmo para os que já percebem os quinquênios.”

Após reconhecer o sentido de justiça social na concessão de quinquênios, considera Cotrim Neto que o problema envolve questões financeiras relevantes e administrativas de muita significação:

— “Tôda gente sabe que a Prefeitura consome percentual excessivo na remuneração de seus servidores — diz êle — embora a desigualdade domine nesse setor, onde uns poucos ganham demais por trabalho que não executam, absorvendo imensas quantias, enquanto outros — a maioria dos servidores — percebem modestos ordenados como preço de árduos trabalhos realmente

prestados. Ao mesmo tempo, existem, nos quadros funcionais de nossa cidade, funcionários que percebem quinquênios e decênios (o grifo não é nosso) cumulativamente.”

Após acentuar que não se “podem outorgar adicionais indiscriminadamente”, atingindo os que ganham muito e pouco trabalham e os que já percebem quinquênios e decênios, afirma o sr. Cotrim Neto:

— “Havendo estudo criterioso desses problemas, estamos convencidos de que os que o merecem, poderão ter — desde agora — (o grifo é do autor) os adicionais à remuneração ordinária, sem ônus insuportável para o Erário. Contudo, não acreditamos que muitos dos vereadores aparentemente interessados no patrocínio da causa dos servidores estejam sinceramente com ela preocupados: o que realmente a esses interessa é bancar de amigo da classe (outro grifo que não é nosso) quando a eleição está próxima...”

E conclui:

— “E isso, essa demagogia eleitoreira, estamos convencidos, no mínimo procrastinará a conquista de tão cara reivindicação dos servidores, como essa dos adicionais.”

BRUNINI E OUTROS FAVORÁVEIS

— “Sou favorável — declarou o sr. Raul Brunini, líder da UDN — à concessão das gratificações adicionais por tempo de serviço aos servidores da PDF. Não acho justo que permaneça o atual sistema de preterição dos funcionários municipais, quando os seus colegas da União, das autarquias, do Tribunal de Contas da PDF e da Câmara Municipal, já recebem esse benefício desde 1952. Quanto aos servidores aposentados e jubilados, sou de opinião que êle deve ser extensivo aos mesmos, nos exatos termos da Lei Federal.”

— “Faço, entretanto — conclui o sr. Brunini — algumas restrições à concessão das gratificações adicionais aos servidores quinquênistas, de vez que considero a percepção dos quinquênios como um prêmio, não se justificando, portanto, seja extensiva, a esses servidores, a concessão das adicionais.”

Os srs. Couto de Souza, Geraldo Moreira e Rubem Cardoso deram ao repórter opiniões semelhantes, embora todos favoráveis à concessão das adicionais. Essas opiniões poderão ser assim resumidas: consideram que a vantagem deve ser concedida mesmo aos que já têm quinquênios, levando em conta não só as necessidades pessoais de cada funcionário, como a circunstância dos funcionários federais, que vivem na mesma região geo-econômica, estarem há seis anos recebendo adicionais.

Já o sr. Waldemar Viana, embora tenha declarado votar a favor dos adicionais, considerou que ainda não tem opinião formada no tocante aos servidores da PDF, que já percebem quinquênios.

CINEMA

NO
CARTÃO

33BORO-8TH
IDENT SUBWAY S
OWN - DOWNTON
BRONX BROOK
QUEENS

HITCHCOCK - o "suspense" realista

"O Homem Errado", a experiência — Um caso verdadeiro
(erro judiciário) em ritmo de "thriller"

— Henry Fonda, herói e vilão,
e Vera Miles, vítima (também) e nova estrela

GENTE

DE TODOS OS diretores de cinema, o mais conhecido do público talvez ainda seja Cecil B. deMille, porém o mais discutido — mesmo porque DeMille só aparece de quatro em quatro anos — é Alfred Hitchcock. Assim populares, aliás, não há muitos diretores. Três ou quatro, se tanto. De todos, também, Hitchcock é o que se liga a um gênero de filme muito apreciado, o **thriller**, bem como a determinada situação que pode ser criada a qualquer instante em filmes de outros gêneros — o **suspense**. Mesmo os fãs mais distraídos estão convencidos que Hitchcock é o inventor desse **suspense**. Os mais distraídos, entretanto, não conseguem identificar o diretor na "ponta" que ele costuma fazer em todos os seus filmes — o que, em muitos casos, não é tarefa fácil nem para os espectadores mais atentos.

Pelo **suspense**, pelas rápidas (e desconcertantes) aparições, pelo seu retrato em várias publicações de cinema ou de mistério, por seu programa de televisão (um dos mais populares da América) — por tudo isso, Hitchcock é uma verdadeira estrela, disputando cabeça com cabeça o páreo de popularidade com as grandes figuras da constelação hollywoodiana que costuma empregar em seus **thrillers**.

LONDRES — HOLLYWOOD

Dividida em duas fases principais — a inglesa e a americana (esta a partir de 1940) — a carreira de Hitchcock é uma das mais homogêneas de que se tem conhecimento. Raros são os seus tropeços, e, para os seus admiradores, ele não escorregou nenhuma

vez desde que se incluiu entre os melhores diretores do cinema inglês, aí por volta de 1934. Em sua fase britânica, sobressaem **Os 39 Degraus**, o primeiro **O Homem que Sabia Demais** e **Mulher Oculta** — mas muitos outros **thrillers** exemplares poderiam ser também mencionados, se a lista precisasse ser alongada. Começando em Hollywood com **Rebeca**, o cineasta pode exhibir hoje, 18 anos depois, uma coleção de experiências (as mais audaciosas) e triunfos (entre a crítica e o grande público), entrando com um capítulo só para ele na História do Cinema.

Entre os seus melhores filmes americanos, podem ser apontados os seguintes: **Suspeita** (1941), **Sombra de uma Dúvida** (1942), **Um Barco e Nove Destinos** (1944), **Pacto Sinistro** (1952), **Disque M para Matar** (1954), **A Janela Indiscreta** (1955). E é obrigatório citar algumas de suas experiências: a ação contínua (sem "cortes"), em **Festim Diabólico**; o "flash-back" falso (mentiroso) de **Pavor nos Bastidores**; e a ação à distância em **A Janela Indiscreta**; a **detective story** sem crime ou criminoso, em **Suspeita**; ou, ainda, o cadáver no meio do bosque em **O Terceiro Tiro** e levando vários personagens à certeza de que cometeram um homicídio.

A NOVA EXPERIÊNCIA

Em **O Homem Errado** (*The Wrong Man*), pela primeira vez Hitchcock aproveita rigorosamente um caso verídico, a ponto de levar a câmera até os locais em que se verificaram os principais capítulos de um erro judiciário que, embora corrigido, trouxe para sua vítima as mais graves conseqüências. Antes, em **Festim**

VERA MILES foi Miss Kansas e chegou "placê" (terceiro) no páreo de Miss América disputado em Atlantic City em 1948. Há alguns anos no cinema, só ultimamente se vem fazendo notar, como a "outra mulher" de **"Fôlhas Mortas"** (com Joan Crawford e Cliff Robertson), a namorada de Jeffrey Hunter em **"Rastros de Ódio"** (com John Wayne) e como a heroína de um "western",



Diabólico, o diretor já utilizara uma história inspirada (porém livremente) no crime famoso da dupla Leopold-Loeb, que abalou, também por causa de seu aspecto degenerado (um dos motivos do homicídio era o homossexualismo), a opinião pública no mundo inteiro. Naquele filme, todavia, Hitchcock empreendeu um ensaio, estético e técnico (a "ação contínua"), não se preocupando com o lado "realista" do assunto.

Atraído, ultimamente, pela filmagem *on location* — tendo ido, assim, à Riviera (**Ladrão de Casaca**) e ao norte da África (**O Homem que Sabia Demais**, versão n. 2) — Hitchcock chegou por esse caminho até o episódio real de **O Homem Errado** vivido dramaticamente por Manny Balestrero, violoncelista do famoso Stork Club de Nova York e que, da noite para o dia, se viu acusado de uma série de crimes que não cometeu, reconhecido por várias pessoas, vítimas ou testemunhas, e condenado à prisão. O fato ocorreu em 1953. O erro, mais tarde, foi descoberto, porém a mulher de Balestrero, atingida em cheio pelo incidente, teve de ser internada num sanatório, com séria perturbação mental.

O assunto foi convertido ao formato de história por Maxwell Anderson, o famoso teatrólogo, e este e o **scripter** Angus McPhail fizeram a adaptação cinematográfica. Empenhado em obter uma rigorosa reconstituição do caso, Hitchcock "rodou" **O Homem Errado** em Nova York, com seu **cameraman** de confiança, Robert Burks. A câmera andou pelo meio da rua, instalou-se no Stork Club, compareceu às delegacias policiais e à sala do tribunal, foi de **subway** até Queens, onde residia Balestrero com a mulher e dois filhos pequenos quando a adversidade o atingiu. Numa época de "novas técnicas" e muitas cores, **The Wrong Man** foi fotografado em preto-e-branco e sem o uso de nenhum anamorfismo ou seus sucedâneos.

NO ELENCO...

Henry Fonda se mostra, como se esperava, o intérprete ideal desse herói que vai da surpresa à confusão, ao ver-se no meio do que só pode parecer um **complot** articulado contra ele. E nisso a habilidade de Hitchcock se exhibe admiravelmente, conferindo ao filme o que, para muitos críticos, vem a ser o tom mais próximo de Kafka (**O Processo**) até hoje encontrado pelo cinema.

Vera Miles, já vista em vários filmes (entre os quais **Rastros de Ódio** e **Fôlhas Mortas**), eleva-se agora ao estrelato. Seu tipo é um meio termo entre Ingrid Bergman e Grace Kelly, duas estrelas que devem grande parte de seu sucesso a Hitchcock. E talvez por isso o diretor tenha escolhido Vera para substituir a segunda, quando o príncipe de Mônaco surgiu em cena. Hoje, Vera Miles é a única atriz que pode orgulhar-se de ter um contrato assinado com Hitchcock. O cineasta se tornou mais precavido após os últimos acontecimentos...

Nos papéis secundários, poucos são os nomes conhecidos — só Harold J. Stone (que continua fazendo o policial) e Nehemiah Persoff (o pianista toxicômano de **Orgia Sangrenta**). Mais importante, apesar de muito rápida, é a intervenção de Anthony Quayle, ator, produtor e diretor do Shakespeare Memorial Theatre de Stratford-on-Avon, que Hitchcock contratou depois de observar sua atuação em **Tamburlaine the Great** e de assistir à representação de **Caesar and Cleopatra**, dirigida por ele com sir Cedric Hardwicke no papel de César. A intervenção de Anthony Quayle é importante em **The Wrong Man** exatamente porque lhe cabe, de direito, o título de **the right man**, nessa história em que tudo gira em torno da confusão — fácil de fazer e por isso aterradora — do falso com o verdadeiro.

"Choque de Ódios" (com Joel McCrea), e de um "thriller", "A 23 Passos da Rua Baker" (com Van Johnson). É casada com o atual Tarzan do cinema (Gordon Scott) e o nascimento de um filho a afastou do trabalho logo que obteve, em "O Homem Errado", a sua primeira grande oportunidade artística. No clichê que ilustra esta página a atriz é vista ao lado de Henry Fonda.





DON ANTONIO

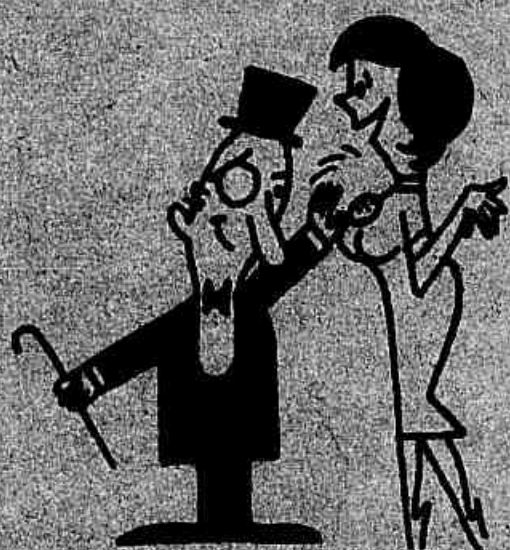
RECOMENDA:

PARA
AGRADAR A GENTIL
SENHORITA
VOCÊ PODERÁ DAR:

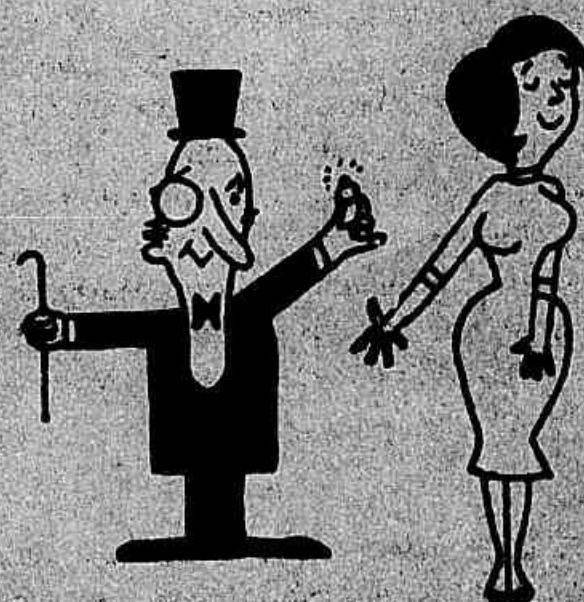
Amoroso



... UM BELO E VALIOSO COLAR...



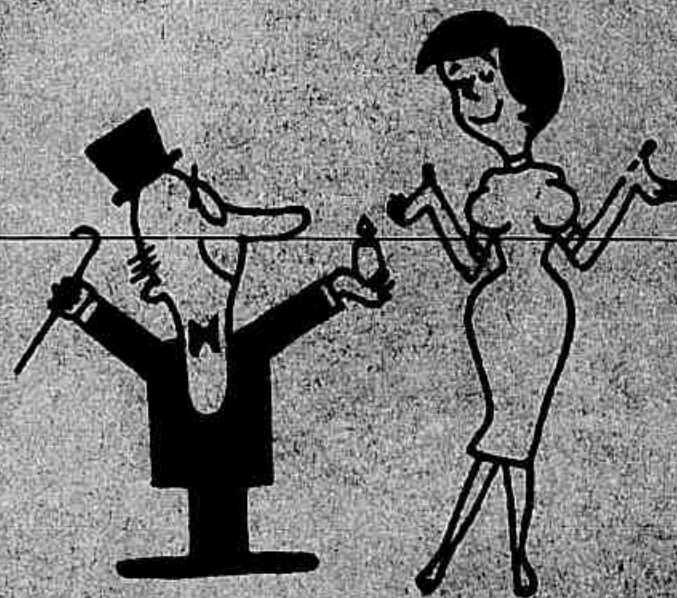
... UM BONITO E DISCRETO BROCHE...



... UM ANEL (MAS DE NOIVADO NÃO, HEIN!)...



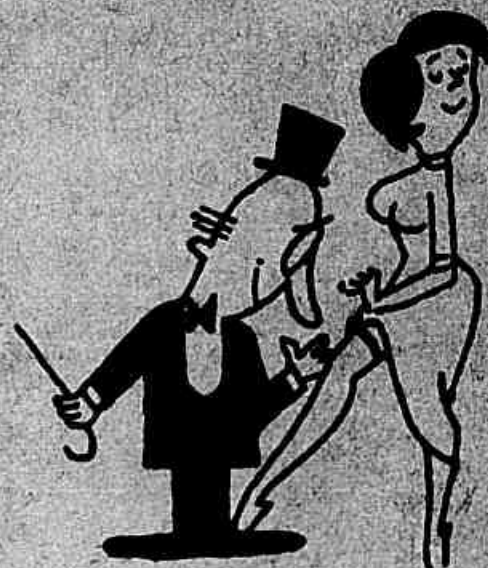
... UMA RARA E DELICADA FLOR...



... OU UM DELICIOSAMENTE FÚTIL PERFUME...



... MAS BOM MESMO, E MAIS BARATO...



... É UM ELEGANTE E FEMININO PAR DE MEIAS...

TRAPÉZIO

OSÓRIO NUNES



DULLES



FAISAL



NASSER

PANORAMA

TERMINARAM AS RECAUCHUTAGENS NO GOVERNO na mesma hora em que Leste e Oeste se engalinhavam, numa preliminar assustadora, naquela Mesopotâmia entre o Eufrates e o Tigris em que a Escritura colocou o Jardim do Eden. Se ali houve o Paraíso terrestre, sem dúvida que é um paraíso perdido. Perdido para o jovem rei Faissal, assassinado aos 23 anos no Palácio de Bagdá. Perdido para o Ocidente, que não se conforma com a perda e tomou providências para ressarcir-se do prejuízo, conjurando novos desvios.

O problema da reforma ministerial brasileira, que já era um problema menor, pela sua intempestividade, pela forma como surgiu e foi colocado, pelas mudanças, sem nenhum sentido ou vantagem, ficou, ainda, mais reduzido do que já era, em face dos acontecimentos no Oriente.

O **ÚLTIMO PREMIADO COM MINISTÉRIO** foi o sr. Fernando Nóbrega, veterano concorrente ao Ministério do Trabalho, que acabou sendo o sucessor do sr. Parsifal Barroso. Para isso, deixa a presidência do Banco Nacional de Crédito Cooperativo, uma dessas agências financeiras oficiais de que pouco se ouve falar e deve ser feliz, se é válido o conceito de que os povos felizes não têm história.

O sr. Cirilo Júnior já tinha sido contemplado com o Ministério da Justiça, o sr. Negrão de Lima já estava acomodado no Exterior, o sr. Mário Pinotti na Saúde. Os restantes ministros, todos com boa disposição ministerial, muito obrigados. Houve as costumeiras indagações em torno do nome do ministro da Guerra. Mas o general Lott desmentiu sêcamente a notícia e lá continua, imperturbável, na Praça da República. Os demais ministros militares também seguem o curso de suas pastas. A reforma de JK

encalhou. Bateu, principalmente, no escolho da UDN. A tentação era grande. O instinto de sobrevivência foi mais forte. As apetitosas pastas ficarão expostas à gula oposicionista, agora e depois de outubro. Muito mais depois de outubro. Quando, então, o apetite se tornará insuportável, o banquete estará realmente pronto, a mesa posta — e a Oposição não será convidada de cerimônia na Casa do Estado. Mesmo que a Casa seja em Brasília e se chame Palácio da Alvorada. O momento é udenista. A UDN tem graves problemas internos. Está em luta para firmar uma orientação em face das alianças partidárias (caso do Estado do Rio = Lacerda, casos da Bahia = Juracy Magalhães e do Piauí = José Cândido Ferraz). Mas o momento é udenista. Acabadas as recauchutagens, velhíssimos pneus reentraram em circulação nos carros de chapa branca. O sr. JK encerrou a sua "petite" reforma, reforma sem expressão, pois quem manda, mesmo, é o gabinete particular, é aquilo que, no primeiro reinado, se denominou de "Gabinete da Quinta da Boa Vista". Uma versão imperial da Copa e Cozinha do Catete.

PROSSEGUIU JK NA "OPERAÇÃO PAN-AMERICANA". Sendo o atual presidente da República cirurgião, poder-se-ia pensar que a "Operação Pan-Americana" fôsse algo como a ablação de um órgão enfêrmo. Engano da alma ledo e cego. É operação no sentido que se encontra nos modernos textos da militância. Claro que não se trata de operação bélica. O Brasil é pacífico, ama seus vizinhos, não precisa de terras. Mas precisa de viver em íntimo acôrdo, em mutuamente proveitoso acôrdo com todos e entre todos. Dai a "Operação Pan-Amricana", rechaçada frontalmente por uns, discretamente por outros, mas que o nosso intrépido governante continua a brandir, com aquela segurança com que venceu tôdas as

barreiras no caminho da rua Silveira Martins. Espera encarreirá-la com redobrado vigor, diante do conflito entre árabes "orientais" e "ocidentais", ao longo da antiga rota das especiarias, no caminho das esquadras medievais que, interceptadas por Saladino, conduziram à chamada guerra do cravo e da pimenta. O momento é propício.

COMO EM BISANCIO OS SABIOS FORAM SURPREENDIDOS PELOS TURCOS NA SANTA PORTA, assim os governantes da Turquia, do Irã e do Paquistão (membros do pacto de Bagdá) foram surpreendidos por Nasser em Constantinopla esta semana (cinco séculos depois).

Quinhentos após a queda de Constantinopla em poder dos turcos, os componentes do pacto de Bagdá estavam já reunidos sobre o Corno de Ouro, na semana passada. Esperavam pelo rei do Iraque. Mas o jovem monarca não viria nunca. Estava morto, assassinado em seu Palácio. Desaparecido num dos mais ferozes extermínios políticos de que se tem tido notícia. Nasser — a nova encarnação do Profeta — agitava a bandeira do pan-arabismo, à distância, tão à distância que não se encontrava no Cairo à hora do acontecimento. Com o impacto, o acôrdo de Bagdá desapareceu, tragado na própria cidade onde nascera por inspiração dos Estados Unidos, e a Doutrina Eisenhower para o Oriente Médio se viu sem expli-

cação. A instantaneidade do evento, bem demonstra como estavam despreparados, desprevenidos os ocidentais, não obstante a terrível vigilância que lhes impõe a República Árabe Unida (Governo do Egito presidido por Nasser).

DIANTE DA MOBILIZAÇÃO DOS POVOS AMEDRONTADOS COM O ORIENTE MÉDIO, o problema geral brasileiro cresce de importância. Aumentou a possibilidade de discussão do nosso país com os representantes norte-americanos — eis uma conclusão natural dos fatos novos. Na última vez que se apresentou uma conjuntura mundial idêntica, o presidente da República (era, então, o sr. Getúlio Vargas) firmou a orientação de que nenhum acôrdo obrigava o Brasil a mandar seus soldados para a Coréia. (Nota existente nos arquivos, por publicar, do sr. Lourival Fontes). Se era preciso uma contribuição, o Brasil entraria com materiais estratégicos. (Realizou o acôrdo do fornecimento de minerais atômicos).

Como procederá o Brasil, desta vez? O governo deve entrar em sessão permanente, desde já, aconselhar-se com cuidado, inclusive para evitar prejuízos ao nosso abastecimento ou os exageros do "armazenamento", que devastaram as nossas divisas há oito anos. Não se trata de Campeonato Mundial de Futebol. A hora é séria. Vamos agir com a cabeça, que o instante de agir com o pé já passou.

FIGURAS ENSAIOS E FUNÇÕES



LOTT



PARSIFAL



JURACY

◆ Numerosas pessoas não sabem em quem votar nas próximas eleições. Alguns eleitores já decidiram, de pronto, não votar em ninguém, votar em branco ou, simplesmente, não comparecer às urnas. É um fenômeno impressionante, que deve chamar a atenção dos partidos políticos mais do que pretensas reformas de instituições em que o povo não acredita.

◆ Brito Pereira, diretor da Imprensa Nacional, almoçando um pato no tucupi, na Casa do Pará, dizia que não existiam condições materiais para imprimir as listas oficiais com os nomes dos candidatos nessas mesmas eleições que vêm aí, como se pretendia. Os papéis não seriam aceitos se fossem impressos nas oficinas oficiais, dos Estados. Teriam de ser confeccionados na Imprensa Nacional. E onde o tempo para isso e para a distribuição em todo o Brasil.

◆ Ademais, como se resolveria o problema da substituição dos nomes que tivessem sido rejeitados ou dos que tivessem sido aceitos pela Justiça Eleitoral, em cima do pleito? Há registros de candidatos que são concedidos praticamente na hora de votar.

◆ Na reportagem realizada com o Presidente Juscelino Kubitschek, o enviado do "Fígaro" viu todos os habitantes de Copacabana tomando banho na praia, em dia de semana...

◆ O mesmo repórter (afagou a vaidade de JK dando-lhe apenas 50 anos) viu também a população do Rio, "a bela indolente", dormindo "à sexta". Onde, — não disse. Possivelmente nos escritórios, nas fábricas, nos leitos das estradas de ferro e a bordo dos lotações.

◆ Os acontecimentos mundiais provocados pela crise no Oriente Médio repercutiram nos bancos, que se mostraram apreensivos. A um dirigente bancário perguntei se o seu estabelecimento se encontrava em estado de alerta. "Os bancos estão sempre em estado de alerta", respondeu. "A SUMOC os mantém em alerta constante. A toda hora, pode vibrar-lhes um golpe, muito pior do que qualquer guerra no Oriente".

Razão para o alerta preexistente ao novo "rififi" Leste x Oeste: de cada cem cruzeiros de depósitos, qualquer banco é obrigado a recolher às ordens da SUMOC, no Banco do Brasil, 23 cruzeiros. Paga juros sobre os cem, mas só negocia com os 77 restantes e dali tem de retirar todo o seu lucro e despesas. A SUMOC estaria disposta a elevar, ainda mais e muito, a taxa de recolhimento obrigatório de parte dos depósitos bancários.

◆ Quanto às medidas de cautela que seriam adotadas pelos bancos, acentuou o mesmo experimentado senhor que o que melhor define

o banqueiro é o seguinte: "Banqueiro é um homem que empresta um guarda-chuva em dia de sol e pede o mesmo de volta em dia de chuva."

♦ Aliás, para a direção executiva da SUMOC foi Garrido Tôrres, que faz questão de confirmar que é brasileiro dos melhores. Terá muita oportunidade.

♦ Eficiente serviço de "deixa disso" está abrindo caminho entre os estudantes e os trabalhadores para a chegada do sr. John Foster Dulles. O secretário de Estado só não virá se o barril de petróleo do Oriente Médio inflamar de vez — e o aquecimento é grande, com tantas esquadras de fogos acesos em redor. O CACO (Centro Acadêmico Cândido de Oliveira), os dirigentes do Pacto de União Sindical já se manifestaram. Fala-se em tradição da hospitalidade brasileira, etc. Mas as reservas continuam a chegar ao Catete.

♦ Acolhedoras manifestações a Juracy Magalhães no Palácio do Catete, na introdução dos líderes de partidos políticos à "Operação Pan-Americana". JK acena com o Ministério e abre os braços à UDN. A UDN vai ao Palácio, fica enleada com a resposta, mas não fica no governo.

♦ Quem dera que ela ficasse, quem dera que 3 de outubro chegasse depressa, — suspiram os mais realistas dos realistas.

♦ Em Minas, PSD e UDN unem-se no abraço que os pode salvar de morrer sôzinhos. Começou o namôro em alto estilo, juras de afinidade sentimental de parte a parte. Entrementes, o velho PR junta-se ao PTB. Juntos, acham que podem chegar à Prefeitura de Belo Horizonte, agora, e ao Palácio da Liberdade em 1960. Treino não falta ao PR. Ao PTB falta o treino, mas sobra apetite — e que apetite!

♦ Dentro da faixa mineira, esperam que o acôrdo resulte na participação da aguerrida UDN de Minas no Ministério do Presidente Kubitschek. O sr. Magalhães Pinto (importante banqueiro, seguro articulador do acôrdo) seria indicado para o Ministério da Fazenda, pôsto para o qual, também, não lhe falta disposição.

♦ O coronel José Alexínio Bittencourt (aniversariou a 17, com o irmão gêmeo José Alberto) acha que a situação no Oriente Médio não acarretará dificuldades ao abastecimento de combustíveis líquidos no Brasil. Por ora. Também os americanos acham que a perda (avental) do Iraque não representa desfalque sensível no abastecimento petrolífero do Ocidente, muito bem provido por suas próprias fontes. O diabo não é agora (Iraque = 800 000 barris) mas o que pode vir depois — Arábia Saudita = 1 000 000 de barris, etc.).

♦ Afonso César deveria ser o chefe de Gabinete de Rômulo de Almeida, se êste houvesse aceitado o Ministério do Trabalho. O ex-presidente do IAPI está apontado pelo estado-maior de Jango como elemento partidário para suceder Rômulo na vice-presidência da Rêde Ferroviária Federal, se êste quizer (ou puder) concorrer à eleição para o governo da Bahia.

♦ Os amigos de Murilo Miranda (são muitos no meio artístico e literário) querem que o antigo diretor do Teatro Municipal seja vereador. Entendem que Murilo deve trocar os macios camarotes da principal casa de espetáculos do país pela Câmara Municipal. É uma questão de atravessar a rua. Mas em sentido contrário aos vereadores que saem da Câmara para atrapalhar o Municipal. Murilo Miranda deve ir à Câmara para defender o Municipal.

♦ Que Allah esteja convosco. Principalmente se sois árabe ou andais pelo Oriente. Se fôrdes brasileiro ou andais pelo Brasil, estais, mesmo, com Deus, que é mais sensível ao português, é extremamente tolerante com os nossos erros e absolve sempre as nossas faltas.

Assim seja. Esta semana e a outra.

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380.00 — Casal Cr\$ 520.00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON»

Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO
Por Vale Postal Cr\$ 150.00

APRENDA A DANÇAR



CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA
BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHORO
VALSA
FOX

em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já em 9ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal, 649 — São Paulo, Cr\$ 120.00. — Encontra-se também à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs. à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 — São Paulo.

LEIAM

EU SEI TUDO
Cr\$ 15.00

★ AUTOMOVEIS — *Mil* — ACESSORIOS ★



TELEG. 98-A RUA MEXICO 98-A FONES 22-6144
MEMIL 98-A RIO DE JANEIRO 98-A 42-5563
52-1066

As infiltrações que vêm sendo feitas por elementos da República Árabe Unida (RAU), comandadas por Nasser, em alguns países que aderiram ao Pacto de Bagdá chegam ao apogeu nesta semana e tomam um aspecto extremamente grave no Iraque, onde os revoltosos assumem o poder. As invasões das tropas ocidentais, no Líbano e na Jordânia dão, a situação, características ainda mais apreensivas. Nesta reportagem — um levantamento completo da situação que preocupa o mundo.

O ORIENTE

O IRAQUE limita-se ao noroeste com a Síria, ao Norte com a Turquia, à leste com o Irã, à sudoeste com a Jordânia, ao sul com a Arábia Saudita e a sudeste com o golfo Persa. Possui uma superfície de 171.599 milhas quadradas, sendo que 91.016 correspondem às suas 14 províncias. Pelo recenseamento, realizado em 1955 foram consignados, apenas nas províncias, 5.200.000 habitantes.

Os idiomas falados no Iraque são o árabe (77%), o curdo (15%), as religiões professadas — islamita (93,6%) e cristã (3,1%).

Cidades principais: Bagdá, Mosul e Barsa, sendo a primeira com 352.437 habitantes.

No ano de 57 desenvolveram-se as relações do Iraque com as nações do bloco árabe. O primeiro ministro sudanês visitou Bagdá, e o Iraque retribuiu-lhe a excursão, enviando ao Sudão uma delegação comercial. Depois, o rei Saud da Arábia Saudita esteve em Bagdá, concluindo com o Iraque um tratado comercial e intensificando as relações de amizade entre as duas nações. Em junho, o rei Hussein, da Jordânia, foi mais um chefe de estado a visitar o Iraque.

Durante a crise de Suez, o Iraque aprovava a atuação do Egito, principalmente no que tocava à obstrução ao trânsito de navios israelenses no canal. Entretanto, a nascente e já sólida aliança sírio-egípcia, apoiada pela Rússia, principiava a preocupar o governo do Iraque. No outono, todavia, a tensão diminuiu e o primeiro ministro Ali Jawdat, do Iraque foi à Damasco, bem como o Ministro da Economia iraquense, visando novos tratados que fortalecessem as relações comerciais entre os dois países. O ponto principal destes entendimentos era o tratado do petróleo através do território sírio, já que o Iraque pretendia que seu petróleo atravessasse todos os oleodutos, pelo território árabe afora. As conclusões atingidas revelaram o pleno êxito das negociações.

Em maio, o Iraque tomou parte na reunião inter-nações pertencentes ao Pacto de Bagdá, com o objetivo de discutir problemas econômicos, sob o princípio básico da cooperação. Decidiu-se nesta reunião simplificar as exigências tarifárias e estimular o transporte comercial. Estudaram-se planos para um mercado comum, para um sistema tarifário igual para toda a região, e para a formação de uma área de comércio livre abrangendo todas as nações do Pacto de Bagdá.

Em sua política interna, o Iraque, com os lucros da exploração do petróleo, organizou um vasto plano econômico de constru-

ções, que incluía a edificação de novas pontes em Bagdá, um novo aeroporto, desenvolvimento das linhas aéreas iraquenses, com novas rotas para a Europa. Outro importante passo do governo foi o estabelecimento da Universidade de Bagdá.

O Iraque ainda participou do problema algeriano, ficando ao lado dos nacionalistas, e organizando um levantamento de fundos em benefício das vítimas das batalhas.

A lei Marcial, introduzida no Iraque em novembro de 56 como consequência da crise de Suez, foi suspensa em maio. Embora a primeira metade do ano de 57 visse Suez semi-aberto aos vapores de pequeno calado, ainda havia muito que fazer para desimpedir esta vital artéria do fornecimento de petróleo do Oriente Médio para o resto do mundo. Com a obstrução parcial de Suez, a Europa deixava de receber cerca de 1 milhão e meio de barris de sua cota diária, situação que foi agravada pela sabotagem síria aos oleodutos provenientes do Iraque, e que reduziam de 500 mil barris diários o fornecimento.

A crise econômica no setor petrolífero apenas podia ser contornada de maneira razoável pela distribuição do petróleo americano e venezuelano na Europa. O Suprimento Externo de Petróleo dos EE.UU., formado por todas as companhias petrolíferas norte-americanas, resolveu adotar uma atitude idêntica à que tomara durante a crise do Irã em 1951, quando este país decretara a nacionalização das empresas de petróleo do seu território, durante a fase mais crítica da Guerra da Coreia.

Na crise de 57, como no caso anterior, a principal meta da operação era o fornecimento do óleo cru para abastecer as refinarias européias. O Suprimento Externo de Petróleo recebeu o título especial de Comitê de Emergência do Oriente Médio, e passou a operar voluntariamente, sob o controle do Departamento de Mobilização Defensiva do governo norte-americano, sendo suspensas, na época, as sanções legais anti-truste, pelo Dep. de Justiça do governo.

As consequências diretas da crise foram o aumento de preço do óleo cru e (naturalmente) do preço da gasolina.

Com a abertura definitiva do Canal de Suez por Nasser e a concordância da Síria em reparar os oleodutos danificados e assegurar o livre trânsito do petróleo através de seu território, a situação normalizou-se em maio, quando o Comitê de Emergência suspendeu suas atividades.

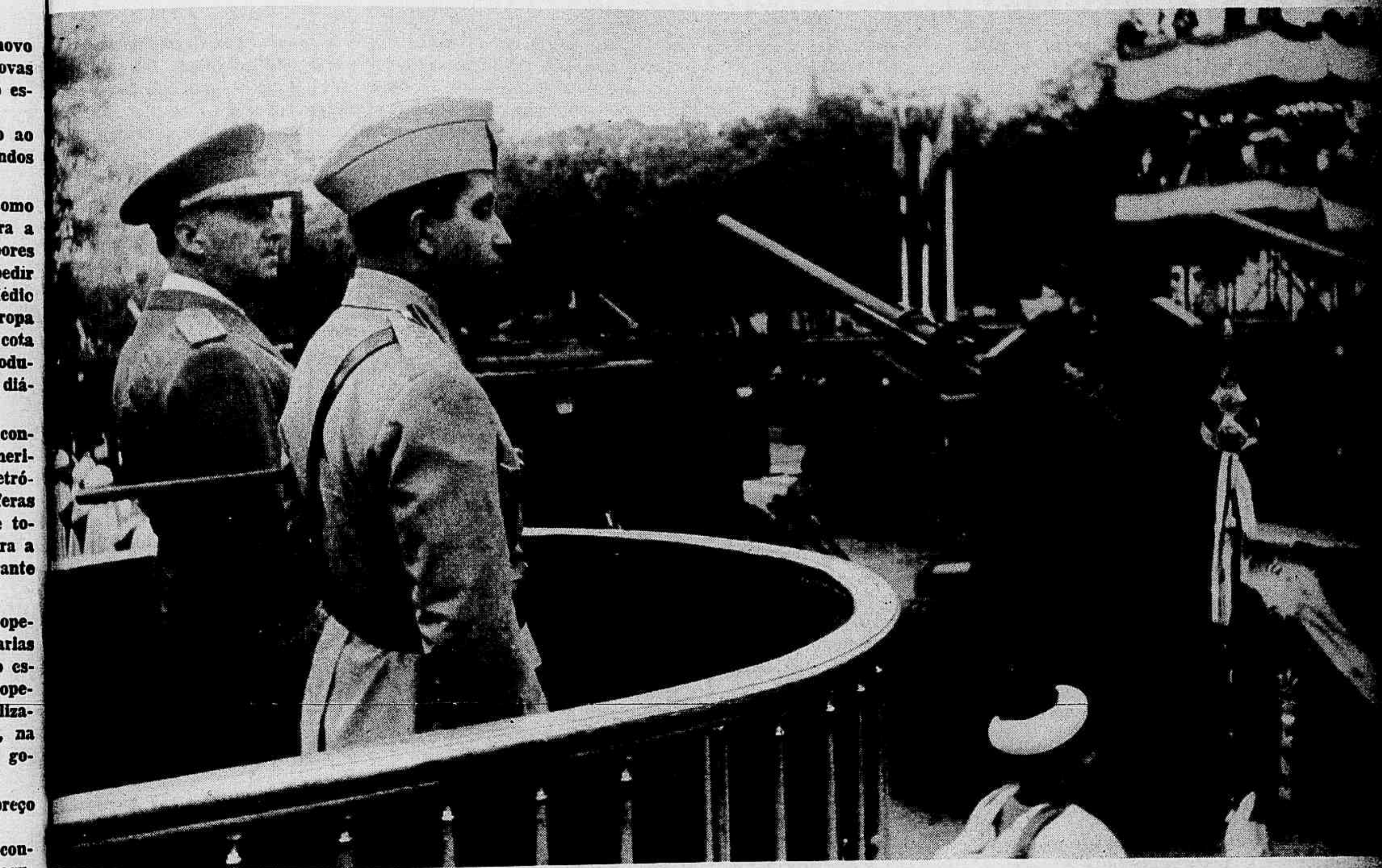
NOVAMENTE se torna o Oriente Médio o ponto para onde se convergem as preocupadas atenções de todo o mundo. A situação provocada pelas guerrilhas entre rebeldes e governistas, na República do Líbano, já por si delicada, pelo que representava de entrave à conservação da paz mundial, conseguida sabe Deus a custa de quê, é de repente agravada com a brusca notícia da revolução do Iraque. E o pretexto que se parecia procurar para a explosão de uma guerra de proporções e de resultados calamitosos, de repente, com a revolução do Iraque — iniciada tragicamente — parece ter sido desgraçadamente encontrado. As notícias são, ainda, sumárias, mas suficientes para se prever as suas dramáticas consequências: no dia 14, os revoltosos do Iraque tomam de surpresa o governo, matam o rei, o príncipe regente e o primeiro ministro — e, com as rédeas do poder, declaram um novo governo militar, chefiado pelo general Ahmed Al-Badi. Aparentemente — uma

questão de política interna. Mas a questão — todos o sabem — transcende do local, se espalha, inquieta o mundo, porque tais choques escondem problemas ainda mais graves: o que importa é o que se passa por trás de todo esse conflito entre pequenos países — o conflito entre as duas grandes potências que os manobram.

A SITUAÇÃO DO IRAQUE

As manchetes dos jornais, nesta semana de apreensões, comentam a inquietante situação do Líbano e do Iraque. No Líbano, o problema se vinha agravando há dois meses, com as infiltrações de elementos subversivos, provindos da República Árabe Unida, e os pedidos de proteção feito à ONU pelo presidente Chamoun. E, no Iraque, o rei Faisal é subitamente morto a tiros, no dia 12, por um guarda de seu próprio palácio, juntamente com o príncipe her-

ASSUSTA O MUNDO



No dia 14, o rei Faisal, do Iraque, é morto no próprio palácio, juntamente com o príncipe-regente. Um governador militar — Ahmed Al-Badi — toma as rédeas do poder. Na foto, o jovem rei ao lado do generalíssimo Franco, quando de sua visita à Espanha.

deiro — Abdul Illah. Segundo as declarações conhecidas, passa-se o fato da seguinte maneira: um soldado, que representava o novo regime, chegara a Palácio para entregar um ultimatum ao Rei. Faisal e Abdul Illah encontravam-se juntos, quando o emissário entrou na sala. Ao vê-lo aproximar-se, Abdul tenta detê-lo, mas é morto por um guarda do palácio, juntamente com Faisal, antes de conseguir apanhar a pistola que levava. Também o primeiro ministro iraquiano — Nuri Es Said é morto a tiros quando tenta fugir, disfarçado em mulher. A informação é anunciada pela emissora de Bagdá, já controlada pelos rebeldes: sabendo-se encontrar o ministro escondido numa casa do bairro de Bad El Shark, são despachadas tropas para o local. Uma anciã, que se encontrava na casa, começou a disparar contra os soldados, que responderam ao ataque, matando-a. Acercados do cadáver, verificaram tratar-se do primeiro ministro.

Tanto o rei do Iraque, como Nuri Es Said estavam sendo esperados na Turquia, para uma conferência que se deveria efetuar em Istambul, com os chefes de Estado da Turquia (o presidente Celal Bayer), do Irã (o Xá Reza Pahlevi), do Paquistão (o presidente Iskander Mirza) e do Iraque, juntamente com os seus primeiros ministros. Foram esses os países levantinos que, respondendo a um apelo do Secretário de Estado norte-americano — Foster Dulles — estabeleceram as bases do Pacto de Bagdá para defender o flanco norte do Oriente Próximo.

Reforçado pela "doutrina Eisenhower", de janeiro de 1957, era tal pacto um esforço ocidental, através de uma rede de alianças, a fim de isolar a ameaça russa. Representavam os países que a ele aderiram, portanto, uma espécie de equilíbrio no meio das repúblicas árabes, influenciadas por Nasser. A vitória da revolução iraquiana, já que os rebeldes aderiram a RAU, significará, por-



A insurreição irrompida no Líbano, há dois meses, foi inspirada e alimentada pelo presidente Nasser, da República Árabe Unida. Também a reviravolta porque passou o Iraque, e a conspiração da Jordânia, abafada em tempo pelos ingleses, tiveram, em Nasser, o seu instigador. E, por trás de Nasser — a Rússia.

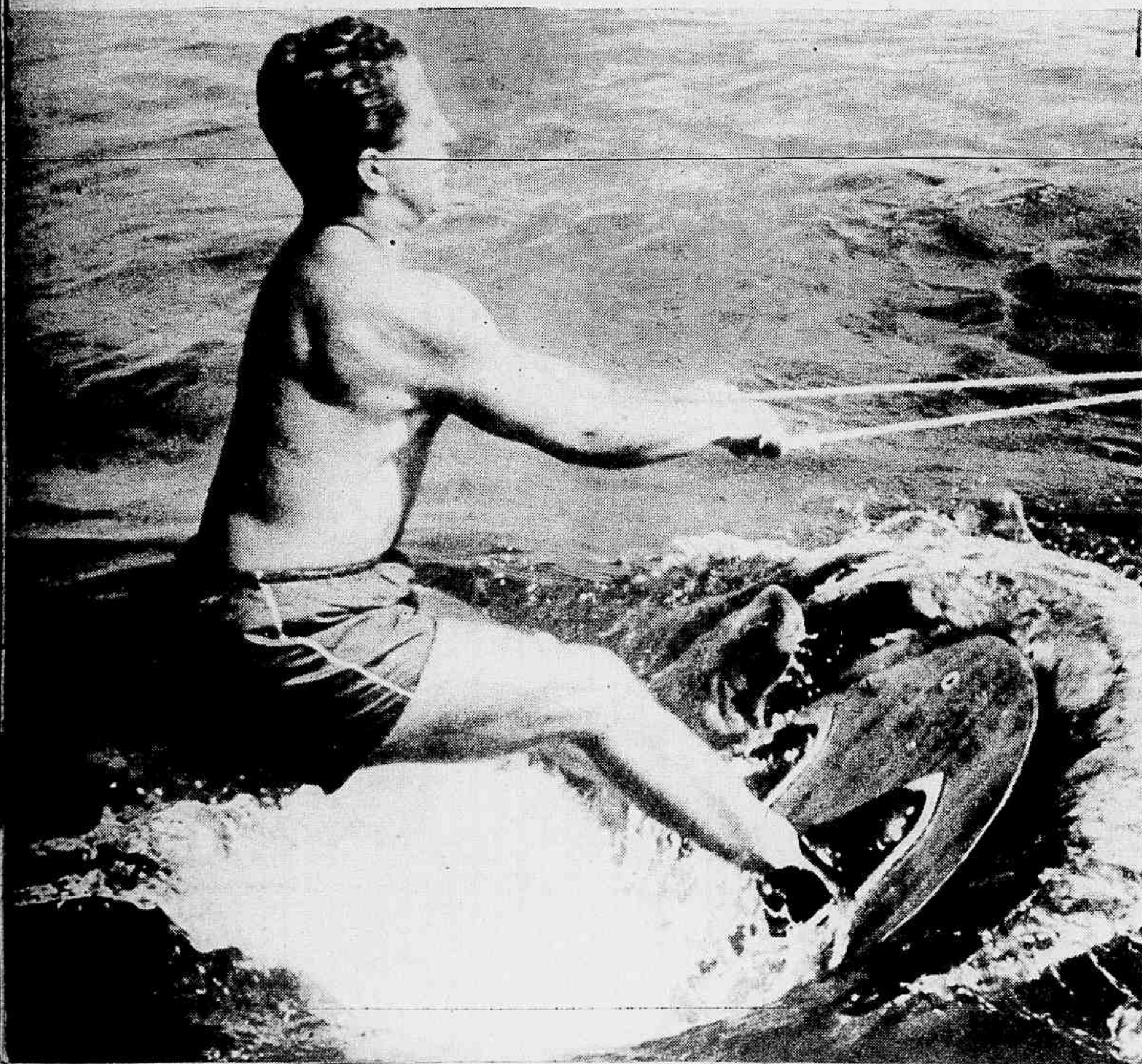
tanto, o início da dissolução daquele Pacto, com que se pretendia envolver os territórios dominados pelos soviéticos.

Depois de anunciado, pela rádio de Bagdá em poder dos rebeldes, o novo governo militar do Iraque, uma grande força do exército iraquiano leal ao rei Faisal marcha sobre Bagdá para contra-atacar os insurrectos. Mas a tropa, pertencente à segunda Divisão do Exército do Iraque, está sediada ao norte do país, em Mosul, Kirkuk e Sulaymniyah — a uns 240 quilômetros da capital. Dois dias terão levado para chegar a Bagdá. Tais notícias, coincidem com os apelos de calma feitos pela rádio de Bagdá à população da cidade, pela junta militar que se apoderou do governo no dia 14: uma proclamação emitida pelo governador militar — general Ahmed Al-Badi, pelo rádio, pede calma ao povo, para o prosseguimento feliz do movimento. Notícias posteriores informam que o ambiente de Bagdá é de tranquilidade.

A REAÇÃO DO MUNDO

Enquanto isso, o mundo assiste, preocupado, a reviravolta ocorrida. O Conselho das Nações Unidas se reúne em face do pedido dos Estados Unidos para o exame da queixa que vinha fazendo há alguns dias o governo libanês contra o da República Árabe Unida — desde que começaram a crescer as infiltrações daquela República no país governado por Chamoun. “A atitude da RAU — diz a reclamação libanesa — “é uma intervenção nos assuntos internos do país, e cria uma situação cujo prolongamento é suscetível de ameaçar a paz e a segurança internacionais”.

Por sua vez, a pedido de Chamoun, e segundo o art. 51 da Carta das Nações Unidas (toda a vez que houver perigo para a paz mundial, pode-se atender ao apelo de um governo legalmente constituído), enviam os Estados Unidos tropas para ajudar o país a manter a sua soberania e sua integridade territorial. Um contingente de 5.000 fuzileiros navais rumam para o Líbano, embora frisem os Estados Unidos que as tropas não têm nenhuma ação hostil e que sua missão é unicamente em caráter de proteção. E o próprio presidente Eisenhower defende o desembarque das forças no Líbano como um ato necessário “em apoio dos princípios de justiça e do direito Internacional”, embora “tenha consciência



O Oriente Médio — cenário dos tumultuosos e gravíssimos acontecimentos dos últimos dias. Ai estão, ao lado da República Árabe Unida (Egito e Síria), presidida por Nasser — os países que aderiram ao Pacto de Bagdá: Turquia, Irã, Federação Iraque-Jordânia, e Paquistão — onde se processam as infiltrações da RAU. Em Beirute, no Líbano, desceram as tropas americanas e francesas e, na Jordânia, as inglesas.



O rei Faisal, exercitando-se no esqui aquático, numa época em que, nem de longe, imaginava o seu desfecho trágico.

endia

s re-
ca do
para
grunda
s, em
pital.
coin-
à po-
vêrno
ar —
ara o
mam

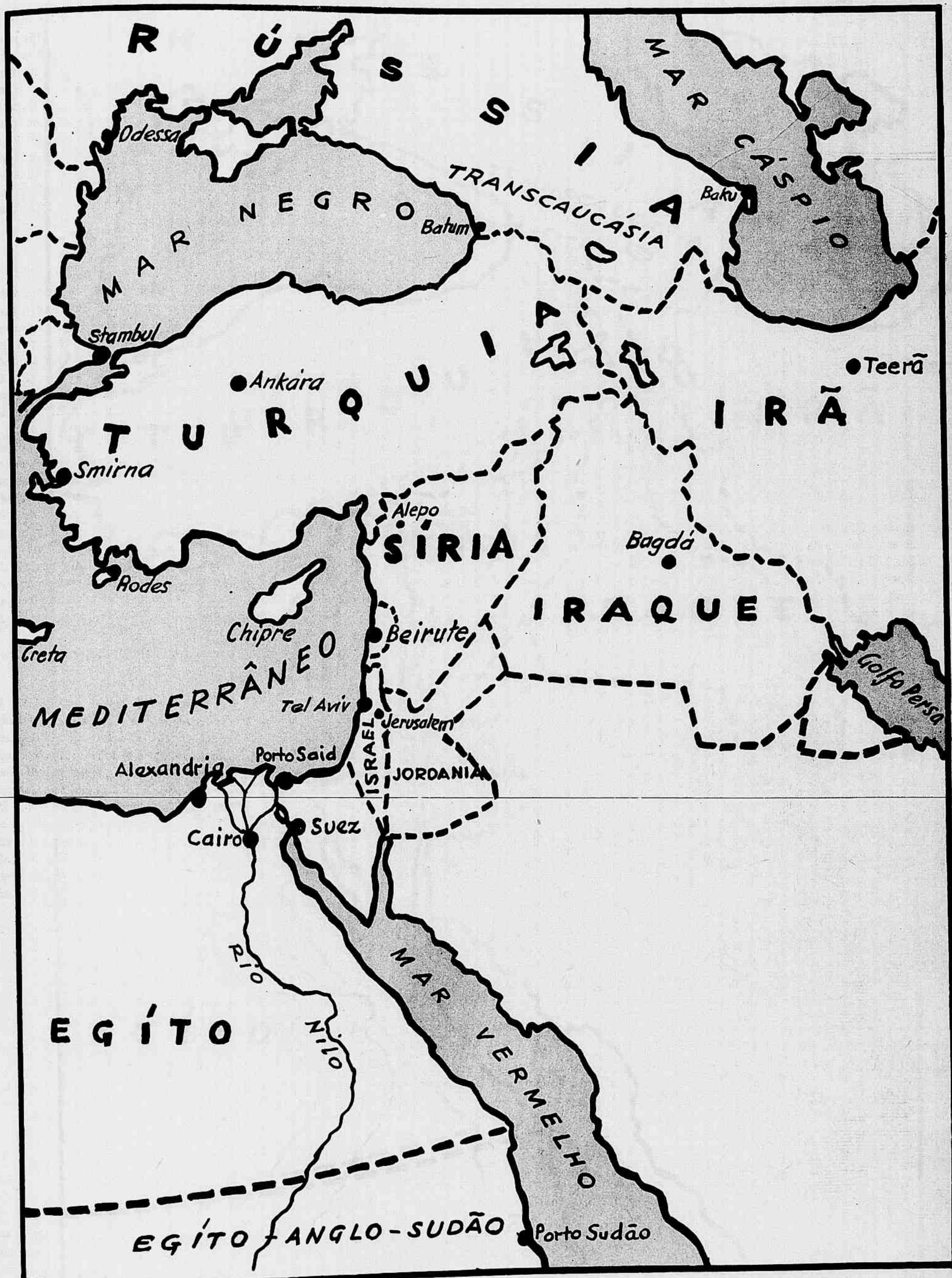
volta
o pe-
zen-
árabe
quela
RAU
untos
sus-

51 da
ara a
nente
país
con-
abora
ação
ão. E
fôr-
cípi-
ência

los tu-
onteci-
estão,
Unida
r Nas-
am ao
, Irã,
e Pa-
am as
eirute,
s ame-
rdânia,

→

no es-
n que,
o seu





O rei Hussain conseguiu evitar, na Jordânia, com o auxílio dos ingleses, o golpe de estado que se processou, com êxito, no Iraque. Este país, que havia aderido ao "Pacto de Bagdá", tornou-se, com a revolução vitoriosa, mais um aliado da RAU.



Soldado iraquense, da segunda grande guerra. Esta tropa, fundada em 1915, era formada por companhias divididas de acordo com costumes e religião (cristã e, principalmente, maometana).

de que o desembarque poderá ter graves consequências". Diz que o objetivo das forças é "proteger as vidas dos cidadãos norte-americanos que vivem no Líbano e, com sua presença, ajudar o governo libanês a preservar a sua independência política" e que os EUA não pensam "em substituir as Nações Unidas, cuja responsabilidade primordial é a manutenção da paz e da segurança mundiais".

E conclui:

— "Se reagimos como o fizemos, em coisa de horas, foi porque a situação era de tal natureza que somente a ação imediata poderia provocar resultados". Mas deseja que a ONU tome medidas adequadas que permitam a retirada imediata das forças.

Horas depois, entretanto, o Departamento de Defesa informa que uma segunda leva — esta de 1.800 fuzileiros navais norte-americanos desembarca em Beirute, na manhã do dia 18, e outro número igual desembarcava à tarde. Por sua vez, os presidentes do Paquistão e da Turquia, bem como o Xá do Irã, enviam a Eisenhower mensagem apoiando integralmente aquela ação militar.

Não há resistência por parte dos rebeldes do Líbano. E mesmo, enquanto os soldados de infantaria da Marinha dos Estados Unidos percorrem os oito quilômetros que vão das praias onde desembarcaram até o centro de Beirute, o líder rebelde, sediado no Líbano — Saeb Salem — ordena a suspensão das hostilidades. É verdade que não penetram os americanos nas estreitas ruas onde se encontram os grandes focos de revoltosos; mas os principais pontos da cidade são logo ocupados pelos fuzileiros — enquanto um destacamento garante a segurança pessoal do embaixador americano em sua residência, e outro a do Presidente Chamoun, no seu palácio.

PETRÓLEO — VERDADEIRA RAZÃO

Enquanto cresce a remessa dos contingentes americanos, a Rússia, sob a ameaça de reação, exige a imediata retirada das tropas, advertindo que, se não for atendida, se reserva o direito de tomar as "medidas necessárias" no Oriente Próximo, esclarecendo que "não pode ficar como simples espectadora ante a "agressão" norte-americana. E pede às Nações Unidas que imponham sanções aos Estados Unidos. Por sua vez, reconhece o novo governo revolucionário do Iraque, ao qual deseja todo o êxito possível. E o Ministro Kruchev, em cabograma enviado a Karim Al Kassim, primeiro ministro do novo regime iraquiano, declara:

"O governo da Rússia alimenta a esperança de que a criação da República do Iraque contribua para a ulterior consolidação da paz universal, e para o desenvolvimento das relações entre os dois países".

A China Popular, a Romênia, a Polônia e Tchecoslováquia resolvem reconhecer, também, o novo regime do Iraque.

Mas há, em toda essa série de declarações pomposas dos americanos e dos russos, qualquer coisa de infantil. Bem sabemos que, por trás de toda a demagogia, há interesses ocultos: o petróleo do Iraque, do qual se abastecia o mundo ocidental, e é cobiçado pelos russos. A própria União Soviética, ferida nos seus interesses, põe as cartas na mesa: e afirma que a "verdadeira razão" da remessa de tropas norte-americanas para o Líbano "é o desejo dos monopólios petrolíferos de reter o seu predomínio colonialista nos países do Oriente Médio", e que a preocupação de Washington a respeito dos cidadãos americanos no Líbano é um simples "pretexto" para justificar a intervenção armada naquele país.

Considera que a tentativa do Iraque de libertar-se do colonialismo não agrada às potências ocidentais, que receberam a criação da República Iraquense com hostilidade não dissimulada. E depois de denunciar como "inadmissível" a atitude do rei Hussein, que assumiu o governo da Federação do Iraque e da Jordânia — pois o novo governo iraquense anunciou oficialmente ter abandonado a Federação formada entre os 2 países, conclui que não pode permanecer indiferente aos acontecimentos que criam uma ameaça séria na região vizinha de suas fronteiras".

Enquanto isso, cinco mil pára-quedistas britânicos descem na Jordânia, atendendo ao pedido que faz, por sua vez, à Inglaterra, o rei Hussein, em face da ameaça de um novo golpe de estado, organizado pela RAU, desta vez naquele país. Na verdade, a rebelião se alastra, em todos os países que aderiram ao Pacto de Bagdá. O porta-aviões "Eagle" deixa o cais de Malta e se apresta para tomar posição ao largo das costas libanesas e israelenses a fim de cobrir uma operação britânica na Jordânia ou para apoiar os americanos do Líbano. E a França promete, de seu lado, cooperar com os americanos e ingleses. Por sua parte, a República Árabe Unida começa a reunir voluntários para suas fileiras...

Tudo se prepara para uma guerra total — uma guerra que durante anos está latente. Poderá a diplomacia da ONU evitar o perigo que já se encontra às portas? É essa uma pergunta inquietante, cuja resposta — feliz ou infelizmente — saberemos em breve.

Uma pequena lição

EU SEI TUDO



TU SABES TUDO



ÊLE SABE TUDO



NÓS SABEMOS TUDO



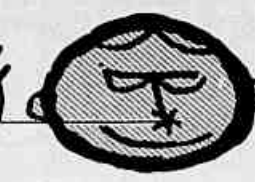
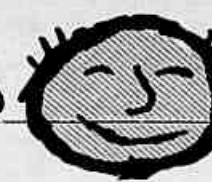
VÓS SABEIS TUDO



ÊLES SABEM TUDO



TODOS SABEM:

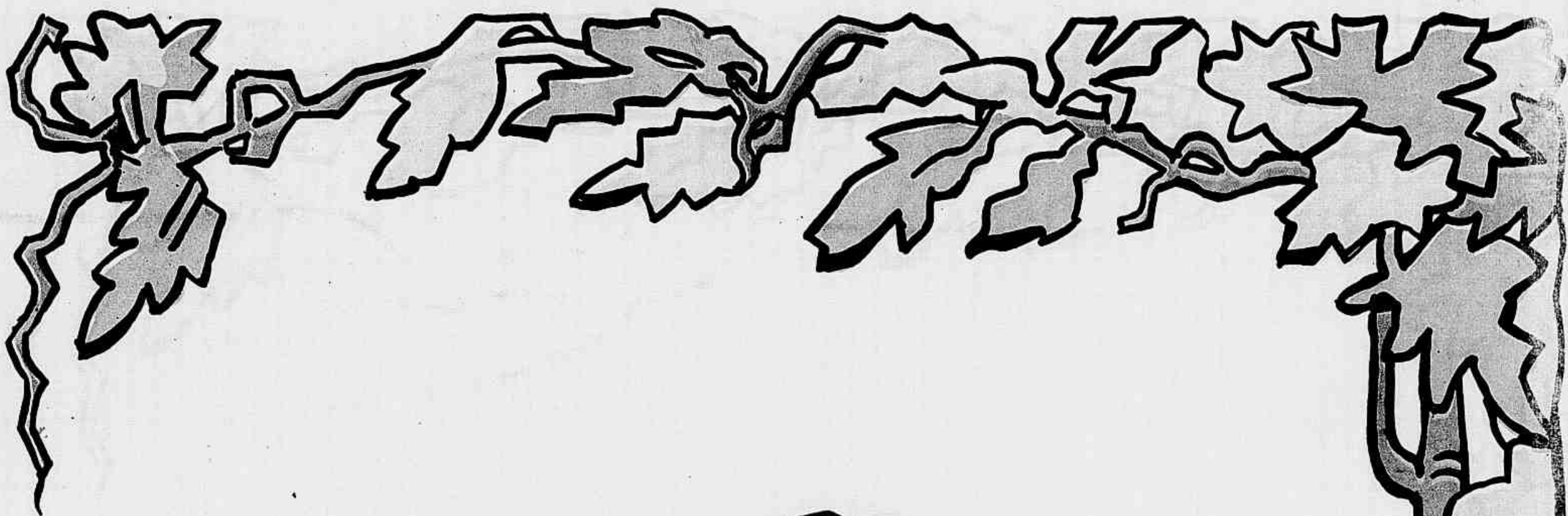


EU SEI TUDO

a revista que

TUDO SABE · TUDO CONTA · TUDO EXPLICA

REDAÇÃO: RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO



HOTEL
AMAZONAS

BRASÍLIA
PALACE HOTEL

